

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VALDILENA RAMMÉ

A EXPRESSÃO DO DESLOCAMENTO NAS LÍNGUAS NATURAIS: ANÁLISE DA  
ESTRUTURA [ $V_{\text{maneira}}$  +  $\text{Prep}_{\text{loc}}$ ]

CURITIBA  
2012

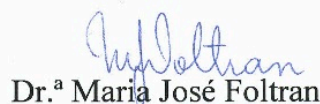


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata quingentésima septuagésima segunda, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **VALDILENA RAMMÉ**. No dia quatorze de novembro de dois mil e doze, às quatorze horas, na sala 1005-B, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **TERESA CRISTINA WACHOWICZ**, Presidente, **MARIA JOSÉ FOLTRAN** e **SÉRGIO MOURA MENUZZI**, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: **A EXPRESSÃO DO DESLOCAMENTO NAS LÍNGUAS NATURAIS: ANÁLISE TRANSLINGUÍSTICA DA ESTRUTURA [V<sub>MANEIRA</sub> + PREP<sub>LOC</sub>]** apresentada por **VALDILENA RAMMÉ**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **TERESA CRISTINA WACHOWICZ** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**, devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia quatorze de novembro de dois mil e doze. xxxxxxxxxxxxxxxx



Dr.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz



Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran



Dr. Sérgio de Moura Menuzzi



Valdilena Rammé



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

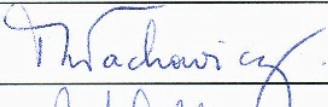
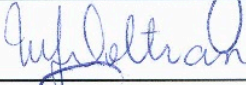
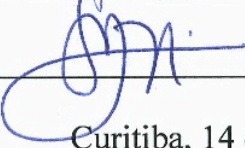
## PARECER

Defesa de dissertação da mestranda VALDILENA RAMMÉ para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

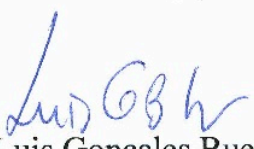
Os abaixo assinados TERESA CRISTINA WACHOWICZ, MARIA JOSÉ FOLTRAN e SÉRGIO MOURA MENUZZI arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

A EXPRESSÃO DO DESLOCAMENTO NAS LÍNGUAS NATURAIS: ANÁLISE TRANSLINGUÍSTICA DA ESTRUTURA [V<sub>MANEIRA</sub> + PREP<sub>LOC</sub>]

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		A
MARIA JOSÉ FOLTRAN		A
SÉRGIO DE MOURA MENUZZI		A

Curitiba, 14 de novembro de 2012

  
Prof. Dr. Luis Gonçalves Bueno de Camargo  
Coordenador

VALDILENA RAMMÉ

A EXPRESSÃO DO DESLOCAMENTO NAS LÍNGUAS NATURAIS: ANÁLISE DA  
ESTRUTURA [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>]

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em Linguística, no Curso  
de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências  
Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do  
Paraná.

Orientadora: Dra. Teresa Cristina Wachowicz

CURITIBA  
2012

Catálogo na Publicação  
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Rammé, Valdilena

A expressão do deslocamento nas línguas naturais: análise da estrutura [Vmaneira + Preploc] / Valdilena Rammé. – Curitiba, 2012.  
144 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina Wachowicz  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Língua portuguesa – Lingüística. 2. Língua portuguesa – Sintaxe. 3. Língua portuguesa – Semântica. I. Título.

CDD 469

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Profa. Dra. Teresa C. Wachowicz, pelo acompanhamento, orientação e amizade.

Ao Curso de Pós-Graduação em Linguística, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, na pessoa do seu coordenador Prof. Dr. Luis Gonzalez Bueno de Camargo, pelo apoio recebido.

Aos Professores Dra. Maria José Foltran, Dra. Lígia Negri, Dra. Maria Cristina Figueiredo Silva, Dra. Roberta Pires de Oliveira, Dr. Roberlei A. Bertucci e Dr. Sergio Menuzzi, pelas contribuições e sugestões no trabalho.

Aos meus amigos e à minha família pelo apoio e compreensão de sempre.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende estudar translinguisticamente em português brasileiro (PB), francês e inglês a expressão de mudança de lugar (movimento inerentemente direcionado) denotada pelas construções  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$ : “Uma pedra voou no capô do meu carro”. O resultado que comumente esperamos quando interpretamos sentenças com estas construções é a leitura de que o movimento ou deslocamento denotado pelo verbo ocorre dentro de um único espaço (A), introduzido pela preposição, sem que a figura em movimento saia deste lugar de referência para um outro lugar-alvo, isto é, que a figura comece e termine a ação denotada pelo verbo no mesmo lugar-fundo. Como a leitura alternativa evidenciada em nossos dados pode ser licenciada ou denotada pelo verbo, pela preposição, ou pela interação de traços semânticos, sintáticos ou conceituais de ambos, nos propomos a analisá-los cuidadosamente. Assim, começaremos este debate com a análise de alguns verbos da classe dos Verbos de Maneira de Movimento sob a luz da teoria decomposicional de Pinker (1989, 2005) apoiada por Talmy (2000) e, em seguida, veremos Jackendoff (1989) que nos fornece uma proposta interessante de decomposição da estrutura conceitual das preposições espaciais. Finalmente, como ambas as teorias não nos permitem explicar com sucesso a variação de nossos dados, nos serviremos da proposta de Sintaxe de Primeira Fase de Ramchand (2008) associada a conceitos da Nano-sintaxe como é sugerido em Fábregas (2007) e em Pantcheva (2007). Estes últimos recomendam um sistema nos moldes da teoria X-barras que integra conceitos de teorias lexicalistas e sintáticas, mas que concebe o Léxico e a Sintaxe como componentes de um único nível de processamento, anterior a inserção, justificando assim a dispensa de regras de ligação entre os dois planos. Ao longo da análise, fomos capazes de formular algumas hipóteses para as alternâncias acima sugeridas, entre elas a de que os verbos de maneira de movimento não carregam todos o mesmo arranjo de traços conceituais primitivos, o que explicaria seus comportamentos distintos. Nossos dados e conclusões nos fizeram, acima de tudo, questionar a existência de uma classe natural homogeneia que se organize em torno de um único traço relevante: no caso, o traço de Maneira. De fato, sugerimos que o comportamento de um verbo não é previsível somente porque ele carrega um único traço conceitual, mas pela combinação de vários traços que são, por sua vez, de um número limitado. Estes traços se organizam, então, dentro de um ou mais itens lexicais, variando na sua distribuição de uma língua para outra. O que propomos ser universal é o arranjo destes traços, que respeita uma determinada hierarquia e certas regras de distribuição, enquanto que línguas distintas os distribuem em itens lexicais variados.

**PALAVRAS-CHAVE:** verbos de maneira de movimento, estrutura conceitual, semântica cognitiva

## ABSTRACT

This research aims to study translinguistically in Brazilian Portuguese (PB), in French and in English change of place expression (inherently directed motion) denoted by the constructions [+ Vmaneira Preploc]: "A stone flew on the hood of my car." The result which is commonly expected when interpreting sentences with these constructs is that the reading of the movement or displacement denoted by the verb occurs within a single space (A), introduced by the preposition, without the figure moving out of this place of reference to an elsewhere target, i.e., the figure begins and ends the motion action denoted by the verb in the same place. Since the alternative reading evidenced in our data can be licensed or denoted by the verb, the preposition, or by the interaction of semantic, syntactic and conceptual features of both, we propose to analyze them carefully. Thus, we begin this discussion with an analysis of some verbs that belong to the Verbs of Manner of Motion class in light of the decompositional theory proposed by Pinker (1989, 2005) and supported by Talmy (2000). Then we will see Jackendoff (1989) who provides us with an interesting decomposition proposal of the spatial prepositions conceptual structure. Finally, as both theories do not allow us to successfully explain the variation in our data, we will exploit as well the First Phase Syntax theory proposed by Ramchand (2008) associated with the concepts of Nano-syntax as suggested in Fábregas (2007) and Pantcheva (2007). The latter recommend a system along the lines of X-bar theory that integrates lexical and syntactic concepts and theories, but that conceives Lexicon and Syntax as components of a single level of processing, prior to insertion, thus justifying the waiver of linking rules between the two plans. Throughout the analysis, we were able to formulate some hypotheses for the alternative readings above suggested, among them that the verbs of motion do not all carry the same conceptual primitive features arrangement, which may explain their different behaviors. Our data and conclusions made us, above all, question the existence of a homogeneously natural class that is organized around a single relevant feature: in this case, the trace of Manner. In fact, we suggest that the behavior of a verb is not predictable because it carries only a single conceptual feature, but by combining several features that are, in turn, in a limited number. These features are organized then within one or more lexical items varying in their distribution from one language to another. What we propose as universal is the arrangement of these features, as it regards a certain hierarchy and distribution rules, while distinct languages can distribute them in various lexical items.

**KEYWORDS:** verbs of manner of motion, conceptual structure, cognitive semantics



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
<b>CAPÍTULO 1</b> TEORIAS SEMÂNTICO-COGNITIVAS: CRITÉRIOS QUE DEFINEM COMO CLASSIFICAMOS VERBOS COM ESTRUTURAS SEMELHANTES.....	<b>24</b>
1.1. Decompondo significados na base cognitiva .....	30
1.2. Uma classificação que leve em conta outros critérios .....	43
1.3. Como se comportam alguns verbos da classe dos verbos de maneira de movimento no PB .....	46
<b>CAPÍTULO 2</b> UMA CLASSIFICAÇÃO VERBAL DENTRO DA NANO-SINTAXE E DA SINTAXE DE PRIMEIRA FASE .....	<b>50</b>
2.1. O Sistema “Sintaxe de primeira fase” de Ramchand (2008).....	51
2.2. Os verbos de maneira de movimento do PB e a Sintaxe de Primeira Fase .....	71
<b>CAPÍTULO 3</b> PREPOSIÇÕES LOCATIVAS DENTRO DE ALGUMAS TEORIAS SEMÂNTICAS E DA NANO-SINTAXE: CONSEQUÊNCIAS PARA A INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA [V <sub>maneira</sub> + Prep <sub>loc</sub> ].....	<b>84</b>
3.1. Decompondo PPs à luz da teoria de Jackendoff (1989).....	85
3.2. Contribuições da Nano-sintaxe para a análise das PPs em construções que denotam movimento.....	96
CONCLUSÃO .....	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	128
ANEXO 1 .....	130

## INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a analisar o comportamento particular de um grupo de amostra composto por verbos da classe dos **verbos de maneira de movimento**<sup>1</sup> (entre eles: *caminhar, rolar, pular, escorregar, deslizar, correr, dançar, voar, rastejar e nadar*) em sua interação com as preposições locativas *em* (*dans* do francês e *in* do inglês), *sob* (*sous/under*) e *sobre* (*sur/on*) na expressão do deslocamento. Especificamente, no campo da expressão do movimento, entendemos como verbos de maneira de movimento aqueles verbos que, segundo a classificação de Talmy (2000), através de um movimento de conflação (conflation) de traços primitivos, realizam no mesmo lexema verbal os traços semânticos de *Movimento* (Motion) e *Maneira* (Manner). Isto é, esses verbos não somente exprimem um movimento ou deslocamento no espaço, mas também especificam o modo como esse movimento se desenvolve.

Assim como Talmy (2000) acreditamos que, ao estudarmos a expressão do deslocamento em línguas naturais, sejamos capazes de isolar e classificar alguns elementos dentro do domínio do significado que, relacionando-se entre si, influenciam a forma da estrutura de nossas línguas, definindo, por exemplo, em que estruturas sintáticas os verbos de uma determinada classe natural podem aparecer, e quais estruturas são bloqueadas para estes verbos. Entre estes elementos estão os elementos semânticos (primitivos) do tipo ‘*Movimento*’ (Motion), ‘*Trajetória*’ (Path), ‘*Figura*’ (Figure), ‘*Fundo*’ (Ground), ‘*Maneira*’ (Manner) e ‘*Causa*’ (Cause), e elementos de superfície como verbo, adjuntos, subordinadas (subordinate clauses), e o que podemos caracterizar como ‘satélite’<sup>2</sup> (Talmy, 2000). Ainda segundo o autor, e em conformidade com autores de teorias distintas<sup>3</sup>, a estrutura de uma língua natural seria definida pela relação direta entre os elementos semânticos e os possíveis elementos de superfície através dos quais eles se realizariam. Estas relações poderiam variar de uma

---

<sup>1</sup> Nomenclatura de Kopecka (2009) baseada em Talmy (2000).

<sup>2</sup> O que Talmy (2000) chama de *satellites* são elementos como as preposições *up* e *down* nos *phraseal verbs* do inglês (go up, go down) e os afixos.

<sup>3</sup> Pinker (1989), Jackendoff (1983).

língua à outra, mas seriam de número limitado e respeitariam algum tipo de regulamentação que está diretamente ligada ao nosso sistema cognitivo. Estudos mais profundos das estruturas de diversas línguas naturais nos permitiriam, então, classificá-las segundo seu comportamento sintático semelhante dentro de uma teoria tipológica, o que facilitaria nosso entendimento do funcionamento da gramática dessas línguas.

Embora não compartilhem o mesmo conceito de língua, paralelamente, Fábregas (2007), seguindo Ramchand and Svenonius (*to appear*: apud Fábregas, 2007) argumenta, dentro de uma teoria de Nano-sintaxe, que a configuração de traços conceituais dos verbos que expressam maneira de movimento ou movimento direcionado, ou ainda de seus sub-grupos, é distinta de um grupo ao outro mas idêntica em todas as línguas, defendendo o universalismo da teoria. O que diferenciaria uma língua da outra, então, seria o fato de uma ou outra língua possuir uma ou mais palavras capazes de lexicalizar determinada configuração. Assim sendo, se a estrutura de traços de um verbo de movimento fosse definida como contendo um processo, uma trajetória e um lugar-alvo, toda língua que se referisse a um evento denotando maneira de movimento deveria apresentar uma estrutura que, necessariamente, lexicalizasse todos esses traços em seus itens de superfície, podendo, no entanto, variar no tipo e quantidade de itens lexicais usados para tal, como podemos observar nos exemplos (1a) e (1b) do português brasileiro (PB) e do inglês, ou mesmo na variação dentro do PB (2a,b):

- (1) a. Joana foi<sub>[trajetória]</sub> correndo<sub>[maneira]</sub> para<sub>[alvo]</sub> o mercado.  
       b. Joana ran<sub>[trajetória, maneira]</sub> to<sub>[alvo]</sub> the store.
- (2) a. Eu entrei<sub>[trajetória, alvo]</sub> na sala.  
       b. Eu fui<sub>[trajetória]</sub> para<sub>[alvo]</sub> dentro da sala.

Esta hipótese também daria conta de explicar diferenças translinguísticas como, por exemplo, por que o verbo de movimento *escalar/grimper* pode ser transitivo indireto em alguns contextos no francês enquanto que seu equivalente em PB só se comporta como transitivo direto.

- (3) a. Il grimpa sur l'arbre<sup>4</sup>.  
b. Ele escalou a árvore.

Dentro da Nano-Syntaxe, poderíamos argumentar que o verbo *grimper* em francês estaria lexicalizando somente os traços de Processo<sup>5</sup> e de Trajetória, precisando então de uma preposição locativa com o traço de Lugar que lexicalizasse o lugar alvo do movimento para que sua estrutura fosse gramatical. Já o PB teria um único item de superfície para lexicalizar a estrutura toda de uma ideia de deslocamento: o verbo *escalar* carregaria tanto os traços de Processo, de Trajetória quanto de Lugar-alvo, não necessitando, desta forma, de nenhuma preposição para garantir a gramaticalidade de sua estrutura.

Entendendo a necessidade de discutir a existência de possíveis evidências empíricas para esses traços conceituais profundos e almejando uma tipologia de línguas, buscamos Talmy (2000), o qual sugere que os traços e trajetória e movimento não somente são conceitos codificados na estrutura profunda dos verbos mas que, além disso, famílias de línguas distintas se comportariam de maneiras diferentes quanto à escolha do item lexical que os projetaria na estrutura. Idiomas como o inglês, por exemplo, tenderiam a expressar o conceito de trajetória em preposições ou satélites, para permanecer na terminologia de Talmy, enquanto que codificariam dentro dos seus verbos o conceito de Maneira de movimento:

- (4) a. He *swam*<sub>[maneira]</sub> *across*<sub>[Trajetória]</sub> the river.  
b. Ele nadou através do rio.

Por outro lado, línguas como o PB e o francês tenderiam a codificar dentro de seus verbos a trajetória, e deixariam para uma predicação secundária<sup>6</sup> a especificação

<sup>4</sup> Tradução obtida no *translate.google.com* a partir da frase (b) em PB.

<sup>5</sup> Deixaremos os nomes Trajetória, Lugar, Processo, etc, com inicial maiúscula quando se referirem a traços conceituais primitivos para diferenciá-los dos nomes comuns trajetória, lugar, etc, que aparecerão em outros momentos, como por exemplo, em discussões sobre o lugar real em que se encontra um objeto.

<sup>6</sup> Como definido no artigo "PREDICADOS SECUNDÁRIOS: RESTRIÇÕES SEMÂNTICAS" de Maria José Foltran (2002). Acesso online à Revista REL, Vol. 58 pelo link: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/18361/11937> em 29/04/2011.

da maneira<sup>7</sup>:

(5) Ele *atravessou*<sub>[trajetória]</sub> o rio *nadando*<sub>[maneira]</sub>.

É corrente dizer-se, portanto, que os verbos de maneira de movimento se diferenciam dos verbos de movimento direcionado<sup>8</sup> na expressão do movimento quando esses últimos, pelo mesmo movimento de confluência de traços primitivos, expressam no mesmo lexema verbal os traços semântico-conceituais de Movimento e Trajetória. Tais verbos especificariam não só o movimento de uma figura no espaço, mas também o deslocamento desta figura e, ao mesmo tempo, identificariam a existência de um ponto de partida e/ou de chegada além da existência de um trajeto ou caminho entre ambos (por exemplo, os verbos *entrar* e *sair*).

Efetivamente, dados translinguísticos nos demonstram que há evidências sintáticas para se acreditar na existência destas duas classes, pois no inglês e no francês os verbos que as compõem se comportam de maneira semelhante aos membros de seu grupo, mas de maneira distinta dos membros do outro grupo. É, por exemplo, a distinção verbos de maneira de movimento de um lado, verbos de trajetória ou movimento direcionado de outro, que define o auxiliar que cada classe de verbos usará na formação do *passé composé* do francês<sup>9</sup>. Enquanto os verbos de trajetória são obrigados a formar o *passé composé* com o auxiliar *être* (ser, estar), exemplo (6), os verbos de maneira de movimento formam o *passé composé* com o auxiliar *avoir* (ter), (7):

(6) Elle *est* partie (Ela partiu).

---

<sup>7</sup> Uma pesquisa rápida no *Google* (ferramenta de buscas da Internet) nos mostra que esta afirmação é justa: as frases *I swam across the river*, *Eu atravesssei o rio nadando* e *J'ai traversé la rivière à la nage* têm múltiplos resultados. Por outro lado, as conversões literais destas estruturas de uma língua à outra, além de terem pouquíssimos resultados (1 a 3), apresentam somente resultados onde a discussão é exatamente a interpretação estranha de uma estrutura como *\*J'ai nagé à travers la rivière*.

<sup>8</sup> Nomenclatura do inglês: *verbs of inherent direct motion*.

<sup>9</sup> Embora a Sintaxe consiga prever esta variação em francês, postulando que verbos inacusativos se comportam como as passivas e tomam, desta forma, o auxiliar *ser* (*être*), e que verbos transitivos ficam, assim, com o auxiliar *ter* (*avoir*), esta teoria não dá conta de explicar por que em alemão e em italiano, todo verbo que expressa movimento ou deslocamento forma o passado com o auxiliar *ser* (*sein/essere*) ou por que é o verbo *ser* e não outro verbo que serve como auxiliar destas estruturas.

- (7) Elle *a* couru (Ela correu).

Paralelamente, no inglês, alguns estudos demonstram<sup>10</sup> que os elementos da classe de confluência “verbos de maneira de movimento” permitem a causativização, enquanto que verbos da classe de verbos de movimento inerentemente direcionado, como o verbo *ir*, não aceitam:

- (8) a. The dog ran.  
       *O cachorro correu.*  
       b. Bob ran the dog.  
       *Bob correu o cachorro.*
- (9) a. Sue walked home.  
       *Sue caminhou para casa.*  
       b. Bob walked Sue home.  
       *Bob caminhou a Sue para casa.*

(Exemplos de Pinker, 1989)

- (10) a. Sue went home.  
       *Sue foi para casa.*  
       b. \*Bob went Sue home.  
       *Bob foi a Sue para casa.*

Como consequência dessas primeiras observações, poderíamos concluir que as classes aqui confrontadas realmente possuem traços semânticos profundos (no caso, os traços de Maneira e de Trajetória) projetando estruturas diferentes, e que, portanto, estes traços seriam relevantes para a sintaxe das línguas naturais. A existência de tais traços e sua importância para a previsão do comportamento dos verbos de maneira de movimento é, de fato, relevante, como tentaremos comprovar com dados empíricos do PB, do francês e do inglês ao longo de nossas análises.

Contudo, conforme aprofundamos as nossas leituras, fomos levados a crer que

---

<sup>10</sup> Grimshaw (1990), Pinker (1989).

não podemos associar a um único traço presente em determinados verbos o condicionamento dos comportamentos sintáticos de uma classe inteira. Isto porque verbos distintos carregam combinações distintas de traços primitivos, entre os quais podem-se encontrar os traços de Trajetória e/ou Maneira. Seria, então, essa combinatória que definiria a previsibilidade de comportamentos sintáticos. Além disso, como esta análise leva em conta a ocorrência desses verbos com as preposições locativas, também chegamos à conclusão que a simples oposição dos traços Trajetória ou Locativo não consegue esclarecer toda a variação observada na expressão destas estruturas.

Acreditamos poder demonstrar ao longo de nossa análise que usar uma taxionomia que distinga classes verbais baseando-se em um único traço não se sustenta empiricamente. Mais do que isso, pretendemos defender a ideia de que, translinguisticamente, não é possível se falar em uma classe de verbos, mas sim em uma classe de conceitos. O conceito de deslocamento é composto de determinados traços e estes traços, por sua vez, podem ser lexicalizados em verbos, preposições e até partículas (satélites, afixos em outras teorias) distintos de uma língua à outra respeitando uma determinada hierarquia e regras de arranjo.

No caso da expressão do deslocamento, cremos ser possível prever em que ordem e até que tipo de combinatória seria aceito, mas línguas diferentes teriam formas diferentes de organizar a realização destes traços na estrutura sintática. Tomemos a ideia de deslocamento de um ambiente a outro em grande velocidade. Como já evidenciamos nos exemplos (4) e (5) que repetiremos abaixo, o traço de Maneira pode tanto aparecer lexicalizado dentro verbo principal, como é o caso do inglês:

(4) He *swam*<sub>[maneira]</sub> *across*<sub>[Trajetória]</sub> the river.

quanto ser expresso através de uma predicação secundária, como é o caso do PB e do francês:

(5) Ele *atravessou*<sub>[trajetória]</sub> o rio *nadando*<sub>[maneira]</sub>.

Desta forma, para expressar a ideia de deslocamento de um ambiente a outro em grande velocidade, poderíamos usar as seguintes estruturas nas três línguas aqui comparadas:

- (11) a. Mark ran into the room.  
 b. Mark correu no/pra dentro do quarto.  
 c. Mark a couru dans la chambre.

Enquanto que o francês pode usar uma preposição simples na expressão deste conceito, o inglês precisa de uma preposição complexa que carregue ambas as ideias ou traços de Trajetória e de Local alvo do movimento. O PB, por sua vez, apresenta a possibilidade de estruturas tanto com a preposição simples quanto com a preposição complexa. A decomposição destas estruturas e sua análise mais detalhada serão realizadas nos capítulos 2 e 3 deste trabalho. Todavia, são dados como estes que nos levaram a crer que uma classe de verbos de maneira de movimento não se sustenta empiricamente, já que, para tal taxionomia, leva-se em conta um único traço primitivo na determinação do grupo ao qual pertence um determinado verbo.

Além disso, para tal classificação, leva-se em conta somente o lexema verbal, enquanto que, neste trabalho, acreditamos que quando o conceito de Movimento está envolvido, a preposição é essencial para uma boa e completa interpretação da estrutura.

Ambicionamos poder cogitar uma declaração tão séria porque encontramos múltiplos exemplos em PB, francês e inglês onde participantes da suposta classe dos verbos de maneira de movimento não obedecem às regras que definiriam tal classe. Neste sentido, não chegamos ao ponto de discutir por que em uma língua como o PB encontramos verbos de maneira de movimento que lexicalizam o traço de Lugar do movimento (escalar) enquanto outros verbos precisarão de uma preposição para completar o *spell-out* de sua estrutura (correr, nadar). Este tipo de análise não caberia no escopo deste trabalho, mas acreditamos ser uma questão interessante para futuras investigações.



O que levamos em conta para conjecturar tal hipótese são declarações muito mais dissipadas na literatura. Em inglês, por exemplo, enquanto muitos verbos de maneira de movimento aceitam a causativização, o verbo *swim* (nadar) não aceita ser causativizado:

- (12) a. Sue swam to the shore.  
 b. Sue nadou até a margem.  
 c. \*Bob swam Sue to the shore.  
 d. \*Bob nadou Sue até a margem.

No espanhol, Fábregas (2007) sugere que a classe dos verbos de maneira de movimento possui, pelo menos, dois sub-grupos com comportamentos sintáticos distintos: um deles contendo os verbos de maneira de movimento interno corporal<sup>11</sup> (flutuar, tremer, dançar), e outro com os verbos de maneira de movimento direcionais, que sempre implicariam trajetória (correr, voar, caminhar). Nesta língua, os membros de tais sub-grupos apresentariam estruturas diferentes a ponto de o primeiro sub-grupo não formar sentenças gramaticais com a preposição *a* (em PB, *a* ou *para*). De fato, encontramos tal restrição em PB também:

- (13) a. \*Joana flutuou para a margem.  
 b. \*Joana dançou para a sala.

As sentenças em (10) causam, no mínimo, estranhamento entre os falantes de PB. Fábregas argumenta que os verbos deste sub-grupo não se combinam com a preposição *a* porque esta é uma preposição puramente locativa. Neste sentido, como nós discordamos do autor, deixaremos para discutir mais profundamente este problema no capítulo 3. O importante, neste momento, é ilustrar os dados empíricos que sustentam a nossa hipótese de que a classe dos verbos de maneira de movimento não é homogênea na lexicalização das estruturas de maneira de movimento, justificando a nossa empresa.

Ramchand (2008), como Fábregas (2007), também discorda desta classificação e apresenta uma exaustiva análise de dados empíricos do inglês e do russo bastante

---

<sup>11</sup> “verbs of internal bodily motion”.

convincente para o abandono de tais classes naturais. Além disso, a autora igualmente propõe um sistema alternativo que gera novas classes cujos membros possuem comportamentos sintáticos mais coesos translinguisticamente. Seu sistema, que se situa dentro da perspectiva da Nano-sintaxe<sup>12</sup>, ainda nos permite cogitar uma explicação sobre a razão pela qual verbos como *rolar* e *andar* licenciam estruturas diferentes uma da outra no PB. Finalmente, foi também neste sistema que encontramos explicações mais atraentes sobre as variadas leituras licenciadas pelas relações entre os verbos de maneira de movimento e as preposições locativas. Discutiremos este sistema no terceiro capítulo.

Antes de termos entrado em contato com esta teoria, contudo, investigamos a relação  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$  através da análise individual das estruturas de nove verbos de maneira de movimento, decompondo seus significados à luz de duas outras teorias: Talmy (2000) e Pinker (2008). Acreditávamos que, assim, poderíamos verificar, sob múltiplos pontos de vista, a real influência do primitivo semântico-conceitual Maneira no comportamento sintático dos verbos da classe aqui analisada. De fato, foi a partir deste primeiro estudo que chegamos à descoberta de comportamentos sintáticos distintos entre os membros deste grupo, fato que nos induziu a suspeitar que somente o traço Maneira não poderia ser definidor desta classe, o que, talvez, comprovasse que essa classe não existiria como um grupo homogêneo de verbos que lexicalizassem a mesma estrutura sintática.

Assim, nossa empresa teria que dar conta de duas questões: a primeira delas seria decidir que traço ou traços semântico-conceituais primitivos estaria(m) unindo os verbos de maneira de movimento em um grupo ou em sub-grupos. Em seguida, precisaríamos investigar a estrutura profunda que cada grupo ou sub grupo teria, além

---

<sup>12</sup> Perspectiva da arquitetura da gramática que será explorada mais tarde nesse trabalho e que concebe o Léxico e a Sintaxe como componentes de um único nível de processamento. Ainda que nos moldes da teoria X-barra, este novo sistema propõe que os elementos que projetam os nós das árvores sintáticas sejam menores do que itens lexicais, i.e., que sejam traços conceituais que representam, por sua vez, conceitos cognitivos primitivos universais. Desta forma, uma mesma estrutura abórea poderia estar distribuída dentro dos mais variados itens lexicais dependendo da língua que analisamos. Contudo, a organização desses traços, sua hierarquia, os movimentos que eles podem ou não fazer, etc, seguiriam regras rígidas universais. Sugerimos a leitura do blog <http://nanosyntax.auf.net/blog/> para uma compreensão mais completa desta perspectiva.

de fazer previsões sobre como essas estruturas nos ajudariam a antecipar a maneira como seriam realizadas por itens de superfície e quais seriam as regras para a sua projeção.

Nossa primeira checagem, portanto, levou em conta a ocorrência dos exemplares de nossa lista de verbos de maneira de movimento em suas relações com as preposições locativas aqui estudadas. Entendemos que esta etapa seria de essencial importância, pois acreditávamos que, habitualmente, quando interpretamos o uso de um verbo de maneira de movimento com uma preposição locativa, teríamos a leitura de que, o movimento ou deslocamento ocorre dentro de um único espaço delimitado (A), introduzido pela preposição, sem que a figura em movimento saia deste lugar de referência para um outro. Estes verbos sublinhariam somente a maneira como ocorre o movimento e nenhum traço de trajetória estaria envolvido:

(14) Joana correu no parque.

(lugar inicial do movimento: o parque – lugar final do movimento: o parque)

Esta etapa também foi motivada por um fato intrigante revelado pelo estudo de Kopecka (2009) no francês. Após exaustiva análise das ocorrências [ $V_{\text{maneira}}$  +  $\text{Prep}_{\text{loc}}$ ] nessa língua, a autora verifica que, ao contrário do que se esperava, esse tipo de construção, além de marcar a aguardada mudança de “*emplacement*”, aqui traduzido como *posição*<sup>13</sup>, isto é, o deslocamento de uma figura dentro de um único espaço delimitado, ele também é bastante produtivo para denotar mudança de lugar, onde a figura em movimento sai de um lugar (A) para chegar em outro (B), diferente do primeiro:

(15) a. Jeanne a couru dans le jardin (toute la journée).

b. Joana correu no jardim (o dia todo).

---

<sup>13</sup> Normalmente, a tradução de “*emplacement*” para o português é *lugar*. Aqui, preferimos a tradução por *posição* para diferenciar claramente as duas expressões que serão bastante recorrentes neste trabalho: mudança de lugar e mudança de posição. Definições serão dadas logo em seguida, na mesma seção. OBSERVAÇÃO IMPORTANTE: Todas as traduções de partes ou expressões dos artigos originais em francês e inglês para o PB são de minha completa responsabilidade. Quanto à noção de “*posição*”, deixo aberto à discussão o uso desta nomenclatura.

- (16) a. Jeanne a couru dans le jardin (pour voir l'arc-en-ciel).  
 b. Joana correu no jardim (para ver o arco-íris).

Efetivamente, a autora constata que 37,7% dos enunciados com a estrutura [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>] exprimem mudança de lugar – exemplo (16). É um número relativamente alto quando, segundo Kopecka (2009), a ideia amplamente difundida é de que esse tipo de construção denota mudança de posição e não exprimiria facilmente a mudança de lugar.

De fato, foi exatamente à luz desta descoberta no francês que nos surgiu a inspiração de averiguar, então, se a nossa língua, sendo de raiz romana como a outra, demonstraria igualmente essa dinamicidade na interpretação do uso da ocorrência [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>], ou se ela somente permitiria a leitura comumente esperada.

Ficamos especialmente interessados neste fenômeno ao perceber que, em um primeiro rápido exame, seguindo nossa intuição, verbos como *voar* do PB permitem uma leitura, no mínimo, ambígua entre *mudança de lugar* (movimento direcionado) e *mudança de posição* mesmo quando se encontram em construções [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>]:

- (17) Um pássaro voou na minha janela!<sup>14</sup>

Contudo, também encontramos dados nos indicando que, ao mesmo tempo em que no francês construções como em (18):

- (18) Paul a glissé dans la piscine. (ambígua)

são ambíguas na sua interpretação, podendo significar tanto mudança de lugar (de fora da piscina para dentro da piscina) quanto mudança de posição (escorregar dentro da piscina, dentro da água), e precisariam, segundo hipótese de Kopecka (2009) da análise do contexto para a compreensão do real movimento ocorrido, no PB e no inglês, por outro lado, a interpretação seria mais restrita:

---

<sup>14</sup> Exemplo encontrado em <http://withwingstofly.blogspot.com/2011/07/danca-das-galinhas.html>. Acesso em 18/10/2011.

- (19) a. Paul escorregou na piscina.  
b. Paul slipped in the pool.

As sentenças em (16a,b), em ambas as línguas fonte, teriam a leitura única de mudança de posição (Paul teria escorregado quando já se encontrava dentro da piscina, dentro da água), e exigiriam a introdução de uma preposição com traço de trajetória para que uma leitura de mudança de lugar pudesse ser bem sucedida:

- (20) a. Paul escorregou na (dentro da) piscina. (mudança de posição)  
b. Paul escorregou para dentro da piscina. (mudança de lugar)
- (21) a. Paul slipped in the pool. (mudança de posição)  
b. Paul slipped into the pool. (mudança de lugar)

A partir destas primeiras evidências, em um primeiro momento de análise, acreditávamos que não poderíamos atribuir à preposição a ambiguidade entre uma leitura locativa e uma leitura de trajetória, esta última tendo o Fundo introduzido pela preposição como o alvo do movimento, pois nossas primeiras leituras nos sugeriam que as preposições locativas estáticas “não carregam nenhuma noção de movimento de maneira inerente” (Bonami, 1999: 159<sup>15</sup>), fato confirmado, além disso, pela falha em se obter uma leitura de mudança de lugar na interpretação da frase em (21). Outra prova a esta restrição encontrava-se no fato de percebermos, após outros exames, que o inglês seria muito mais inflexível do que o PB em aceitar que preposições locativas denotem mudança de lugar quando associadas aos verbos de maneira de movimento:

- (22) a. Joana ran in the room. (locativa)  
b. Joana correu no quarto. (ambígua?)  
c. Joana jumped on the bed. (locativa)  
d. Joana pulou sobre a cama. (ambígua)

Entretanto, leituras posteriores de Jackendoff (1983), Fábregas (2007), Patcheva (2007) e Ramchand (2008) nos sugeriram que algumas proposições locativas são sim

---

<sup>15</sup> “Les prépositions locatives statiques n’encodent pas de notion de mouvement de manière inhérente”.

inerentemente ambíguas e podem denotar tanto o lugar quanto o alvo do movimento. Voltaremos a esta discussão no Capítulo 3. Ignorando o valor ambíguo das preposições locativas, o artigo<sup>16</sup> que deu inspiração a esta análise cogita que a interpretação dependeria, então, de traços aspectuais do verbo que compõe a estrutura de movimento junto com a preposição e da compatibilidade entre eles. Assim, preposições locativas acompanhando verbos *achievement*<sup>17</sup>, conhecidos por denotarem eventos pontuais, teriam tendência a especificar o alvo do movimento. Isto explicaria por que um número significativo dos exemplos com o verbo *pular* apresentam esta leitura:

(23) Perdi no truco, *pulei na piscina*, aposta é aposta<sup>18</sup>.

Discutiremos as implicações desta hipótese, suas limitações e o interesse que tivemos em buscar outras teorias que dessem conta de traços ainda mais finos e primitivos da estrutura destes verbos mais em detalhes no capítulo 3 dedicado às preposições.

Desta forma, nosso trabalho foi desenvolvido com o objetivo de examinar o valor composicional, os traços conceituais primitivos e o comportamento dos verbos de maneira de movimento e das preposições locativas na estrutura argumental para a interpretação da expressão do deslocamento em PB quando esta língua exprime o deslocamento através da construção [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>].

Nos propusemos a testar, como já expusemos, a combinação e real possibilidade de ocorrência dos verbos de maneira de movimento do PB com as preposições locativas para a expressão do deslocamento em comparação com traduções e versões dos nossos dados para o inglês e o francês – versões estas que foram testadas com falantes nativos de ambas as línguas.

<sup>16</sup> “L’expression du déplacement en français : l’interaction des facteurs sémantiques, aspectuels et pragmatiques dans la construction du sens spatial”, Kopecka (2009).

<sup>17</sup> Vendler, 1967

<sup>18</sup> Os exemplos que usaremos para ilustrar nossas hipóteses foram retirados de textos da Internet (formais ou espontâneos) ou de produções orais autênticas de falantes de PB, inglês e francês.

Também decomposemos, à luz de teorias semântico-cognitivas, as estruturas  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$  no PB na busca dos elementos primitivos semânticos e semântico-cognitivos que estariam funcionando como definidores do comportamento sintático dessa classe e verificamos, ainda que superficialmente, visto que este é um trabalho qualitativo e não quantitativo, a aceitabilidade desta construção na expressão de mudança de lugar no PB, em comparação com a interpretação de mudança de posição que já é esperada dessas construções.

A atual proposta de estudo tem várias motivações. Uma delas é o interesse pessoal da mestranda em continuar trabalhando com a língua francesa que foi objeto de sua formação. É desta motivação, então, que as outras nascem. A maior delas é a crença que o trabalho translinguístico é enriquecedor não só para compreensão da língua do outro, mas também pela possibilidade que este nos traz de aprendermos diferentes maneiras de olhar e entender a nossa própria língua materna além de fornecer dados que nos permitem fazer hipóteses sobre a universalidade de gramática.

Assim sendo, os resultados encontrados no francês, o problema acima apresentado com todas as questões que podem ser levantadas sobre ele, bem como a falta de literatura em PB abordando essa questão específica, nos fizeram perceber que o estudo da expressão do deslocamento com verbos de maneira de movimento do PB pode ser mais complexo do que se pensaria em um primeiro momento. Essa complexidade, provavelmente, se deve ao fato de que há muitos fatores envolvidos na representação desses eventos, e nem todos eles foram suficientemente examinados até então, tampouco as suas interrelações.

Indo mais além, um estudo mais profundo da expressão do deslocamento no PB em comparação ao estudo já existente no francês e a estudos sobre o inglês não seria somente importante para os estudantes de Língua e Linguística nestas três línguas, mas também para a pesquisa translinguística, pois nos ajudaria a traçar um panorama mais amplo dos fatores envolvidos na expressão complexa do espaço e do movimento, seus diferentes valores e interpretações, suas diferentes estruturas e alternâncias, além

da influência de cada elemento (linguístico, visual e cognitivo) na leitura final e composicional da expressão do deslocamento através das línguas.

Neste sentido, Pinker (1989: 166) propõe que “há um conjunto de elementos e relações semânticas que é muito menor que o conjunto de distinções cognitivamente disponíveis e salientes culturalmente e que significados verbais são organizados ao redor destes elementos”<sup>19</sup>. Talmy (2000) também aponta que existem alguns (e não todos) significados ou conceitos na estrutura conceitual de cada verbo que são relevantes para a sintaxe. Desta forma, “processos lingüísticos, incluindo regras lexicais que estendem verbos a novas estruturas argumentais, seriam sensíveis somente a partes das representações semânticas cujos elementos são membros deste pequeno conjunto. Este conjunto consistiria de símbolos que carregam conteúdo cognitivo como “causação” e “localização”, mas nem todos os conceitos cognitivamente significativos/relevantes seriam membros deste maquinário semanticamente privilegiado”<sup>20</sup> (Pinker, 1989:166) .

Os verbos *correr* e *nadar*, por exemplo, seriam classificados como pertencendo à classe de verbos de maneira de movimento porque ambos carregam os conteúdos cognitivos de Movimento não direcionado e de uma determinada Maneira: de “rapidez”, no caso do primeiro, e “em meio líquido”, no segundo caso. Destes traços cognitivos/semânticos, porém, os únicos relevantes para a estrutura, isto é, para permitir ou bloquear regras lexicais ou outros processos lingüísticos seriam os traços de Movimento e Maneira. Outras informações sobre como o movimento se desenvolve não interfeririam na estrutura.

Nos Capítulos 2 e 3, dedicados a teorias como a Sintaxe de primeira fase de Ramchand (2008) ou como a Nano-sinaxe e suas estruturas para os verbos de maneira de movimento e para as preposições propostas por Fábregas (2007) e Patcheva (2007),

---

<sup>19</sup> “...there is a set of semantic elements and relations that is much smaller than the set of cognitively available and culturally salient distinctions, and verb meanings are organized around them”.

<sup>20</sup> “Linguistic processes, including the productive lexical rules that extend verbs to new argument structures, would be sensitive only to parts pf sematic representations whose elements are members of this set. This set would consist of symbols that have cognitive content, such as “causation” and “location” but not all cognitively meaningful concepts are members of this privileged semantic machinery”.



veremos a possibilidade de refutar a classe dos verbos de maneira de movimento. Exploraremos os dados, evidentemente, sem deixar de levar em conta os traços cognitivos e semânticos aqui mencionados.

Enfim, um trabalho de reflexão linguística comparando línguas e levando em conta tantos aspectos e valores do mapeamento entre sintaxe e semântica no que diz respeito à representação do deslocamento (diferentes eventos de deslocamento espacial, aspecto e tempo verbal, valor das preposições) nos permitiria refletir mais criticamente sobre a maneira como as línguas criam e trabalham de formas diferentes suas redes de significação, e mais profundamente aprender algo sobre como funciona nossa mente na conceptualização e expressão de eventos espaciais.

A apresentação deste trabalho estará estruturada da seguinte maneira: no **Capítulo 1**, discutiremos algumas teorias semântico-cognitivas (Pinker, 1989; Talmy, 2000) e alguns critérios que definem a maneira como classificamos verbos com estruturas semelhantes. O debate se desenvolverá progressivamente no sentido de demonstrar o caminho teórico que seguimos para chegar às nossas conclusões. Além disso, essa discussão será apresentada ao mesmo tempo em que propomos a análise dos nossos dados dentro das teorias debatidas. Pretendemos, com esta estrutura, explorar com o leitor as teorias que foram fundamentais para a construção da nossa argumentação, demonstrando em tempo por que, apesar de nos apresentarem conceitos que empregaremos em todas as análises, tais conjecturas foram refutadas em detrimento da busca por respostas mais completas.

A estrutura deste trabalho não será, portanto, dividida em um capítulo de discussão teórica seguido de outro capítulo de análise de dados. Acreditamos ser mais interessante convidar o leitor a nos acompanhar na descoberta que também fizemos, seguindo com ele o caminho dos nossos questionamentos, hipóteses, testes, descobertas, ideias refutadas, novas perguntas e novas descobertas.

No **Capítulo 2**, exploraremos o comportamento das ocorrências [ $V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$ ] para referir mudança de posição ou mudança de lugar guiando-nos pelas contribuições teóricas da Nano-sintaxe e da Sintaxe de primeira fase de Ramchand (2008).

Buscamos compreender a maneira como verbos carregando os mesmo traços conceituais projetam estruturas sintáticas semelhantes. A análise decomposicional se concentrará somente sobre orações que contenham a seguinte construção:  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$ , e que denotem o deslocamento de uma entidade, a Figura, em relação à outra entidade, o Fundo.

Quando interessante, também testaremos as versões de tais ocorrências no inglês e no francês, na tentativa de encontrar e testar uma estrutura profunda universal que seja subjacente aos verbos que expressam maneira de movimento translinguisticamente. A checagem das versões dos exemplos em PB para o francês e o inglês será realizada com falantes nativos de cada língua. O objetivo final de tal análise seria uma nova proposta de classificação que, baseada no sistema proposto por Ramchand (2008) e nas contribuições da Nano-sintaxe, se organizaria em grupos de estruturas ou arranjos de traços primitivos semelhantes usados para a expressão do deslocamento nas línguas naturais, e não em grupos de verbos, unidades estas que variam absolutamente de uma língua a outra na sua forma e/ou composição a partir de elementos de superfície distintos e os mais variáveis possíveis.

Iremos preferir construções que exprimem o deslocamento espontâneo, como em construções intransitivas, onde um ser animado (humano ou animal) ou um objeto concreto se desloca. Contudo, para melhor compreender a estrutura conceitual de alguns verbos, e a razão que licencia algumas alternâncias, em determinadas análises o deslocamento causado por um agente externo, em construções transitivas, também será considerado. Do mesmo modo, nos deteremos à expressão do deslocamento concreto e real, deixando de lado construções que expressem o movimento fictício (Meu olhar deslizava sobre o corpo dela) como também as construções onde o uso do verbo é metafórico.

No **Capítulo 3**, debruçaremos-nos sobre o comportamento das preposições e suas contribuições para a interpretação das construções aqui analisadas. É de conhecimento comum que as preposições raramente têm equivalentes exatos de uma língua à outra, mas não podemos deixar de notar, no entanto, que, por mais variadas

que sejam as versões para se falar de um determinado arranjo espacial em línguas diversas, há traços que necessariamente precisam estar presentes em todas essas distintas maneiras de se falar do espaço e do movimento.

Em muitas versões do inglês para o francês, do francês para o português, para garantirmos uma tradução fidedigna da frase original, precisamos necessariamente encontrar vocabulário extra (mais itens lexicais) que acione no nosso sistema cognitivo a ideia de trajetória ou de localização, essencial para a plena compreensão do sentido das sentenças que expressam movimento, esteja este traço dentro de uma preposição, dentro de uma locução prepositiva ou em uma complexa expressão nominal.

Ainda, no que diz respeito à análise das preposições, decidimos que no PB seria interessante abrir o corpus para preposições compostas/complexas mas de mesmo valor. Essa necessidade vem do fato de que no PB a preposição complexa *embaixo de* é mais frequente do que seu sinônimo *sob*. Na literatura do PB revisada até aqui, esse par aparece lado a lado nas mesmas classificações, e não se menciona em nenhum momento alguma distinção, por mais leve que seja, entre os dois elementos. As preposições também receberão tratamento especial ainda sob a luz da teoria de Ramchand (2008) no terceiro capítulo.

O corpus conterá aproximadamente 100 (cem) enunciados do tipo  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]^{21}$ . Nossa proposta é analisar somente qualitativamente o comportamento da classe verbal dos verbos de maneira de movimento, além de propor algum tipo de explicação para o comportamento distinto dos membros deste grupo aqui sob análise, para além de uma simples descrição dos mesmos. Sugerimos a leitura do Quadro 1 (anexo 1) onde estão os dados a partir dos quais faremos nossas análises antes da continuação da leitura deste trabalho.

---

<sup>21</sup> Quadros 1 a 10 do Anexo 1.

# 1 TEORIAS SEMÂNTICO-COGNITIVAS: alguns critérios que definem a maneira como classificamos verbos com estruturas semelhantes

Nossa primeira empresa entre tantas análises consistiu em examinar algumas ocorrências da construção [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>] em PB na perspectiva da teoria decomposicional de Pinker (1989) com o objetivo de encontrar indícios da existência de traços conceituais profundos que pudessem nos ajudar a entender como e/ou por que aconteceria a variação entre leitura locativa vs. trajetória (quando a preposição locativa denotaria o lugar alvo do movimento):

- (24) a. Eu saltei fora do veículo e rolei embaixo da ponte, colocando-me a salvo.  
 b. J'ai sauté du véhicule et j'ai roulé sous le pont, me mettant à l'abris.  
 c. I jumped out of the vehicle and I rolled under the bridge, putting myself safe.

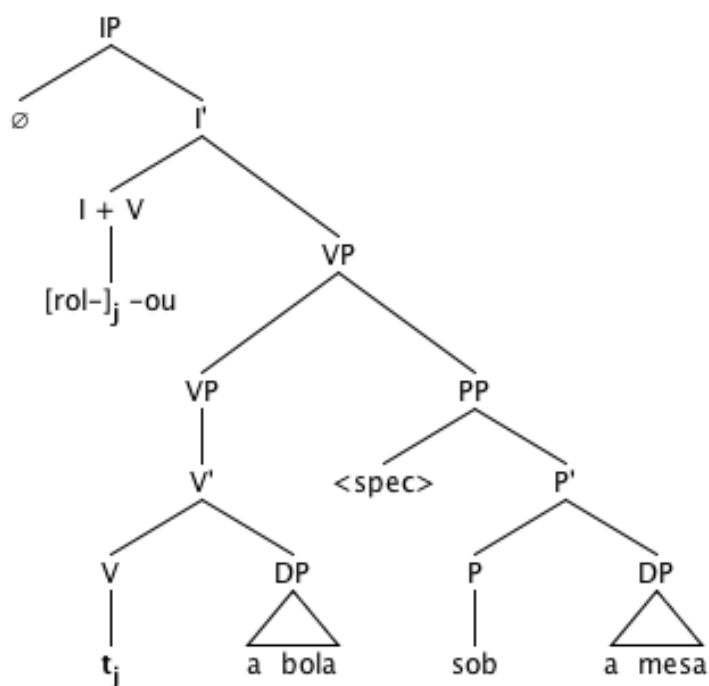
Como podemos observar, nas três línguas, os testes realizados com falantes nativos indicaram que a primeira interpretação da construção *rolar embaixo*, no contexto acima, define *a ponte* como o alvo do movimento, quando a leitura esperada seria de que *embaixo da ponte* fosse o lugar do início e do fim do movimento. Ainda, à luz de tais fatos, temos o intento de encontrar a regra ou regras que licenciariam esta leitura alternativa.

Neste capítulo, apresentaremos o caminho adotado durante o desenvolvimento de tais análises e as primeiras conclusões que daí tiramos, como a comprovação empírica da existência de traços conceituais profundos, seguindo a Teoria Decomposicional de Pinker (1989), que defende que apenas um número limitado de conceitos cognitivos primitivos são efetivamente processados nas estruturas conceituais verbais.

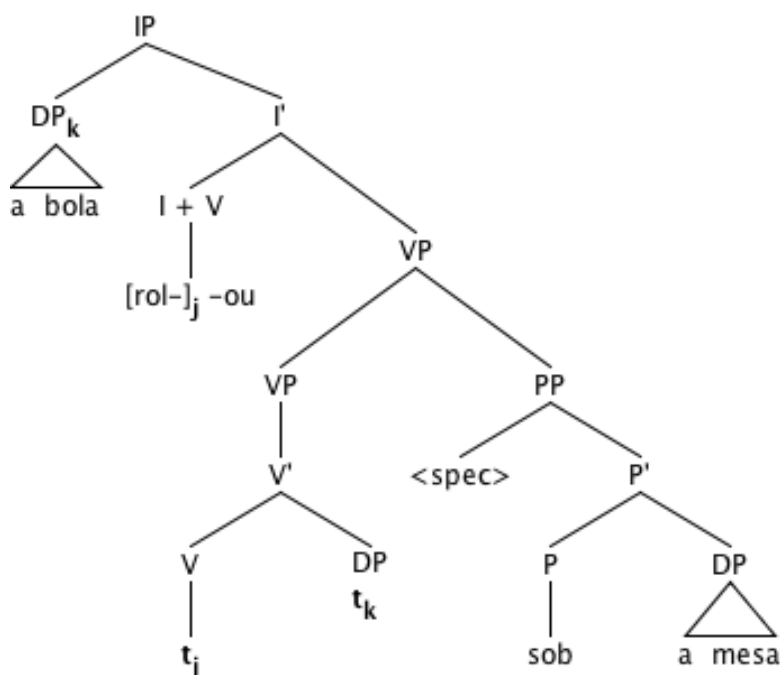
Tal teoria postula ainda que esses conceitos, por sua vez, definem as estruturas nas quais um determinado verbo pode aparecer. Apesar de discutirmos posteriormente que não são esses conceitos que definem diretamente a estrutura de uma determinada língua, mas sim seus arranjos, neste momento tal discussão nos permitirá dizer que tais conceitos são, no mínimo, relevantes para a estrutura e que a compreensão disto nos permitiria fazer uma classificação verbal e/ou conceitual mais adequada sintaticamente.

Uma análise decomposicional levaria em conta os mecanismos lingüísticos e cognitivos que interpretam corretamente a leitura mais apropriada, em uma dada situação, das estruturas aqui examinadas. A motivação desta análise não foi sintática posto que as sentenças analisadas não são estruturalmente ambíguas do ponto de vista sintático. Na teoria X-barra, a construção *rolar sob/embaixo de* tem apenas uma representação arbórea onde o PP *sob a ponte* é um adjunto. O verbo *rolar* em PB é, segundo esta literatura, monoargumental inacusativo, e o argumento interno *a bola* pode tanto estar na posição de complemento quanto ser movido para *spec* de VP, como expresso em (25) e (26) abaixo:

(25) Rolou a bola sob a mesa.



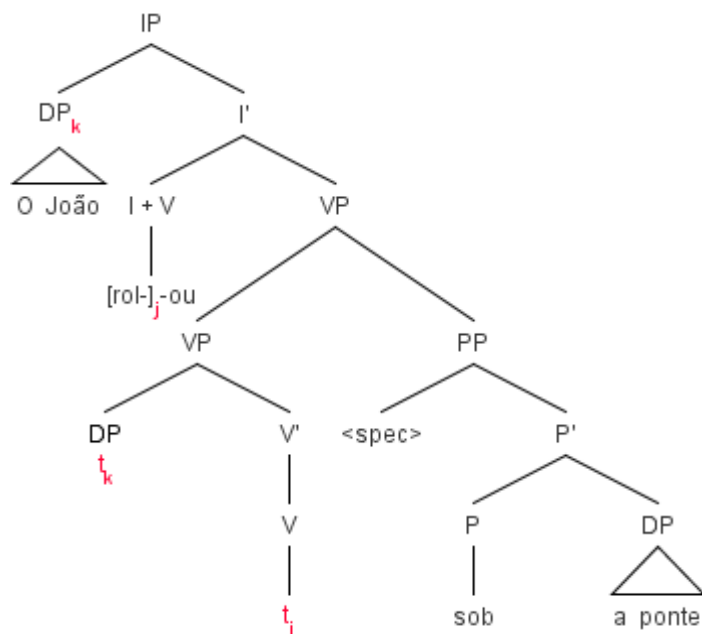
(26) A bola rolou sob a mesa.



Apesar de tais dados darem conta de explicar e prever as diferentes estruturas sintáticas em que este verbo pode aparecer, ela não dá conta de explicar por que o verbo *pular*, outro membro da classe dos verbos de maneira de movimento, é classificado como inergativo<sup>22</sup>. Outra dificuldade encontrada para uma análise dentro desta teoria é o fato de que, na sentença *João rolou sob a ponte*, a interpretação de que o DP *João* é gerado na posição de complemento do verbo pode ser questionada, já que a sentença *rolou o João* causa estranhamento. Seria aceitável, portanto, propor a seguinte estrutura – na qual o verbo *rolar* seria classificado também como inergativo:

(27) João rolou sob a ponte.

<sup>22</sup> Todavia, alguns trabalhos de orientação semântica já trataram desta variação: Levin & Rappaport (1992). Levin (1993).



Como podemos ver nesta breve análise, falhamos em classificar de maneira atraente e ao mesmo tempo simples um único exemplar de nosso grupo de verbos, além de não termos sido capazes de criar previsões abrangentes para o comportamento de outros verbos do suposto grupo.

Paralelamente, não pensamos ser pertinente um tratamento de tal fenômeno dentro de teorias como a Morfologia Distribuída (MD) (Halle and Marantz (1993); Borer (2005) *apud* Fábregas, 2007) ou o Lexicalismo (Halle (1973); Levin and Rappaport, (1986) *apud* Fábregas, 2007). Seguindo a argumentação de Fábregas (2007), a principal razão para não fazê-lo é que, apesar de representarem visões completamente opostas do Lexico, ambas as teorias precisam de um componente extra para adaptar representações lexicais à estrutura sintática.

O Lexicalismo sustenta que “o Léxico em si contém um conjunto de operações (...) que aplica-se a constituintes morfológicos antes que esses possam projetar na sintaxe (cf. entre muitos outros, Levin and Rappaport 1986)”<sup>23</sup> (Fábregas, 2007). Essas operações se realizariam entre o Léxico e a Sintaxe. A Sintaxe, nesta teoria, não tem

<sup>23</sup> “the lexicon itself contains a set of operations, Word Formation Rules, which applies to morphological constituents before they can project in the syntax (cf. among many others, Levin and Rappaport 1986)”.

acesso a todos os traços ou operações contidos no Léxico. A MD, concebendo uma hierarquia exatamente inversa, sugere que o Léxico possua somente um papel interpretativo das estruturas pós-sintáticas, sendo incapaz de gerar novas estruturas.

Fábregas (2007), deste modo, expõe convincentemente uma alternativa para ambas as teorias em que Sintaxe e Léxico se relacionariam diretamente sem a necessidade de regras que modificassem um nível para que sua forma fosse compatível com a do outro. Ou seja, não haveria projeção nem a necessidade de regras de ligação (*linking rules*) entre os níveis. Da mesma maneira, a proposta de uma Sintaxe de primeira fase de Ramchand (2008) também recomenda um nível único de processamento. Deixaremos a exposição e discussão de tais teorias para o capítulo 3.

Voltando ao foco deste primeiro capítulo, ilustraremos, a partir de agora, o início do caminho que percorremos na busca de evidências para a existência de traços conceituais primitivos, traços estes que, eventualmente, nos permitirão compreender a organização de um nível único de processamento. Acima disso, tal fato nos garantirá a sustentação deste argumento não só teórica mas também empiricamente.

Assim, partindo de hipóteses mais gerais, decidimos analisar o fenômeno tratado neste trabalho sob a luz de teorias semantico-cognitivas citadas acima. No que diz respeito à leitura ambígua das construções [ $V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}$ ], a nossa hipótese era de que tal ambiguidade se encontrava em uma estrutura mais profunda que o Léxico ou a Sintaxe: a Estrutura Conceitual do Verbo ou da Preposição.

As teorias aqui estudadas, desta forma, levam em conta traços conceituais profundos que definem que tipo de estrutura argumental um determinado verbo pode possuir. Esses conceitos são, aparentemente, inatos, visto que crianças os aprendem de uma maneira claramente simples sem que eles precisem ser formalmente ensinados. Estudos em aquisição da linguagem<sup>24</sup> demonstram, por exemplo, que crianças falantes

---

<sup>24</sup> Ver Pinker (1989) para uma discussão mais detalhada. É preciso destacar que o autor não ignora os “erros” que as crianças cometem durante o caminho de aquisição de tais estruturas (ver cap. 7), mas tais erros são corrigidos naturalmente, sem que seja necessário ou até produtivo a correção dos pais ou sem que elas tenham contato com um número suficientemente interessante de exemplos positivos destas estruturas.



nativas de inglês sabem quais verbos podem sofrer determinada alternância e quais exemplares bloqueiam esta operação sintática mesmo se tratando de verbos que possuem, aparentemente, a mesma estrutura argumental. Observe-se o caso da alternância dativa, no inglês, licenciada pelo verbo *give*, mas não pelo verbo *donate*:

(28) a. John gave a dish to Sam.

give: NP<sub>1</sub> \_\_\_ NP<sub>2</sub> to – NP<sub>3</sub>

b. John gave Sam a dish.

give: NP<sub>1</sub> \_\_\_ NP<sub>3</sub> NP<sub>2</sub>

Analisando estes exemplos propostos por Pinker (1989), poderíamos supor que uma criança ao ouvir pares de sentenças deste tipo pudesse criar uma regra lexical que permitiria a generalização de tal alternância para qualquer verbo que aparecesse na estrutura de duplo objeto. No entanto, não são todos os verbos com estrutura de duplo objeto que aceitam tal alternância<sup>25</sup>:

(29) a. John donated a painting to the museum.

b. \*John donated the museum a painting.

Curiosamente, aponta Pinker (1989), apesar de não terem nenhuma evidência concreta para tal, crianças não usam, ou não persistem no uso de verbos como *donate* em estruturas como aquela em (29). Pinker (1989) chama este problema de aprendizado de “Baker’s paradox” e estende o problema para o aprendizado de outras alternâncias, entre elas a alternância causativa. Esta última nos parece crucial para a análise da estrutura conceitual dos verbos pertencentes à classe de verbos de maneira de movimento, posto que alguns exemplares aceitam tal alternância enquanto que outros não a permitem.

Na resolução de tal paradoxo, Pinker (1989) propõe que as crianças, e portanto, nosso sistema linguístico também, são sensíveis a traços mais profundos do que esta organização de superfície que leva em conta somente a quantidade e a ordem dos

---

<sup>25</sup> Exemplos de Pinker (1989).

constituintes da sentença. Para o autor, esses traços são conceitos primitivos de ordem cognitiva que se encontram na estrutura profunda dos verbos.

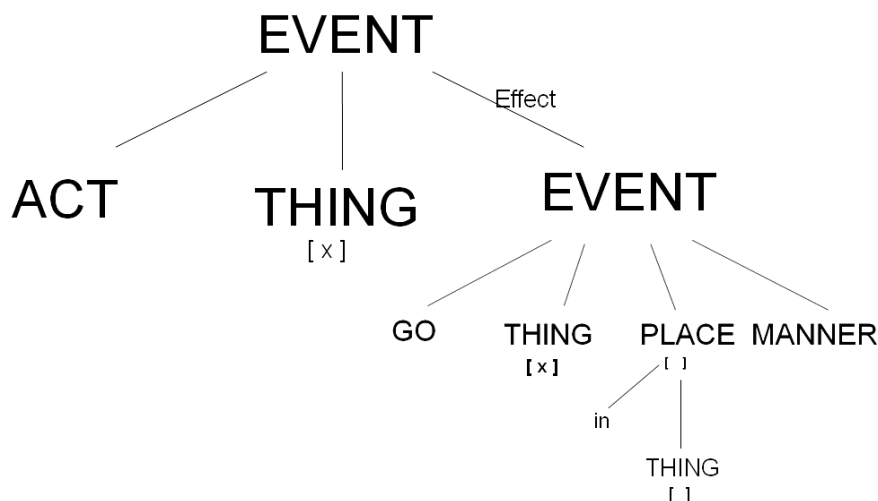
Em seguida, também analisamos a aplicabilidade das categorias apresentadas pelo autor como um possível traço definidor de algumas classes verbais do inglês como é então sugerido em Pinker (2008). Finalmente, concluindo este capítulo, aplicamos a análise teórica apresentada à classe verbal dos verbos de maneira de movimento do PB, comparando os testes deste autor e testando suas afirmações com exemplos do PB decompostos à luz da teoria de sua teoria.

### ***1.1. Decompondo significados na base cognitiva***

Tomemos como ponto de partida uma análise do verbo *rolar*, cujo comportamento distinto já observamos brevemente dentro da teoria X-barra, à luz da Teoria Decomposicional de Pinker (1989) baseada em Jackendoff (1989). Segundo tal teoria, o evento do verbo *rolar* é considerado primeiramente na sua forma mais simples, uma situação autônoma, constituído de uma Função GO (representando um movimento dinâmico sem controle) seguida de constituintes que representam os argumentos do verbo. O primeiro constituinte depois da Função é o argumento interno do verbo (objeto direto) introduzido por uma Função THING com colchetes representando um espaço a ser preenchido por um sintagma nominal segundo as regras de correspondência. Mais à direita, o elemento introduzido pelos constituintes PATH ou PLACE é um argumento interno indireto com espaço para um sintagma preposicional acompanhado de um sintagma nominal.

O argumento externo, e no nosso caso, o agente com volição e intenção, não aparece na estrutura mais básica, e quando é preciso acioná-lo, ele entra como o primeiro argumento de um EVENT-ACT onde a estrutura mais básica do verbo é encaixada através de uma relação denominada *efeito* (effect):

(30) João rolou na grama.



Observe-se que os colchetes sob os primeiros constituintes THING de cada evento são co-indexados e preenchidos por um mesmo símbolo x indicando que se trata do mesmo sintagma nominal na representação sintática de superfície. Neste caso, João é tanto o agente do evento quanto aquele que sofre o efeito da ação, confirmando uma tese que encontramos em Talmy (2000) de que tais eventos denotam a ação da psyche sobre a corporalidade do sujeito.

Para este autor, o sistema conceitual de interação de forças está diretamente ligado a outros sistemas cognitivos e apresenta claros paralelos com os sistemas linguístico e psicológico. Na base dos jogos de força mais complexos está a oposição de duas forças. Esta relação dual se dá entre duas figuras às quais Talmy dá o nome de Agonista e Antagonista. Na língua, a figura chamada Agonista é o foco da atenção. Em uma determinada relação de forças, é a capacidade do Agonista de manifestar sua tendência intrínseca de força ou o fato de ser superado pela força do Antagonista que estão sendo observados. Apesar de ser um teórico muito mais ligado a correntes da psicologia do que a correntes linguísticas, acreditamos ver nesta hipótese um paralelo com Pinker (1989) quando este sugere que um dos conceitos que definem a

possibilidade ou não de um verbo licenciar uma determinada alternância seja o foco da atenção do sujeito. Voltaremos a este ponto nas discussões a seguir.

Ainda tratando dessa dualidade do sujeito, Talmy (2000) propõe que uma parte do self atua como o Agonista e outra parte atua como o Antagonista. No exemplo do autor, *Ele quer abrir a porta*, há a sugestão de que o evento *querer abrir* seja concebido em termos de uma pressão psicológica, empurrando o sujeito com o self dividido em direção a realização de algum ato ou estado. Podemos encontrar no inglês e no PB expressões que justificariam a defesa de tal teoria. É o caso dos pronomes reflexivos no PB:

(31) Ele se absteve de responder.

(32) Eu me obriguei a sair da cama cedo.

A partir da visualização do exemplo (30) acima e da discussão subsequente, podemos perceber por que é difícil definir, em algumas teorias, o papel temático do sujeito sintático de um verbo como *andar* ou *rolar*. Seria ele experienciador ou agente da ação de *rolar*? Como fica visível nesta representação, ele seria ambos.

Pinker (1989) propõe, desta forma, uma lista de conceitos que, 1) sim, são processados nas estruturas conceituais verbais, 2) que se aplicam a uma larga quantidade de verbos, 3) que são realizados por morfemas de classe fechada e, principalmente, 4) que diferenciam verbos em subclasses relevantes sintaticamente. São eles:

- a. o “evento principal”: Estado ou Movimento;
- b. trajetória, direção e localização (location);
- c. Causa;
- d. Maneira;

- e. propriedades de um ator (agente) ou tema;
- f. distribuição temporal (aspecto ou fase);
- g. propósito/intenção;
- h. coreferencialidade (“personação”); e
- i. valor de verdade (polaridade e factividade).

É levando em conta todos estes conceitos que Pinker (1989) propõe “Uma teoria de Representação de Estruturas Semânticas Gramaticalmente Relevantes”. As estruturas conceituais (profundas) dos verbos seriam então formadas por um número bastante limitado de constituintes/traços:

(33) Traços do sistema de Pinker (Nomenclatura baseada nas categorias conceituais ou ontológicas de Jackendoff (1983 *apud* Pinker, 1989: 176 e 246)):

- a. EVENT
- b. STATE
- c. THING
- d. PLACE
- e. PATH
- f. MANNER
- g. PROPERTY

Estes traços são, por sua vez, relacionados entre si por quatro tipos de funções que definiriam tipos distintos de eventos:

(34) Funções:

1. ACT
2. GO
3. BE
4. HAVE

Funções dinâmicas como ACT (com controle) e GO (sem controle) definiriam *atividades* e *accomplishments*, enquanto que Funções como BE (estativos) e HAVE (estativos com controle) definiriam *achievements* e *estados*. Observe-se o quadro abaixo onde fazemos uma revisão destes conceitos, suas relações e tentamos fazer um paralelo com as categorias semantico-lexicais de Vendler (1967):

Funções de Pinker (1989)	Traços das funções		Classificação de Vendler (1967)
GO	+dinâmico	-controle	ATIVIDADES
ACT	+dinâmico	+controle	ACCOMPLISHMENTS/ATIVIDADES
BE	-dinâmico	-controle	ESTADOS
HAVE	-dinâmico	+controle	(DEGREE) ACHIEVEMENTS

Quadro 11 – Tipos de eventos dentro de Pinker (1989) e de Vendler (1967)

Dentro da proposta aqui explicitada, a representação sugerida para a estrutura de tais eventos é arbórea e cada categoria conceitual se realizaria na sintaxe como uma categoria específica: NPs representariam principalmente THINGS; PPs seriam PLACES e PATHS; VPs seriam EVENTS e STATES; e APs seriam PROPERTIES. “Estas regras de correspondências especificariam como Sintagmas (Phrases) podem denotar constituintes semânticos”. Deste modo, “estruturas de sentenças são bem formadas somente se elas contêm sintagmas correspondentes às categorias conceituais selecionadas pelo verbo”. (Pinker, 1989, p. 179).

Por sua vez, *Linking rules* (regras de ligação), mapeariam cada posição argumental desta estrutura conceitual para a sintaxe. Na representação arbórea, os

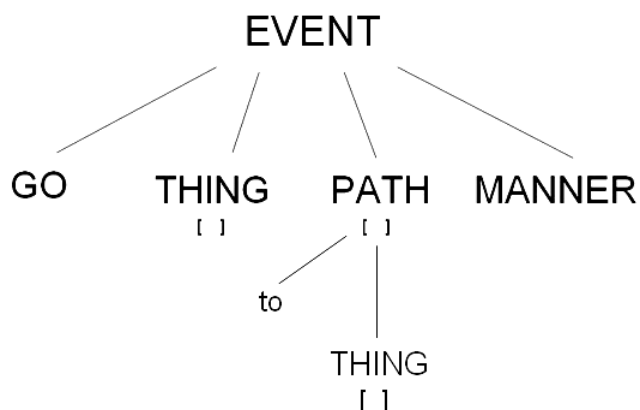
colchetes [ ] indicam onde há um lugar aberto na sintaxe a ser preenchido por algum sintagma. Todavia, os constituintes e funções que compõem a estrutura conceitual dos verbos não precisam necessariamente ser realizados sintaticamente.

Como já discutido anteriormente, voltaremos no seu devido momento a criticar tal teoria exatamente por esta necessidade de se criar uma lista de regras de ligação que regulariam a relação entre um nível mais profundo da estrutura, o nível conceitual, e a realização de superfície destes conceitos, ou a Sintaxe. A Nano-sintaxe apresenta uma saída muito mais elegante para nossa análise, como será evidenciado nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

Contudo, neste momento, daremos continuidade à investigação dos verbos de maneira de movimento à luz desta teoria semântico-cognitiva porque consideramos importante demonstrar para o leitor, neste momento, que mais de uma teoria, mesmo sendo de inspiração teórica conflitante, consideram e provam empiricamente a existência de traços conceituais profundos. Ainda, ao percorrermos juntos estes caminhos, poderemos demonstrar como chegamos à base teórica atual assim como a razão pela qual optamos por ela. Além disso, esta discussão levará em conta e analisará em detalhes conceitos que são básicos para as hipóteses que se desenvolvem a seguir.

Retomando o sistema proposto por Pinker (1989), veremos que, em suas representações, não há distinção na notação de cada constituinte, porém a sua posição na árvore é muito importante. O primeiro constituinte é sempre a função que define o evento: GO, ACT, BE ou HAVE. Neste caso, a função GO possui os traços +dinâmico/–controle, ACT é +dinâmico/+controle, BE é –dinâmico/–controle e HAVE é –dinâmico/+controle. Observe-se a representação do exemplo (35):

(35) A bola rolou para o gol.



Nessa imagem, vemos o evento do verbo *rolar* como sendo constituído de uma Função GO (representando um movimento dinâmico sem controle) seguida de constituintes que representam os argumentos do verbo. O primeiro constituinte depois da Função é o argumento interno do verbo (objeto direto) introduzido por uma Função THING com colchetes representando um espaço a ser preenchido por um sintagma nominal segundo as regras de correspondência discutidas anteriormente. Mais à direita, o elemento introduzido pelos constituintes PATH ou PLACE é um argumento interno indireto com espaço para um sintagma preposicional acompanhado de um sintagma nominal.

Portanto, no exemplo acima, o primeiro constituinte THING deste evento é realizado sintaticamente como o SN “A bola”, o constituinte PATH é a preposição “para”, e o segundo constituinte THING, que está encaixado no PP, é o sintagma nominal “o campo”. Note-se que o constituinte PATH, por sua vez, projeta uma Função “to”. Aparentemente, estas Funções ligadas aos constituintes PATH e PLACE definiriam o tipo de preposição que um determinado verbo pode aceitar, e determinariam o tipo de trajetória ou localização de um objeto, por exemplo. Os nomes destas Funções são as preposições “to”, “in”, “at”, “on”, “under”, e assim por diante, do inglês.

Porém, é importante ressaltar que elas não devem ser consideradas como as preposições em si que serão concretamente realizadas na sintaxe. Como Pinker (1989) adverte, os nomes destas Funções são apenas mnemônicos que devem ser considerados como simples representantes de uma configuração muito mais complexa



que será codificada por uma ou por outra preposição. A configuração da Função “to” refere-se a uma trajetória com alvo e pode encontrar-se codificada, por exemplo, nas preposições *para* e *até* do PB.

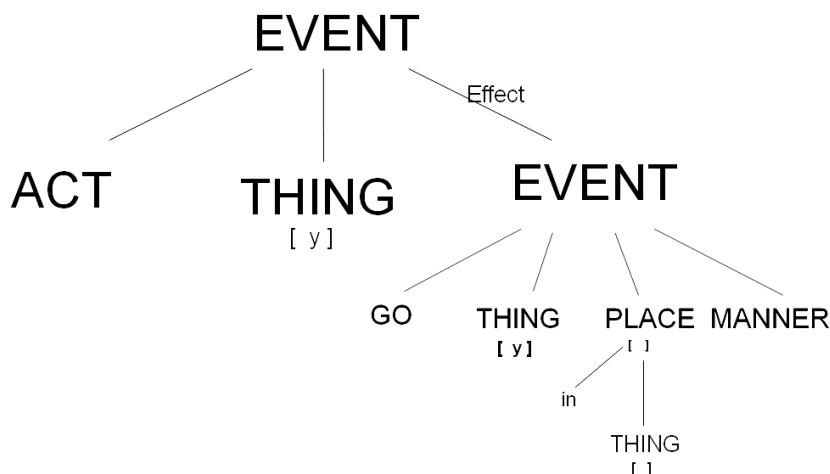
Como veremos mais adiante, é exatamente nesta Função que residirá nosso problema. Em vários exemplos analisados para este trabalho, há um choque entre a Função projetada pelo verbo e a preposição que é realizada sintaticamente. Olharemos para este problema com mais atenção na sequência. A vantagem e originalidade de uma tal representação, como se confirmará, é a possibilidade de se enxergar alguns argumentos comumente considerados adjuntos, como, na nossa opinião, complementos dos verbos de maneira de movimento:

(36) João rolou na grama.

(37) João rolou sob a ponte.

Defenderemos, em devido momento, que o alvo e o local do movimento sejam considerados complementos dos verbos aqui analisados posto que quando falamos em movimento, o espaço onde este ocorre ou onde este termina são essenciais para a interpretação do evento. Neste momento, voltaremos ao exame proposto nesta seção. Neste sentido, podemos dizer que, para um verbo como *rolar*, o argumento externo não existe na estrutura mais básica, e quando é preciso acioná-lo, ele entra como o primeiro argumento de um EVENT-ACT onde a estrutura mais básica do verbo, o *effect* (efeito), é encaixado:

(38) João rolou na grama.



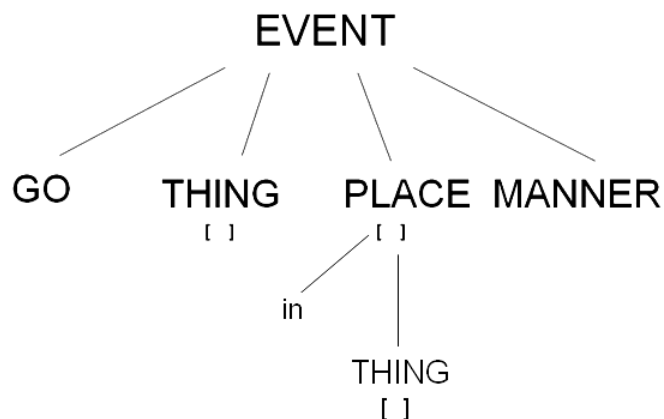
Observe-se que os colchetes sob os primeiros constituintes THING de cada evento são co-indexados e preenchidos por um mesmo símbolo *y* indicando que se trata do mesmo sintagma nominal na representação sintática final. Neste caso, *João* é tanto o agente do evento quanto aquele que sofre o efeito da ação.

Partindo para a análise de vários representantes do grupo dos verbos de maneira de movimento, percebemos que, apesar de pertencerem à mesma classe de confluência para as teorias de Talmy (2000) e Pinker (1989, 2008), alguns verbos se comportam distintamente no tipo de estrutura que podem aceitar, isto é, no tipo de alternância que licenciam.

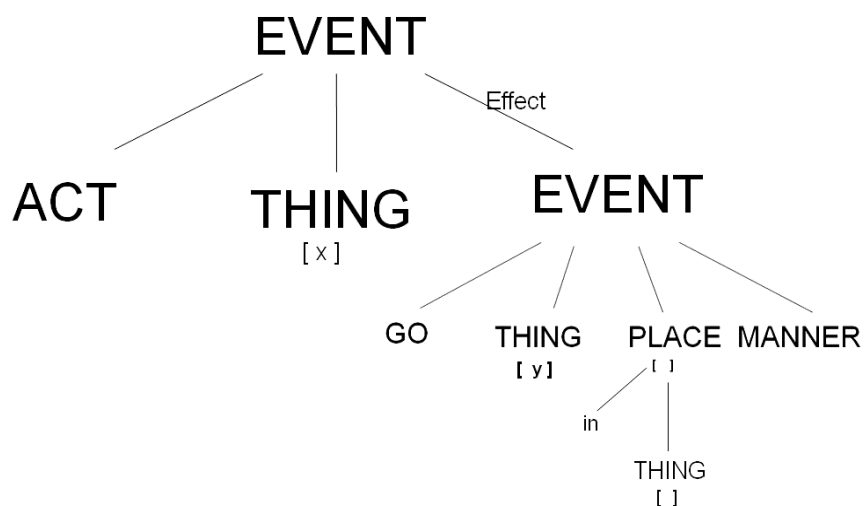
Decompondo o exemplo (38), percebemos que o verbo *rolar* aparece tranqüilamente na estrutura anticausativa (causa ausente). Para Pinker (1989), a Causa é representada em uma estrutura EVENT-ACT (onde ACT carrega o traço +controle) na qual um evento mais básico sem controle é encaixado através de uma operação *effect* (efeito) no evento superior<sup>26</sup>. Poderemos visualizar a representação da estrutura anticausativa em (39), e em (40), como aquela estrutura é encaixada em um evento ACT:

<sup>26</sup> Quando a interação causal é do tipo estendida (da nomenclatura de Talmy (2000): *Extended causation*), teremos um evento STATE-ACT ou ACT estativo (Pinker, 1989: 200). É o caso de frases como “A bola continuou rolando”. Como este tipo de evento não é tratado pelo atual recorte, deixaremos esta discussão para um outro momento.

(39) A bola rolou no campo.



(40) João rolou a bola no campo.



Note-se que nestes exemplos, a Função “in” do constituinte PLACE é totalmente compatível com a preposição locativa “em” do PB. No próximo exemplo, não podemos dizer o mesmo, embora, os verbos *saltar* e *pular* também possam igualmente ser encontrados na estrutura anticausativa:

(41) Uma brasa pulou no seu olho.

Além disso, somente o verbo *rolar* parece aceitar a estrutura causativa com objeto direto, pois não encontramos exemplos no PB em que os verbos *pular* e *saltar* apresentem uma estrutura similar, já que na sentença:

(42) \*João saltou/pulou a bola/brasa.

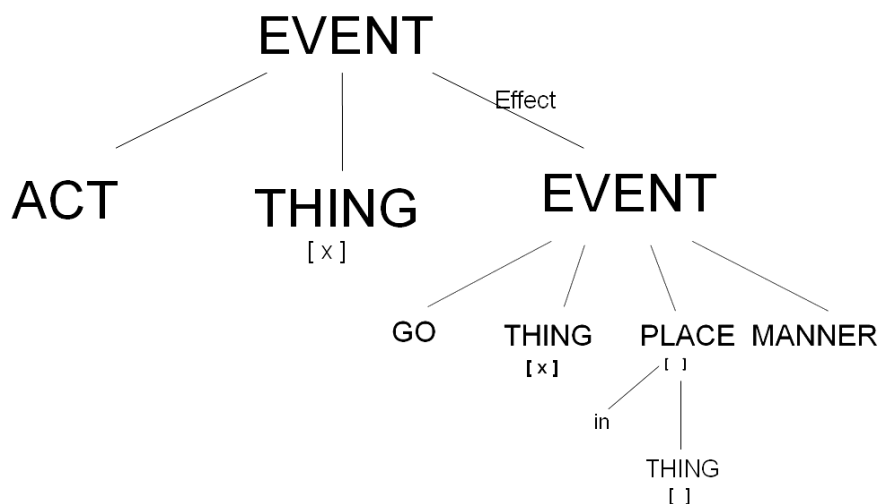
não podemos dizer que João fez a bola saltar/pular, agindo sobre ela e a colocando em movimento. A única leitura possível seria a de que João teria saltado por sobre a bola.

É importante ainda ressaltar neste exemplo que os primeiros constituintes **THING** de cada **EVENT ACT/GO** possuem índices distintos ( $x$  e  $y$ ), significando que se realizam sintaticamente como sintagmas diferentes – neste exemplo,  $x$  = “João” e  $y$  = “a bola”.

Em seguida, percebemos que verbos como *andar*, *nadar* e *rastejar* apresentam somente a estrutura causativa sem objeto direto – construção onde o sujeito e aquele que sofre a ação denotada pelo verbo são semanticamente o mesmo elemento. Esse é o caso do exemplo (38), analisado acima, e dos exemplos a seguir:

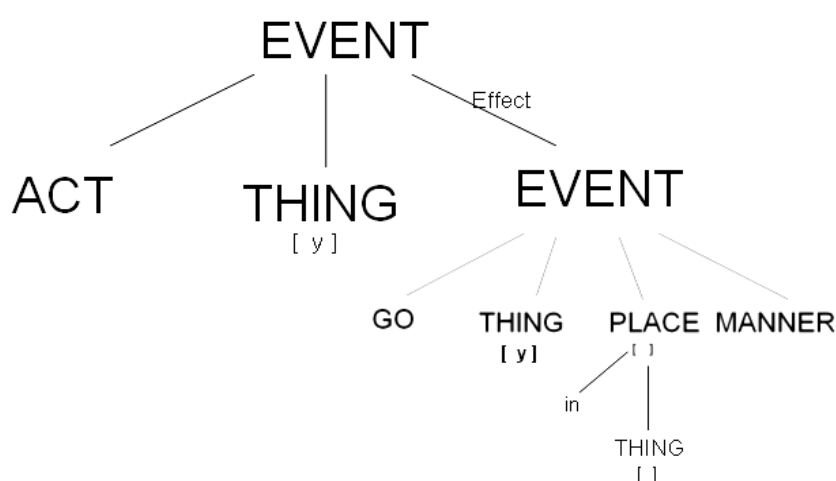
(43) João nadou na piscina (do clube).

(44) João rastejou na lama (ao meu lado).

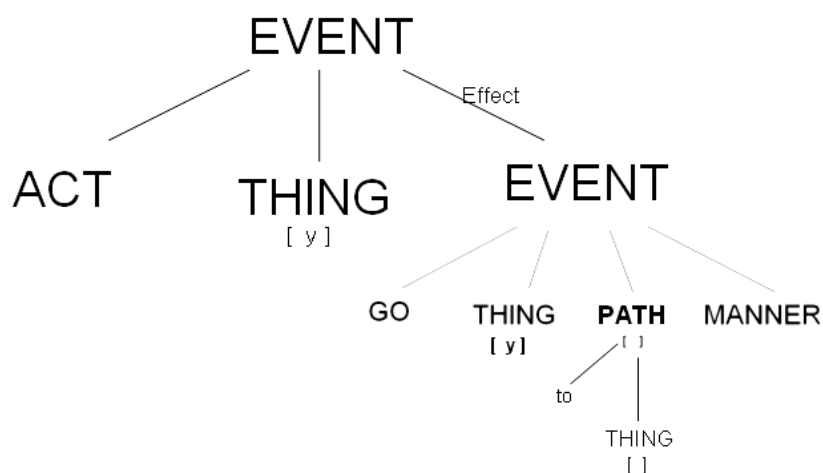


Enfim, chegando ao principal fenômeno que nos moveu a estas análises, nos deparamos com o verbo *correr* que apresenta a estrutura causativa sem objeto direto (verbo intransitivo) como em (44) – e da mesma forma que os verbos *andar*, *nadar* e *rastejar* – embora, e é este o problema em questão, licencie a ambiguidade de leitura locativa vs. trajetória. Como observaremos na confrontação dos exemplos (45) e (46) a seguir, este evento aceita na sua representação sintática uma preposição locativa *em* que entraria em choque com a Função “to” assinalada pela estrutura do verbo:

(45) Joãozinho correu no mercado / João correu no parque.



(46) João correu **no** mercado (comprar uma coca). (Leia-se: Foi até o mercado correndo)



Infelizmente, nesta teoria não encontramos nenhuma explicação para este fenômeno. Aparentemente, a leitura alternativa deveria ser bloqueada pela Função que é projetada na estrutura do verbo. Ainda, a atual hipótese não discute a natureza do objeto como possível definidor do tipo de Função que o verbo pode selecionar.

Uma primeira hipótese seria de que este tipo de ambiguidade só é licenciado pelos verbos de maneira de movimento que aceitam habitualmente tanto a estrutura com o constituinte PATH e sua Função “to” como a estrutura com o constituinte PLACE e sua Função “in” (hipótese que corrobora a tese de Ramchand (2008)). Assim sendo, verbos como *correr*, *pular* e *voar*, que apresentam frequentemente as duas estruturas licenciariam mais facilmente a leitura alternativa e/ou a ambiguidade, enquanto que verbos como *andar* e *nadar* aceitariam somente a estrutura com o constituinte PLACE e sua Função “in” e, portanto, não dariam pretexto tais interpretações<sup>27</sup>. Voltaremos a discutir esta hipótese no capítulo 3.

Intrigantemente, o verbo *voar* apresenta ainda uma outra particularidade. Muitas vezes, este verbo aparece em estruturas como no exemplo (47):

(47) Um cisco voou no meu olho.



<sup>27</sup> \**João andou para casa* não é uma frase comum no PB assim como *Jean a marché au parc* não o é em FR. Podemos encontrar variações como *João andou até em casa* ou *João andou até o fim da rua*, mas temos a impressão que elas são menos frequentes que sentenças como *João andou na praia* ou *João andou no parque*. Para uma discussão mais aprofundada da preposição *até*, sugerimos o texto de Fábregas (2007) onde o autor trata do comportamento desta em espanhol.

e mesmo com a preposição locativa, a única leitura licenciada é a de Trajetória, onde a preposição locativa entra em choque com a Função *to* atribuída pelo constituinte PATH assinalado para o evento. De fato, mesmo que ele apareça em estruturas causativas como *Um passarinho voou na janela*, a leitura apresenta ser, pelo menos, ambígua.

## 1.2. Uma classificação que leve em conta outros critérios

Como já foi mencionado, o problema para Pinker (1989), e que também consideramos digno de grande interesse, está na aquisição das estruturas verbais, isto é, em como as crianças são capazes de criar generalizações corretas para estruturas de verbos a partir da observação de uma amostra bastante limitada de dados, sem reforços positivos ou negativos por parte dos pais ou adultos de seu convívio (correções são raras, e correções bem sucedidas são mais raras ainda no processo de aquisição) e sem a existência de Exceções Negativas<sup>28</sup> para as estruturas verbais.

Suas pesquisas levaram-no à conclusão de que os critérios sutis aos quais as crianças (e conseqüentemente, todos os seres humanos) são sensíveis são, de fato, três conceitos cognitivos: FOCO HUMANO, NATUREZA FÍSICA E NATUREZA GEOMÉTRICA DE UM OBJETO.

Segundo o primeiro deles, estruturas são sensíveis ao foco que colocamos em uma das partes de um dado evento. No caso das inversões gestálticas, temos mudança de foco sobre o evento – foco no resultado *versus* foco no agente ou instrumento:

- (49) a. João quebrou o copo com o martelo.  
       b. O martelo quebrou o copo.  
       c. O copo quebrou.

---

<sup>28</sup> Um exemplo de Exceção Negativa é o plural irregular do inglês *child* → *children*. No caso da existência de tal exceção, uma criança em fase de aquisição, tendo já incorporado tal regra, não aplicaria o morfema de plural –s à palavra *child*. Se tal exceção não existisse, esse uso seria o esperado e não aqueles em que a criança não aplica o plural: *\*I love cat*.

Além deste conceito, estruturas também aparentam ser sensíveis à natureza geométrica de um objeto ou espaço – i.e., ao fato de um objeto ser composto de uma parte interior e outra exterior ou de ter uma superfície, etc. Finalmente, a natureza física dos objetos e dos eventos do mundo influencia a estrutura que usamos para falar de um determinado evento. Assim, para Pinker (2008) o que define a classe dos verbos que aceitam causativização no inglês, isto é, que aceitam a junção de um agente (ou autor, para mantermos a terminologia de Talmy também) causal à sua estrutura mais básica, é:

a) Inversão de enquadramento: na alternância causativa, as duas estruturas alternativas não são sinônimas, como é o caso das estruturas de outras alternâncias, e significam alternativamente que algo aconteceu (foco no resultado) ou que alguém/algo fez com que algo acontecesse (foco no agente ou autor).

b) Contato direto: que a causação e o efeito estejam ligados tão diretamente “quanto uma bola de bilhar batendo em outra”.

c) Intenção: que o efeito seja pretendido pelo agente.

É claro que nestes casos também podemos ajustar nosso zoom mental para que a granulação exagerada de um determinado evento não nos impeça de falar dele. Desta forma, quando digo *Eu quebrei o copo*, estou apagando da minha cadeia causal os impulsos nervosos falhos que meu cérebro enviou até minha mão, que não segurou o copo propriamente e que o deixou cair, até a própria queda do copo, seu atrito com o ar *versus* a força da gravidade agindo sobre ele, e enfim, seu choque com o chão, que foi a verdadeira razão da sua quebra.

Note-se que a partir deste mesmo evento, poderíamos explicar porque a frase *\*Eu caí o copo* causa estranhamento. Isto acontece porque quando dizemos cair nunca temos a intenção de fazê-lo, contrariando um dos critérios da causativização.

Ainda, para Pinker (2008), “a construção causativa é adepta de uma teoria do livre-arbítrio”. Isto é, mesmo que uma certa ação seja, de fato, desencadeada por um



fator externo – como rir ou chorar por causa de algo –, esses eventos são considerados como tendo alguma causa oculta dentro do agente, e não são diretamente causadas por algo externo. De fato, mesmo que João conte uma piada engraçadíssima, com a intenção clara de fazer Maria rir, nunca poderíamos dizer: *\*João riu Maria*.

Nos casos destes verbos de ação humana com causa interna, ferimos o critério de contato direto, e assim, a construção causativa não é bem sucedida. Paralelamente, a classe de verbos sobre objetos que emitem alguma coisa (brilhar, borbulhar, ranger, inclusive falar) não aceitam a estrutura causativa por causa desta mesma idéia de causa inerente interna, e não admitem “a intrusão de outra causa direta na mesma granulação” (Pinker, 2008: 92):

- (50) a. A chaleira está brilhando.  
b. Eu brilhei a chaleira.

O autor lista outros verbos de ação inerente humana que aceitam a alternância causativa. São os verbos de tipo de movimento ou postura: *bounce, drop, float, glide, hang, lean, move, roll, slide, (saltar, deixar cair, flutuar, deslizar, ficar pendurado, inclinar-se, mover, rolar, escorregar)* etc. Isto acontece porque estes verbos não ferem o critério de contato direto quando participam de tais eventos.

Todavia, estes mesmos verbos no PB não se comportam da maneira prevista por esta teoria. O curioso, neste caso, é que alguns desses verbos em PB aparecem somente na estrutura causativa, não ocorrendo na situação não-causativa autônoma, como em (51a-b):

- (51) a. *\*A blusa pendurou lá*.  
b. *The shirt hang there*<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Ainda, a classe dos verbos de mudança de estado (físico), a cujos eventos é sempre possível adicionar uma causa direta externa, aceitam a causativização sem problemas, em inglês e em PB. Opostamente, a classe de verbos sobre deixar de existir resiste a causativização porque ferem o conceito de intenção: *destruir, morrer, desintegrar, desaparecer, partir, demorar, expirar, perecer, sucumbir, sumir, falecer, ect.*

Uma análise mais detalhada do comportamento de todos estes verbos não cabe no escopo deste trabalho. Contudo, como veremos no capítulo 2, o fato de verbos da mesma classe apresentarem comportamentos distintos dos verbos de uma classe equivalente em outra língua reforça a defesa de nossa hipótese de que esta taxonomia não dá conta de fazer boas previsões sobre as estruturas em que os verbos de maneira de movimento podem aparecer. Exatamente por esta razão, vamos tentar propor no capítulos 2 e 3 uma taxonomia que leve em conta arranjos de traços, e não um único traço, na disposição de tais previsões.

Para ilustrar os comportamentos distintos que mencionamos e para concluir o capítulo, por hora, nos contentaremos em apresentar, a partir deste momento, um resumo da análise dos verbos da classe de maneira de movimento aqui estudados à luz das teorias debatidas até este ponto.

### ***1.3. Como se comportam alguns verbos da classe dos verbos de maneira de movimento no PB***

A classe dos verbos de maneira de movimento do PB inclui verbos que expressam um evento simples, em uma situação causativa autônoma, que aceitam causativização. Há, no entanto, dentro desta classe, pelo menos dois tipos distintos de verbos: aqueles que expressam movimentos inerentemente humanos - como *nadar*, *andar*, *correr*, *rastejar*, etc – e aqueles que expressam movimentos autônomos – como *rolar*, *deslizar*, etc.

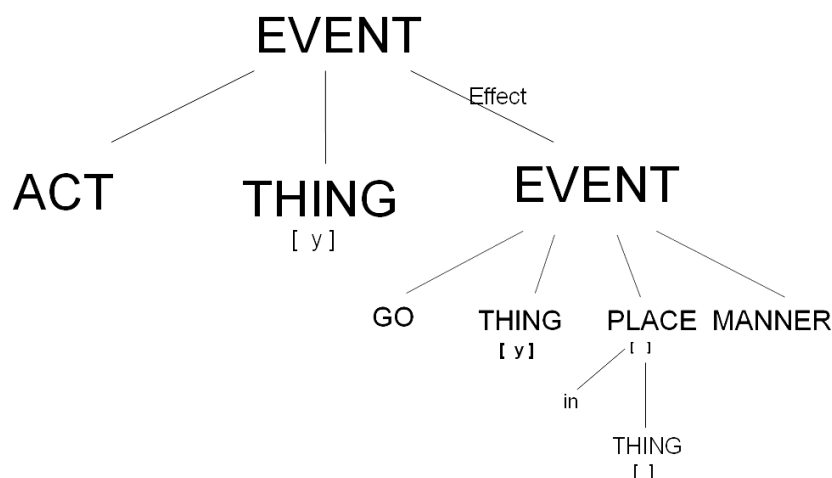
(52) Alice nadou na piscina do CEFETRJ.

(53) O trenó deslizou sobre o gelo.

Os verbos destas duas subclasses apresentam, desta forma, comportamentos sintáticos distintos da outra classe, mas semelhantes entre si e dentro delas. Como foi

verificado anteriormente, os verbos de movimento inerentemente humano, por exemplo, expressam a causativização do tipo self-dividido, onde uma parte da psyche impele o corpo físico ao movimento. A título ilustrativo, retomemos o exemplo (38), onde João é tanto o agente do evento, i.e., aquele que inicia o movimento ou impele a outra parte do evento, seu corpo físico, ao movimento:

(38) João rolou na grama.



Por ser do tipo de causa que se encontra oculta no interior do ser, esses verbos não aceitam a introdução de um sujeito externo que represente causa direta na mesma granulação, impedindo desta forma, a causativização da estrutura – como em *\*João nadou/correu/andou/rastejou Maria*.

Os verbos que aparecem na situação não-causativa autônoma aceitam sem problemas a causativização, quando respeitados os critérios acima listados: mudança gestáltica, contato direto e intenção. Isso explica, portanto, por que podemos dizer naturalmente ambas as sentenças em (54):

- (54) a. *A bola rolou*  
 b. *João rolou a bola.*

Além disso, exatamente por esta razão, verbos como *escorregar* e *cair*, só aparecem na estrutura autônoma, já que ferem o critério de intenção: *O copo escorregou (da mão de João)* versus *\*João escorregou o copo*.

O intrigante, contudo, é o verbo *voar*. Ele pode aparecer tanto na construção causativa do tipo self-divido, como em (55a-b):

- (55) a. *A andorinha voou.*  
b. *João voou para Miami.*

quanto em situações não-causativas autônomas como em (56a-b):

- (56) a. *Um cisco voou no meu olho*  
b. *Uma pedra voou na janela.*

Contudo, fica sem explicação por que, apesar de não ferir nenhum critério da regra de causativização, não podemos dizer algo do tipo: *João voou a pedra/bola*.

É evidente que esta primeira análise decomposicional das estruturas conceituais dos verbos de maneira de movimento não nos permitiu esclarecer a suposta ambiguidade de algumas estruturas [ $V_{\text{maneira}}$  +  $\text{Prep}_{\text{loc}}$ ] ou os casos curiosos como aquele do verbo *voar*. No entanto, ela iluminou questões como a de por que para alguns verbos o sujeito sintático pode ser ao mesmo tempo agente e experienciador do evento denotado pelo verbo.

Ainda, percebemos que esta classe de verbos pode apresentar exemplares que licenciam diferentes tipos de estruturas no PB, no inglês e no francês, o que fortalece a atual hipótese da existência de conceitos cognitivos primitivos que influenciam o comportamento sintático dos verbos sem, contudo, apresentar argumentos suficientes para a defesa de uma estrutura conceitual profunda que regule, através de regras de ligação, a estrutura na qual tais verbos podem ou não aparecer.

Acima de sentir a necessidade de encontrar leis que regulem a relação destes conceitos cognitivos profundos com os elementos de superfície das línguas naturais,

sentimos a necessidade de um mínimo de formalismo, algo que tais teorias não oferecem. Como não intencionamos, entretanto, adotar uma posição de purismo sintático nem optar por uma sintaxe hardcore, nos voltamos para uma proposta teorica bastante recente da arquitetura da língua que leva em conta a importância destes traços conceituais primitivos e que vai mais além, os organizando dentro de um sistema combinatório nos moldes da teoria X-barras que é capaz de fazer previsões coerentes sobre as estruturas sintáticas em que esses verbos podem aparecer além de prever suas variadas leituras e interpretações possíveis.

Apresentaremos estas teorias juntamente com a aplicação de suas proposições aos nossos dados do PB, do inglês e do francês nos próximos capítulos.

## 2. UMA CLASSIFICAÇÃO VERBAL DENTRO DA NANO-SINTAXE E DA SINTAXE DE PRIMEIRA FASE

Neste capítulo, analisaremos sob a luz da teoria de Ramchand (2008) a lista de dados do Quadro 1. Em todos os dados, podemos encontrar exemplares dos verbos de maneira de movimento do PB na estrutura  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$ . Tentamos buscar, do mesmo modo, sentenças com os verbos ora conjugados no pretérito perfeito, ora no pretérito imperfeito para ilustrar que, com exceção do verbo *pular*, o aspecto verbal não é central nas leituras alternativas de lugar vs. trajetória. Ainda, ao longo da análise, tentaremos comparar estas sentenças com suas versões em inglês e em francês, com o intuito de verificar translinguisticamente a influência dos traços primitivos que estamos testando. Tais versões serão testadas com informantes nativos de ambas as línguas.

Nos Quadros 1 a 10 do Anexo 1, expomos a lista de verbos que analisamos para esta investigação organizados em tabelas com exemplos de frases de informantes ou encontradas através do motor de pesquisa [Google.com.br](http://Google.com.br). Na coluna da esquerda, colocamos sentenças onde a construção  $[V_{\text{caminhar}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$  denota mudança de posição, ou seja, o lugar introduzido pela preposição é o mesmo no início e no fim do movimento. Na coluna da direita, o leitor encontrará exemplos de frases onde a construção  $[V_{\text{caminhar}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$  denota mudança de lugar, i.e., o lugar introduzido pela preposição é o alvo do movimento.

Para nossa análise final, no entanto, decidimos deixar fora desta lista duas construções bastante produtivas no PB,  $[V_{\text{pular}} + \text{Prep}_{\text{sobre}}]$  e  $[V_{\text{voar}} + \text{Prep}_{\text{sobre}}]$ , como em:

(57) Joana pulou sobre a cerca.

Fizemos isto porque, nestas orações, o lugar introduzido pela preposição não pode ser considerado nem a fonte, nem o alvo do movimento. Interessantemente, as versões em inglês e em francês de tais construções, com as preposições *on* e *sur*

respectivamente denotam, por sua vez, o alvo do movimento. Voltaremos a discutir a implicatura de tais constatações na análise de dados deste capítulo ainda.

### **2.1. O Sistema “*Sintaxe de primeira fase*” de Ramchand (2008)**

Quando nossa investigação não encontrou mais possibilidades de resposta para a ambiguidade de algumas de nossas estruturas nas teorias semântico-cognitivas, a proposta de Ramchand (2008) nos pareceu interessante por duas razões: primeiramente, em seu sistema *Sintaxe de primeira fase*, a autora consegue desenvolver uma regra que licencia a leitura de trajetória denotada pela combinação de alguns verbos, e somente eles, com algumas preposições de nossa lista dentro da estrutura  $[V_{\text{maneira}} + \text{Prep}_{\text{loc}}]$ . Ao mesmo tempo, ela nos permitiria justificar o tratamento dos complementos de lugar de alguns destes verbos como argumentos internos dos mesmos.

Neste sistema, encontramos uma teoria sobre a arquitetura da gramática onde o Léxico não existe como módulo independente com seus próprios primitivos e regras de combinação, mas é, na verdade, um constituinte do módulo sintático. Este módulo é, por sua vez, um sistema combinatório, referido aqui como *Sintaxe de Primeira Fase*, sistema este que a autora considera universal e que opera anteriormente a inserção.

Desta forma, partimos da ideia de que existe apenas um módulo combinatório, e não dois ou três, com apenas um grupo de primitivos e um grupo de operações. Esta perspectiva simplifica a análise e elimina a necessidade de se procurar explicar regras de ligação entre a estrutura lexical, profunda, e a estrutura sintática, de superfície.

Em consenso com as teorias aqui examinadas, Ramchand (2008) acrescenta que:

O que sabemos sobre o léxico é que cada item lexical é um agrupamento de informação em modalidades radicalmente diferentes (fonológica, articulatória, sintática, conceitual e até mesmo pessoal/de associação) em algum tipo de associação memorizada. Em se tratando de significado, o item lexical carrega uma enorme quantidade de conteúdo conceitual e enciclopédico, mas é a informação sintática baseada em traços que permite que esse conteúdo seja acessado e utilizado dentro do sistema computacional linguístico. Mas em vez de ver o item lexical como uma entidade sintática que projeta sua informação de um modo não ambíguo para criar representações sintáticas (visão do léxico estruturado), eu propus uma visão em que a sintaxe com uma semântica templática básica é construída de modo autônomo, como um nível ou dimensão de significado (uma visão construcionista), com a associação do conteúdo lexical provendo o outro nível ou dimensão de significado. Codificando a estrutura na sintaxe significa que a única codificação sintática necessária no item lexical são de traços de categoria. (...) Eu assumirei que o item lexical contém traços de categoria, e que isso desempenha o trabalho 'de seleção' que dá ao verbo sua parcial rigidez de uso. (2008: 58)<sup>30</sup>

Em sua escolha teórica, Ramchand (2008) contrasta, questiona e critica ideias do *Construcionalismo* (Goldberg 1995, Marantz 1997b, Borer 2005) e do *Lexicalismo* para desenvolver sua própria solução proposta sobre o que ela chama de “os problemas empíricos centrais”: papéis temáticos, estrutura de evento (*aktionsart*) e seleção. A autora delineia críticas às teorias lexicalistas que consideram o léxico como um módulo totalmente independente, e também às teorias sintéticas do Construcionalismo que esvaziam de sentido os itens lexicais. Pode-se dizer que Ramchand (2008) cunha uma teoria da arquitetura da gramática que se insere entre essas duas correntes antagônicas, descartando os problemas que ela aponta em cada

---

<sup>30</sup> “What we know about the lexicon is that each lexical item is a bundle of information in radically different modalities (phonological, articulatory, syntactic, conceptual and even personal / associational) in some kind of memorized association. In terms of meaning, the lexical item contributes a huge store of conceptual and encyclopedic content, but it is the syntactic feature information that allows that content to be accessed and deployed within a linguistic computational system. But instead of seeing the lexical item as a structured syntactic entity that projects its information unambiguously to create syntactic representations (the structured lexicon view), I have proposed a view by which the syntax with a basic templatic semantic is built up autonomously, as one tier or dimension of meaning (a constructionalist view), with the association to lexical content providing the other tier or dimension of meaning. Encoding the structure in the syntax means that the only syntactic encoding necessary on the lexical item will be category features themselves. (...) I will assume that the lexical item contains category features, and this performs the 'selectional' work that gives the verb its partial rigidities of usage”.



uma, mas aproveitando os *insights* positivos de ambas.

Seu trabalho se insere dentro de uma pesquisa maior que está sendo conduzida na University of Tromsø, Tromsø, Noruega. Um grupo de pesquisa contando com pesquisadores como Michal Starke, Pavel Caha, Peter Svenonius, Marina Pantcheva e Gillian Ramchand, propõe uma nova abordagem da arquitetura da gramática que integra os resultados de 30 anos de pesquisa em Princípios e Parâmetros assim como o crescente estruturalismo da Semântica. O fio condutor de tal teoria leva em conta a observação de que os nós terminais das estruturas sintáticas foram ficando cada vez menores à medida que as árvores sintáticas foram crescendo. Em um determinado ponto, eles se tornaram menores que um morfema.

Esta constatação trouxe uma consequência imediata: morfemas e palavras não podem mais ser considerados o *spellout* de um único terminal. Ao contrário, um único morfema deve “atravessar” vários terminais sintáticos e, portanto, corresponde a uma frase sintática completa. Podemos tirar duas conclusões desta constatação: a primeira delas é que frases sintáticas inteiras estão guardadas no léxico, e não apenas terminais; a segunda é que, por causa deste fato, não pode haver nenhum léxico antes da sintaxe – i.e. a sintaxe não é projetada a partir do léxico.

Estas conclusões, por sua vez, trazem implicações sérias para um trabalho sobre a arquitetura da gramática que deseje dar conta de explicar de maneira bem sucedida seus dados empíricos: como não pode haver léxico antes da sintaxe nem esta pode ser uma projeção daquele, devemos assumir uma nova versão do módulo Sintático. Este seria um único nível que cria itens lexicais montando as árvores que constituirão os itens lexicais<sup>31</sup>. Voltaremos a falar sobre esta nova proposta com mais minúcia na sequência da discussão sobre o sistema sugerido e delineado por Ramchand (2008).

Para fundamentar sua argumentação, a autora admite, assim como Talmy (2000)

---

<sup>31</sup> Trecho adaptado do site do grupo norueguês <http://nanosyntax.auf.net/blog/>. Último acesso em 10/junho/2012. Sugirimos também o acesso às páginas do CASTL - Center for Advanced Study in Theoretical Linguistics ligado à University of Tromsø: <http://castl.uit.no/index.php>, e do projeto Moving Right Along, dirigido por Peter Svenonius: <http://www.hum.uit.no/mra/>.

e Pinker (1989, 2008), a existência de dois tipos de informação lexical, ambos largamente aceitos pela literatura: uma informação enciclopédica não-estruturada com sua infinita rede de associações e nuances, e a classe de informação gramaticalmente relevante, mais sistemática, que se interconecta com o sistema sintático<sup>32</sup>.

A principal diferença estaria no fato de que, afirmar que generalizações só podem ser declaradas no nível da informação lexical é diferente de simplesmente admitir que itens lexicais possuem informação sintática. Ao mesmo tempo em que Ramchand (2008) se diz simpática à tentativa de negar o Léxico como módulo independente de informação e processos para a estrutura argumental, ela ainda buscará colocar no seu sistema alguma noção de informação seletiva que limita a maneira como os itens lexicais podem ser associados com a estrutura sintática.

Na sua argumentação, Ramchand (2008) discute um dos problemas centrais da teoria Lexicalista: a atribuição de papéis temáticos. Assumindo-se que qualquer coisa pode, hipoteticamente, ser memorizada pelo seu humano, ainda assim encontramos entradas lexicais que simplesmente não existem na língua humana: por exemplo, um verbo que tenha um agente instigador da ação como objeto direto enquanto que o UNDERGOER passivo surge no lugar de sujeito parece simplesmente não existir. Para a autora, mais do que se deter sobre uma lista infinita de papéis temáticos que um determinado complemento pode receber, são estas generalizações sobre os tipos de complemento que podem ou não aparecer em certas posições sintáticas as generalizações que sua teoria da gramática gostaria de capturar.

Assim, a autora apresenta duas estratégias para executar as generalizações de que ela precisa. Estas estratégias são, na verdade, analisar empiricamente as duas abordagens com as quais a autora dialoga para propor uma teoria que intersecte ambas:

(i) A abordagem temático-lexical postula uma classificação temática dentro do Léxico. Em seguida, através “regras de ligação”, um determinado papel é ligado a

---

<sup>32</sup> Ver também Chomsky 1965, Jakendoff 1983.

uma determinada posição/lugar na estrutura. Nesta abordagem a informação relevante é projetada a partir do Léxico.

(ii) A abordagem Gerativa-Construcionista, por sua vez, permite a construção livre de terminais sintáticos e deixa ao conhecimento enciclopédico o papel de intermediar se um determinado item de vocabulário entra no terminal nó ou não.

Uma das principais críticas à primeira abordagem é a falta de consenso entre o número e os tipos possíveis de papéis temáticos que podemos postular, assim como o problema da designação de uma hierarquia entre os papéis existentes. Para Ramchand (2008), o autor que chegou mais próximo de uma boa resposta para este problema foi Dowty (1990 *apud* Ramchand, 2008)<sup>33</sup>. No entanto, para a autora, “os princípios de Dowty basicamente abandonam a ideia de que as generalizações que vemos deveriam ser representadas no centro da gramática – as propriedades que ele lista devem ter o status de tendências cognitivas gerais que estão por trás de como vários conceitos tendem a ser lexicalizados (memorizados) nas línguas naturais”<sup>34</sup> (Ramchand, 2008:6).

De qualquer forma, esta visão dos proto-papéis temáticos continua interessante porque nos apresenta uma lista dos critérios que Dowty julgou mais interessantes dentro do comportamento linguístico, como os conceitos de volição, animação, causa, etc - do lado do agente -, e mudança de estado, tema incremental, etc – do lado do paciente. Ramchand (2008) argumentará que estas propriedades gerais são de fato o nível certo de abstração para se postular sistematicidades que dizem respeito ao

<sup>33</sup> Em seu artigo de 1990, Dowty defende uma alternativa mais flexível às generalizações que fazemos sobre papéis temáticos: o linguista apresenta somente dois papéis temáticos prototípicos (o Proto-agente e o Proto-paciente) e suas proto-propriedades. O autor então propõe que, a entrada nominal que possuísse a maior quantidade de propriedades do papel de proto-agente e a menor quantidade de propriedades do proto-paciente tenderia a ser tratada como o sujeito da sentença, enquanto que a entrada que possuísse a maior quantidade de propriedades do papel de proto-paciente e a menor quantidade de propriedades do proto-agente tenderia a ser lexicalizada como o objeto direto da sentença. Esta classificação resolveria o problema frequentemente encontrado ao se tentar decidir pelo número e tipo de papéis temáticos a se assinalar a um verbo. Desta forma, é possível entender por que, por exemplo, na frase *O sol aquece o chão*, “o sol” é o sujeito da frase mesmo não possuindo muitos dos traços habitualmente esperados de um agente, como animação, volição e movimento. Contudo, até mesmo a teoria de Dowty não consegue dar conta de verbos que expressam um relacionamento temporal, como no par: “Joana segue (follows) Alice” e “Alice precede (precedes) Joana”.

<sup>34</sup> “Dowty’s principles basically gives up the idea that the generalizations we see should be represented in the core grammar - the properties he gives must have the status of general cognitive tendencies which ultimately underlie how various concepts tend to get lexicalized (memorized) in natural language”.

mapeamento entre a sintaxe e a semântica.

Em um sentido geral, a crítica da autora se posiciona contra a busca de uma teoria para a classificação de papéis temáticos em uma lista com suas regras de ligação, principalmente devido à flexibilidade com que diferentes papéis aparecem em diferentes posições da estrutura de um mesmo verbo. Entre os exemplos que a autora aponta como problemáticos está a classe dos verbos assustar/temer (sujeito experienciador vs. objeto experienciador); as alternâncias dativas (objeto duplo); e a alternância spray-load (de conteúdo).

Ainda assim, observando o comportamento linguístico de alguns verbos, nos é possível fazer algumas generalizações sobre o número e os tipos de papéis que um certo verbo pode tomar, determinando, deste modo, sua transitividade ou capacidade de aceitar alternância. Somente, dentro desta nova proposição, estes papéis seriam traços primitivos mais profundos e de número bastante limitado. Por sua vez, suas regras ou generalizações, aquelas que realmente interferem na estrutura, seriam facilmente comprovadas empiricamente.

Nas tentativas anteriores de se resolver os problemas citados acima, duas teorias do Léxico se apresentaram antagônicas. De um lado, a teoria do Léxico Estático dentro do qual encontramos informação sobre a estrutura argumental que se relaciona com a sintaxe de maneira sistemática e possivelmente determinística, mas não há manipulação interna ao Léxico antes da inserção. De outro, aquela do Léxico Dinâmico, dentro do qual também encontramos informação sobre a estrutura argumental que se relaciona com a sintaxe de maneira sistemática e possivelmente determinística, mas que admite manipulações internas ao Léxico antes da inserção.

O problema central continua sendo, contudo, o fato de que estas teorias concebem a existência de dois módulos distintos que são conectados por regras de ligação. A crença na existência destes dois módulos, ou ao contrário, de um único módulo unificado, se reflete diretamente na natureza dos rótulos e classes naturais de verbos e/ou arranjos de traços que uma ou outra teoria propõe. A existência de dois módulos gera, por sua vez, a maior parte dos problemas da teoria Lexicalista,

problemas estes que estão na enorme dificuldade de se encontrar e comprovar empiricamente as regras de ligação que os conectam e que deveriam ser generalizadas de maneira satisfatória. Ramchand, como já mencionamos, seguirá a visão de que há somente um módulo onde regras e transformações podem ser determinadas.

Ainda nesta arguição teórica, a autora também contesta as teorias construcionistas, para as quais as raízes lexicais não possuem nenhuma informação sintaticamente relevante: elas são apenas pacotes de informação cognitiva e enciclopédica. Por sua vez, toda a informação sintaticamente relevante se encontraria na estrutura. O problema deste tipo de visão é o fato de que a flexibilidade da estrutura argumental não é tão geral translinguisticamente como se esperaria e como sugerem os exemplos de Borer (2005: 10):

- (58) a. The fire stations sirened throughout the raid.  
 b. The factory sirened midday and everyone stopped for lunch.  
 c. The police sirened the Porsche to a stop.  
 d. The police car sirened up to the accident.  
 e. The police car sirened the daylights out of me.

O que se verifica, principalmente, em análises translinguísticas da mesmas estruturas:

- (59) a. Os postos de bombeiros tocaram a sirene durante todo o ataque.  
 b. A fábrica *tocou a sirene* do meio-dia e todos pararam para o almoço.  
 c. A polícia *\*sirenou* um Porsche para uma parada.  
 d. O carro da polícia *\*sirenou* até o acidente.  
 e. (?)

Caso nos detivermos no inglês somente, ainda assim encontramos dados empíricos que indicam que outros verbos, ou classes deles, resistem a esta suposta flexibilidade da estrutura, não aceitando certas alternâncias. Este é o caso (como já vimos no exemplo (29), pág. 28) que Pinker (1989) analisa durante a investigação do já apresentado Paradoxo de Baker, onde o verbo *give* (dar), por exemplo, aceita a

alternância dativa enquanto que seu par *donate* (doar) resiste tal alternância:

(60) Joana gave the library the book.

*Joana deu a biblioteca um livro.*

\*Joana donated the library the book.

*Joana doou a biblioteca um livro.*

Apesar de se transferir as regras de formação e a informação categorial para a estrutura, o problema continua o mesmo: quais são e quantos são os papéis temáticos que existem e como é que eles se alinham com uma posição sintática? A visão da autora será a de que a razão pela qual as construções têm significado é o fato de que “elas são sistematicamente construídas como parte de um sistema gerativo (forma sintática) que tem correlatos de significados previsíveis” (Ramchand, 2008:11).

Em consequência, a autora postula a necessidade de se distinguir entre significado enciclopédico e significado linguístico. Ela apresenta, então, a teoria de Pustejovsky (1991) sobre um Léxico que conteria explicitamente dois tipos de informação que se encontrariam em módulos distintos: (i) o significado não pode ser dissociado da estrutura que o carrega e (ii) o significado de palavras também são reflexos de uma estrutura conceitual profunda.

A autora se apresenta totalmente simpática a esta distinção enquanto critica a escolha arquitetural que Pustejovsky faz. Para Ramchand (2008), já que a composição da estrutura de evento é produtiva e não precisa ser memorizada, não fica claro se ela realmente faria parte de um módulo separado do maquinário sintático gerativo. Se esses maquinários combinatórios propostos são essencialmente redundantes com a sintaxe, então eles não devem estar onde estão.

Em resumo, se todo o conteúdo lexical que não tem relevância para a estrutura pode ficar em um ou outro sub-módulo do Léxico, então o aspecto gerativo-estrutural do significado pode ser analisado como um componente sintático, enquanto que o significado enciclopédico-lexical pode ser tratado como um assunto da Cognição.

Para melhor ilustrar esta escolha teórica, podemos ainda citar Fábregas (2007) que, de maneira semelhante, argumenta que, como o processo de lexicalização mapeia informações sintáticas para dentro de itens lexicais, o ideal seria de que esta relação fosse de um para um, o que, infelizmente, não é comprovado. Dentro da Nano-sintaxe, o fenômeno que prediz que mais de um item lexical seja usado para expressar uma mesma informação sintática é conhecido como Sincretismo. Para Fábregas (2007), “a existência deste fenômeno, combinado com a neutralização de algumas oposições morfológicas sob certas circunstâncias, deixa claro que a lexicalização envolve a competição de diferentes itens lexicais para a inserção da mesma informação”<sup>35</sup>.

Sabendo disso, prossegue Fábregas (2007), nós podemos tentar explicar essa competição de duas maneiras. Uma delas é defendida pela Morfologia Distribuída através do Princípio de Subconjunto: quando vários itens lexicais competem, “aquele que identificar o maior subconjunto de traços presentes na sintaxe é escolhido”<sup>36</sup>. Por outro lado, “a visão alternativa, primeiramente proposta por Michal Starke em trabalhos não publicados e largamente desenvolvida em Caha (2007), propõe que, quando vários itens lexicais competem, aquele que identificar o mínimo sobreconjunto<sup>37</sup> (superset) de traços sintáticos é escolhido. Isto é conhecido como o Princípio do Sobreconjunto<sup>38</sup>.

Para ilustrar tal diferença fundamental, usaremos o exemplo de Fábregas (2007). “Suponha que na língua X encontremos o pedaço de informação sintática representado em (61). Crucialmente, a língua X não possui um item lexical que identifique exatamente aqueles traços sintáticos, de tal forma que os dois itens em (81) compitam para lexicalizar aquele pedaço”.

(61) A,B,C

(62) Item lexical 1 <A,B,C,D>

---

<sup>35</sup> “The existence of this phenomenon, combined with the neutralisation of some morphological oppositions under certain circumstances, make it apparent that lexicalisation involves competition of different lexical items for insertion in the very same syntactic configuration”.

<sup>36</sup> “the one that identifies the maximal subset of features present in the syntax is chosen”.

<sup>37</sup> Esta terminologia ainda não está cunhada em PB, mas nos decidimos pelo termo “superconjunto” porque, em espanhol, se fala em *superconjunto*, e nas teorias de nanotecnologia em PB também se usa tal expressão.

<sup>38</sup> “The alternative view, first proposed by Michal Starke in unpublished work and widely developed in Caha (2007), proposes that, when several lexical items compete, that one which identifies the minimal superset of syntactic features is chosen. This is known as the Superset principle”.

Item lexical 2 <A,B>

(Exemplos (12) e (13) de Fábregas, 2007)

De acordo com o Princípio do Subconjunto, de teorias construcionistas, o item lexical que codifica o maior subconjunto de traços de (90) é o item 2, e ele ganhará a competição, mesmo que o traço C não esteja presente no item lexical vencedor.

Já de acordo com o Princípio do Sobreconjunto, o item que ganha a competição é o item 1, pois contém um sobreconjunto mínimo dos traços em (91), mesmo que carregue um traço não estabelecido pela estrutura. Esta proposta se faz mais atraente porque, se adotarmos o segundo princípio, nenhuma operação pós-sintática será necessária, como é o caso da regra do empobrecimento de traços sintáticos da MD, que seria usada para “apagar” o traço C do nosso exemplo. Dentro da Nano-sintaxe, nenhum traço pode ser apagado, i.e., o Princípio do Sobreconjunto assume que todo traço sintático presente no terminal sintático seja *spelled-out*<sup>39</sup>. Este princípio permite assumir, também, que uma dada estrutura sintática seja lexicalizada por mais de um item de superfície, o que é o caso dos phrasal verbs do inglês.

Poderíamos, talvez, ilustrar o exemplo em (90) com o evento “entrar”. No inglês, existe a possibilidade de se expressar o deslocamento de uma figura do exterior de um ambiente para o interior deste com o verbo *enter*, isto é, o inglês usa somente um só item de superfície que carrega em si os três traços de <Movimento, Lugar alvo, Exterior→Interior>. Já o PB, além do verbo *entrar*, precisa da preposição *em* para expressar em uma sentença bem formada tal deslocamento. Desta forma, todos os traços da estrutura sintática de (61) encontram-se em um mesmo item lexical no inglês, o verbo *enter*, embora não se encontrem dentro do mesmo item lexical em português. Embora não seja o intuito deste trabalho analisar este tipo de deslocamento, podemos sugerir que os traços existentes na estrutura sintática de tal evento estejam distribuídos da seguinte forma nos itens lexicais de ambas as línguas:

(63) a. João entrou<Movimento exterior-interior> em<EM-Lugar alvo> a sala.

<sup>39</sup> Ignoramos o termo usado em PB para *spell-out* e encontrei artigos que o deixam em inglês mesmo, ora com a grafia *spellout*, ora com a grafia *spell-out*. Adoto, neste caso, a mesma grafia encontrada em Fábregas (2007).



b. John entered<Movimento exterior-interior, Lugar alvo> the room.

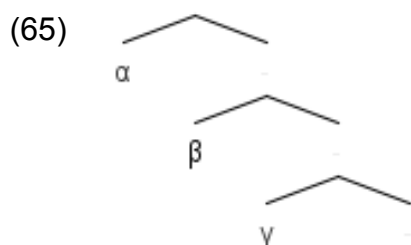
Os processos que determinam como cada traço aparecerá em um determinado item lexical, contudo, devem respeitar algumas condições. No caso dos traços que um determinado item possui mas que não estão contidos no nó em que ele é inserido após vencer uma competição, é preciso observar a regra do Lixo Minimizado (*Minimize Junk*):

(64) *Lixo Minimizado*<sup>40</sup>

Quando dois itens lexicais obedecem as condições para serem inseridos em um nó, observando que todos os traços sintáticos desse nó tenham spell-out, o item que possuir o mínimo de traços sobressalentes é inserido.

Todavia, não são quaisquer traços sobressalentes que podem ser ignorados. Além da regra do Lixo Minimizado, quando uma mesma estrutura sintática é codificada dentro de mais de um item lexical com traços sobressalentes, garantindo assim a expressão de todos os seus traços e a gramaticalidade das construções, deve-se observar a Condição de Ancoragem (*Anchor Condition*): “uma entrada lexical pode substituir somente as estruturas sintáticas que incluam seu traço mais baixo” (Patcheva, 2007), isto é, deve-se respeitar a hierarquia dos traços e somente os traços que se encontram em uma posição mais alta no arranjo sintático podem ser ignorados.

Para ilustrar tal princípio, usaremos a analogia de Patcheva (2007). Considere a estrutura sintática em (65) e os itens lexicais em (66). Nesta língua fictícia, os itens A e B tem em comum o traço  $\beta$  e nenhum item lexical desta língua carrega todos os traços desta estrutura. Além disso, a hierarquia de traços determina que o traço  $\gamma$  é o mais profundo, enquanto que o traço  $\alpha$  se encontra mais alto na estrutura:



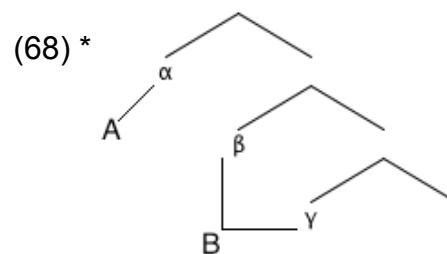
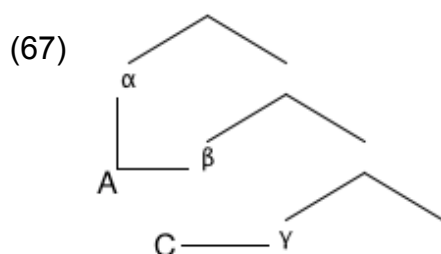
<sup>40</sup> “a lexical entry can replace only syntactic structures that include its lowest feature”.

(66) a.  $A <\alpha, \beta>$

b.  $B <\beta, \gamma>$

c.  $C <\gamma>$

Há, desta forma, duas maneiras possíveis da estrutura em (65) ser spelled-out através dos itens lexicais dados:



A lexicalização em (68) é, no entanto, banida pela Condição de Ancoragem porque o traço  $\beta$ , sendo o mais baixo do item lexical A, não é combinado contra a estrutura sintática (Pancheva, 2007: 18-19). Para ilustrar tal situação, tomemos novamente o exemplo do evento *entrar* em inglês que tem em seu arranjo os traços  $<\text{Movimento exterior} \rightarrow \text{interior, Lugar alvo}>$ .

Se optarmos pela estrutura com o verbo *enter*, não poderemos usar na mesma oração a preposição *in* (encontrada por sua vez no phrasal verb *go in*). Isto aconteceria porque a preposição entraria em competição com o verbo *enter* para *spell-out* o traço de  $<\text{Lugar-alvo}>$  do terminal mais baixo da estrutura sintática<sup>41</sup>, deixando assim o mesmo traço na estrutura do verbo *enter* sem um nó terminal sobrando com o qual pudesse se combinar. Como este também é o traço mais baixo da estrutura do item lexical *enter*, uma sentença como em (69) seria agramatical em inglês:

(69) \*She entered $<\text{Movimento exterior-interior, Lugar-alvo}>$  in $<\text{Lugar alvo}>$  the room.

Nosso desejo é, portanto, verificar a aplicabilidade de tais regras e a hierarquia de traços proposta por Pancheva (2007) e Ramchand (2008) na análise dos dados que

<sup>41</sup> Na hierarquia de traços que se encontram dentro de preposições proposta por Pancheva (2007) para a expressão do deslocamento, encontramos o traço lugar-alvo como o mais baixo da estrutura.

temos em PB e suas versões para o francês e o inglês. Antes disso, conseqüentemente, é preciso esclarecer quais traços primitivos fazem parte deste diminuto grupo de traços operando como a base de todas as operações assim como em que hierarquia eles estão dispostos.

Destarte, tentaremos expor, seguindo Ramchand (2008), que uma vez que “as generalizações seletivas forem propriamente compreendidas e isoladas das condições de felicidade mais heterogêneas e não sistemáticas”, por meio da decomposição dos significados verbais, será possível representá-las em uma sintaxe articulada com uma interpretação semântica sistemática.

Nesta empresa, e em conformidade com as outras teorias até aqui debatidas, a primeira generalização que a autora investiga é a da Causação. A autora acredita que, ao se descobrir os papéis temáticos primitivos, conseguiremos identificar os elementos primitivos da decomposição de um evento e, desta forma, poderemos compreender melhor a composição destes e suas regras.

A Causação tem ocupado uma posição central no estudo dos componentes do significado, principalmente por apresentar morfologia própria em algumas línguas. No francês, por exemplo, o fato de o sujeito de uma sentença ser realmente o agente de uma ação ou somente o seu incitador exige estruturas diferentes. Na estrutura em que o sujeito é somente o incitador da ação, temos a necessidade de introduzir o verbo auxiliar *faire* antes do verbo principal:

- (70) a. Jeanne fait laver son linge dans la machine à laver. (Suj. INCITADOR)  
 b. Joana faz lavar sua roupa na máquina.  
 c. Jeanne lave son linge (elle même). (Suj. AGENTE)  
 d. Joana lava sua roupa (ela mesma).

Além desta questão, para Ramchand, a causa está implicada na distinção argumento interno<sup>42</sup> vs. argumento externo, que tem sido utilizada como uma

---

<sup>42</sup> O(s) argumento(s) interno(s) de um verbo é (são) aquele(s) que se realiza(m) dentro do sintagma verbal referido, como complemento do predicado. O argumento externo, por sua vez, se realiza fora do

propriedade definidora de classes verbais, como a classe dos verbos Inacusativos vs. Ergativos, e até mesmo de línguas<sup>43</sup>.

Ramchand concorda que exista um papel primitivo subjacente a esta distinção argumento externo vs. interno mas ela definirá este primitivo/categoria abstrata como INITIATOR/INICIADOR. Para a autora, todos os papéis temáticos atribuídos ao argumento externo (agente, experimentador, etc) partilham deste mesmo primitivo. Desta forma, a agentividade, apesar de ser importante para a felicidade de uma sentença em certas circunstâncias, não determina diretamente classes sintaticamente relevantes. Assim, podemos inclusive prever argumentos externos não agentivos-incitadores e certas alternâncias. É somente o traço INITIATOR que se encarregará de determiná-las.

- (71) a. Joana quebrou a janela (com uma bolada).  
 b. O vento quebrou a janela.  
 c. Joana construiu aquela casa.  
 d. O dinheiro de Joana construiu aquela casa.

Além da Causação, Ramchand (2008) trata da Telicidade. A discussão central é o fato de o argumento interno quantificado denotar ou não um evento télico como o supõem algumas teorias<sup>44</sup>. Para a autora, o relacionamento de alguns argumentos com certos sub-eventos não é tão direto quanto se imagina.

Primeiramente, observa-se que dados empíricos que referem eventos sem

---

sintagma verbal, ocupando, geralmente, a posição de sujeito do predicado. Ambos argumentos recebem do predicado casos e papéis temáticos distintos. Ao argumento interno de um verbo atribuímos o caso acusativo enquanto que o argumento externo recebe o caso nominativo (marcações estas que podem ser percebidas na variação da forma morfológica de um determinado pronome - eu → mim no PB, por exemplo).

<sup>43</sup> Encontramos na literatura discussões sobre duas famílias principais de línguas: de um lado está o grupo de línguas que tendem a apresentar uma equivalência morfológica ou sintática, como marcação de caso, para o objeto direto de um verbo transitivo e o único argumento de um verbo intransitivo, enquanto que o agente de um verbo transitivo é tratado de maneira diferente. Dentro desta família encontramos línguas como o japonês. Já línguas acusativas, como o inglês e o português, tendem a tratar o agente de um verbo transitivo e o argumento único de um verbo intransitivo da mesma maneira, isto é, ambos aparecem na posição de sujeito, com a realização morfológica prototípica de um sujeito, enquanto que o objeto direto de um verbo transitivo é tratado de maneira distinta. Ver Nonato (2008).

<sup>44</sup> Ramchand se refere a Krifka (1987), Kratzer (2004), Borer (2005) e van Hout (2000a).

argumentos internos ou mesmo com argumentos internos não quantificados podem apresentar o traço [+télico]. Da mesma forma, eventos com o traço [-télico] apresentam, com grande frequência, objetos quantificados. Mais importante, nenhuma das três línguas aqui analisadas parece apresentar as restrições esperadas, realizando com felicidade as sentenças abaixo:

- (72) a. John stood up in a second. (nenhum argumento interno)  
 b. Joana se levantou em um segundo.  
 c. Joana s'est levée en une seconde.  
 d. They found gold in three hours. (argumento interno massivo)  
 e. Eles encontraram ouro em três horas.  
 f. Ils ont trouvé de l'or en trois heures.  
 g. John pushed the cart for hours. (objeto quantificado)  
 h. Joana empurrou o carrinho por horas.  
 i. Joana a poussé le caddie pendant des heures.

Seu debate rejeita, desta maneira, teorias sintáticas que atribuem ao objeto a função de checar quantificação e telicidade.

Assim, a autora propõe que façamos distinções mais finas sobre a maneira como os objetos diretos mapeiam para dentro do evento. A primeira ideia é a de Path (trajetória). Segundo Ramchand, e em conformidade como o que já de batemos de Pinker (1989, 2008), verbos dinâmicos têm uma estrutura parte-todo definida pela nossa percepção humana de noção de mudança. Neste sentido, eventos dinâmicos são mudanças generalizadas análogas às trajetórias espaciais. Argumentos externos estão relacionados ao evento como um todo mas não são afetados por ele, enquanto que os argumentos internos, por outro lado, são internos à estrutura de trajetória do evento:

- (73) a. Joana rolou a bola. (Joana pode ser vista como participando do evento como um todo ou apenas como a iniciadora deste)  
 b. A bola rolou. (a duração do evento é determinada pelo tempo em que a bola se mantém em movimento)

Dentro deste raciocínio, o argumento interno é aquele que sofre alguma mudança, sem que esta seja, necessariamente o atingir de um estado final. A mudança pode ser tanto momentânea quanto gradual, pode ser espacial ou também, um estado final. Para estes argumentos que sofrem alguma mudança, seja ela momentânea ou gradual, a autora dá o nome de UNDERGOER<sup>45</sup>. Este objeto, no entanto, não necessariamente implica telicidade: telicidade será um encadeamento semântico dependendo da natureza do objeto, mas não estará codificada na determinação lexical do verbo ou seus reflexos sintáticos.

É a noção de UNDERGOER que parece ser responsável pelo pertencimento de um verbo a uma determinada classe (e inclui objetos de verbos de mudança de estado e objetos de verbos de mudança transitória). A nossa lista de verbos apresenta, inicialmente, verbos com estruturas que possuem dois tipos de UNDERGOER. Um primeiro que está co-indexado com o INICIATOR, como nos exemplos abaixo dos verbos *caminhar* e *nadar*:

(74) Caminhei<sub>UNDER,INIC</sub> no centro da cidade.

(75) Eu nadei<sub>UNDER,INIC</sub> na caixa d'água da escola.

e um outro que pode ser independente daquele, como nos exemplos dos verbos *deslizar* e *rolar*:

(76) Deslizei<sub>INICIADOR</sub> um papelzinho<sub>UNDERGOER</sub> sobre o balcão.

(77) João<sub>INICIADOR</sub> rolou a bola<sub>UNDERGOER</sub> para Pedro.

É importante, ainda, distinguir entre UNDERGOER e PATH. O UNDERGOER será o sujeito (objeto-argumento) da mudança, como podemos ver nos exemplos acima. O outro primitivo PATH definirá uma classe que é diretamente mapeada para sobre a extensão material do objeto. Nestes casos, o limite de um evento (*boundedness*) ou ausência dele (*unboundedness*) dependerá da extensão material do

---

<sup>45</sup> Aqui em letras maiúsculas para distingui-lo do Undergoer de Talmy (2000).

objeto. Entre nossos exemplos, o verbo *correr* pode apresentar também esta estrutura quando toma um objeto direto, como em:

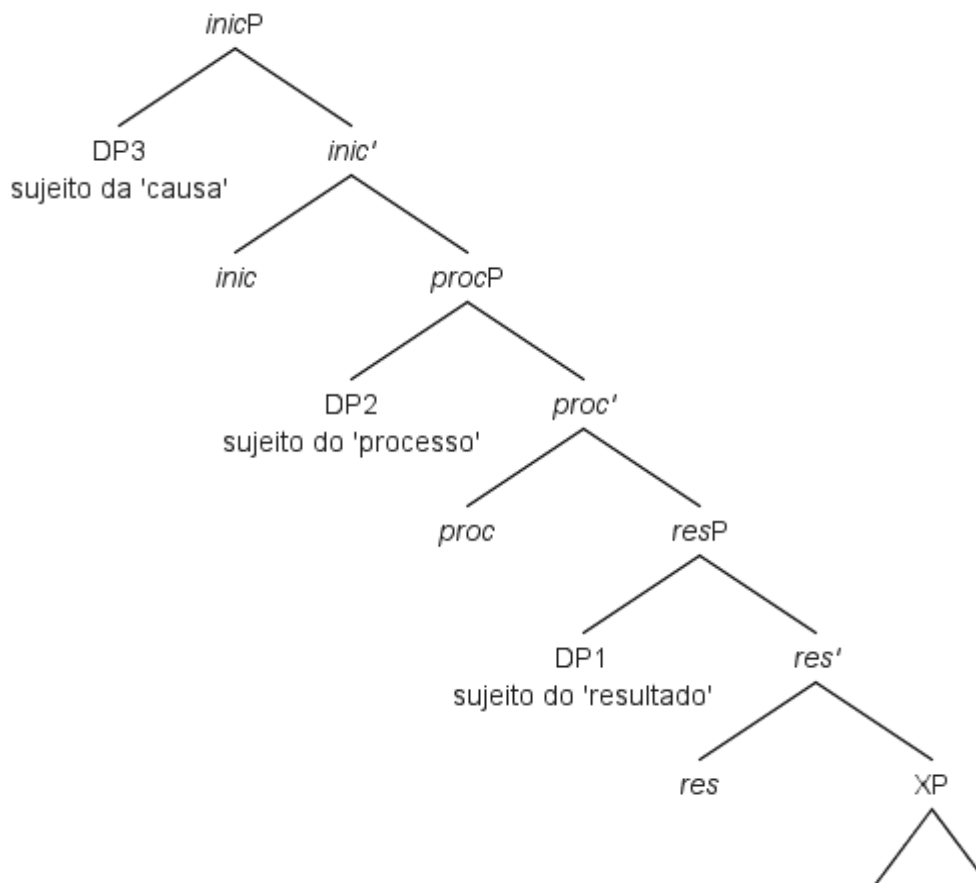
(78) João correu a trilha.

Finalmente, outro primitivo que surge das decomposições encontradas em Ramchand (2008) é o RESULTEE/RESULTANTE. Ele define uma classe de eventos que são obrigatoriamente télicos. A hipótese é a de que estes verbos resistem ao teste de atelicidade porque seus objetos já são automaticamente definidos como carregando um estado final. Eles não passam simplesmente por uma mudança, eles também terminam em um estado final que já é especificado pelo verbo em si (chegar, quebrar, encontrar).

A partir deste número limitado de traços primitivos, então, Ramchand (2008) constrói um sistema que intitulado *First Phase Syntax*. Este sistema se apresenta na forma de uma árvore, que veremos abaixo, onde os três primitivos INICIADOR, UNDERGOER e RESULTANTE especificam as projeções XP. Nela, os núcleos *inic*, *proc* e *res* são projeções correspondentes aos três subeventos definidos pelos primitivos. Essa representação, ainda, indica uma hierarquia de projeções, explicada pela relação causal existente entre os três componentes.

A projeção *procP* é necessária em todos os predicados dinâmicos, pois é a única projeção que indica mudança no tempo. Por sua vez, *inicP* e *resP* são subeventos estativos e não precisam, necessariamente, estar presentes em predicados dinâmicos. O núcleo *inicP* está presente quando existe um subevento que expressa causa, isto é, uma entidade que inicia um processo. Este traço não necessita ser *spelled-out* obrigatoriamente e é, comumente, codificado no argumento externo, fato que justifica sua posição mais alta na árvore. O núcleo *resP* está presente quando há um resultado no evento, o que justifica sua posição mais baixa na hierarquia.

(79)



A estrutura de um evento dinâmico incluiria estes três primitivos e estas três projeções quando sua porção dinâmica (*proc*) tiver um ponto de início (*inic*) e um ponto final (*res*). Assim, a existência e a ordem desses primitivos são justificadas por estarem presentes na constituição do percurso principal estabelecido por um evento dinâmico, ao mesmo tempo em que evidenciam que a causa do evento também pode ser um estado. Ainda, em um evento com esses três subeventos, *inic* implica *proc*, e este implica *res*.

Desta maneira, em um predicado como “desarmar a bomba”, exemplo de Ramchand (2008), teríamos, primeiramente, um processo que se combina com um resultado. Essa combinação, por sua vez, seria re combinada com uma causa ou INITIATOR, já que esse predicado pede um elemento iniciador.



Por sua vez, em um evento onde *inic* não implica *proc*, teríamos então, somente a projeção mais alta. Como este terminal não carrega a propriedade de processo o evento seria somente um estado: “ter dinheiro”.

Além desses elementos mais básicos da estruturação proposta, encontramos outros que, por sua vez, correspondem aos complementos dos núcleos. Esses outros elementos formam o material remático do evento e não recebem predicação nem constituem seus próprios subeventos. Seu papel é furnir certas propriedades aos subeventos.

O material remático pode ser configurado como um RHEMA ou como um PATH, a depender da propriedade que ele indica no subevento. Se o evento for estativo, encontramos um RHEMA e não um PATH, já que este implica mudança no tempo. Do mesmo modo, a propriedade PATH não poderia estar presente nos subeventos projetados por *inic* e *res*, ambos estados. Seguindo nessa análise, eventos denotados por verbos estativos possuem apenas *inic*, que não é considerado um causador de fato, já que para o ser precisaria implicar *proc*. Então, *inic* implica apenas um estado e em suas propriedades somente podemos encontrar um RHEMA.

Finalmente, a autora evidencia que problemas clássicos de cada classe verbal são resolvidos assumindo-se que a classe natural é, na verdade, uma das classes formadas pela combinação dos papéis primitivos e dos nós *init*, *proc* e *res* de seu sistema.

Apresentamos abaixo uma lista com as classes de combinações propostas por Ramchand (2008:108), seguidas de exemplos de um verbo que possa carregar tal estrutura:

I      [*init*, *proc*] INITIATOR, UNDERGOER

(106) a. John drove the car.

b. Joana dirigiu o carro.

c. Joana a consult sa voiture.

[*init*, *proc*] INITIATOR, PATH

- (107) a. John read the book.  
b. Joana leu o livro.  
c. Joana a lu le livre.
- II [init, proc] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub>  
(108) a. John walked.  
b. Joana caminhou.  
c. Joana a marché.
- III [init, proc, res] INITIATOR, UNDERGOER<sub>i</sub>, RESULTEE<sub>i</sub>  
(109) a. John threw the book.  
b. Joana jogou o livro.  
c. Joana a jeté le livre.
- IV [init, proc, res] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub>, RESULTEE-RHEME  
(110) a. John entered the room.  
b. Joana entrou no quarto<sup>46</sup>.  
c. Joana est entrée dans la chambre.
- V [init, proc, res] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub>, RESULTEE<sub>i</sub>  
(111) a. John arrived.  
b. Joana chegou.  
c. Joana est arrivée.
- VI [init, proc, res] INITIATOR, UNDERGOER, RESULTEE  
(112) a. John gave the letter to Jane.  
b. Joana deu a carta para Jane.  
c. Joana a donné la lettre à Jane.
- VII [proc] UNDERGOER  
(113) a. The icecream melt.  
b. O sorvete derreteu.  
c. La crème glacée a fondu.
- VIII [proc, res] UNDERGOER<sub>i</sub>, RESULTEE<sub>i</sub>  
(80) a. The glass broke.

---

<sup>46</sup> Nesta classe, percebemos que o francês e o português exigem uma preposição locativa antecedente o complemento do verbo de deslocamento *entrar*.

- b. O copo quebrou.
- c. Le verre s'est cassé.

Além destas classes, Ramchand (2008) propõe duas outras que seriam criadas a partir da conflação do verbo leve “fazer” com adjetivos ou nomes (substantivos). Entre os exemplares de tais classes, temos os verbos abaixo:

- IX [init, proc, N] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub> (dançar – *do a dance* -, dormir)
- X [init, proc, A] UNDERGOER (secar, clarear)

É necessário observar que acreditamos que os verbos *voar* e *correr* possam pertencer à classe IX, com a distinção de que suas estruturas sejam uma conflação do verbo leve “ir” e o conceito de Modo/Maneira que é comumente codificado na línguas dentro de advérbios.

De todo modo, a classificação de Ramchand (2008) nos ajudará a explicar de maneira mais elegante as alternâncias, ou o bloqueio delas, para os verbos que estamos examinando. Além de poder jogar alguma luz sobre a questão dos argumentos preposicionados dos verbos de maneira de movimento, que se comportam ora como complemento de tais verbos, ora como adjuntos. Na próxima seção, olharemos com mais atenção para esses fenômenos.

## **2.2. Os verbos de maneira de movimento do PB e a Sintaxe de Primeira Fase**

Antes de passarmos à análise e debate dos dados, observemos os exemplares dos verbos de maneira de movimento aqui analisados distribuídos dentro das classes propostas por Ramchand (2008). Baseando-nos nos exemplos dos Quadros 1-10, podemos sugerir a seguinte repartição:

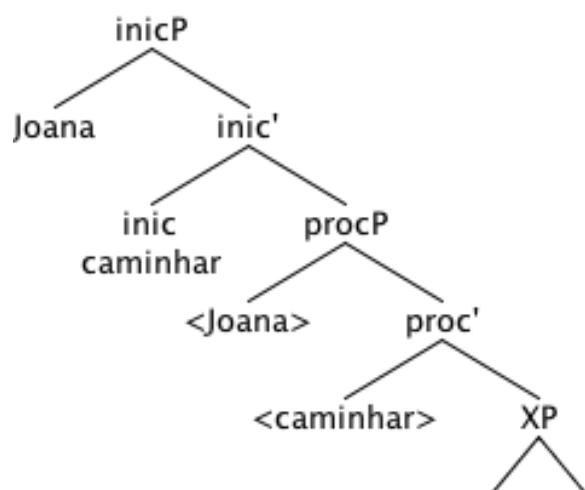
II [init, proc] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub>	IX [init, proc-Maneira] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub>	V [init, proc, res] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub> , RESULTEE <sub>i</sub>
caminhar correr dançar deslizar escorregar nadar rastejar rolar voar	correr (=ir correndo) escorregar (=ir escorregando) rolar (=ir rolando) voar (=ir voando)	pular voar (=pular)

Quadro 12: Proposta de classificação dos verbos de Maneira da Movimento segundo seus arranjos de traços primitivos.

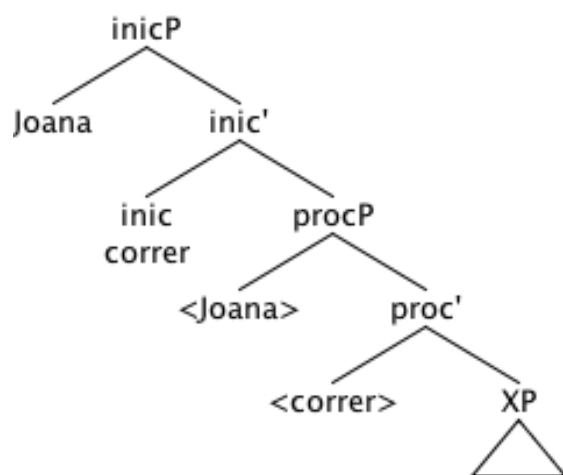
Como exposto, as primeiras análises nos induziram a distinguir pelo menos três classes de verbos dentro da tradicional classe de verbos de maneira de movimento. A primeira classe englobaria os verbos que têm um *inicP* e um *procP* e co-indexados (o sujeito da causa ou o INICIADOR e o sujeito do processo seriam o mesmo): [*init, proc*] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub>.

Entre os exemplares desta primeira classe estão os verbos *caminhar*, *correr*, *dançar*, *nadar*, *rastejar*, *voar*, *deslizar*, *escorregar*, *rolar* e *voar*, como veremos nas análises a seguir. Todos eles projetam a mesma estrutura: um *inicP* e um *procP*, e não um *resP* porque são compatíveis com o teste “por uma hora” (*for an hour*, do inglês) proposto por Ramchand (2008). Deixaremos a análise de um *resP* projetando o lugar do movimento ou o alvo do movimento para o Capítulo 3 que tratará também das preposições.

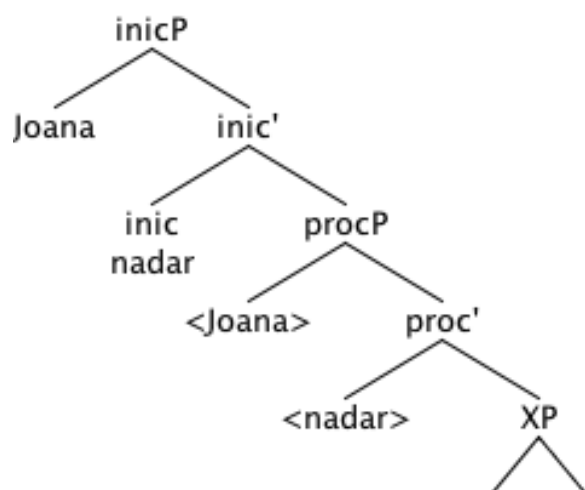
- (81) a. Joana caminhou (na beira do mar) (por uma hora).  
b. Joana walked (on the shore) (for an hour).  
c. Joana a marché (sur la plage) (pendant une heure).



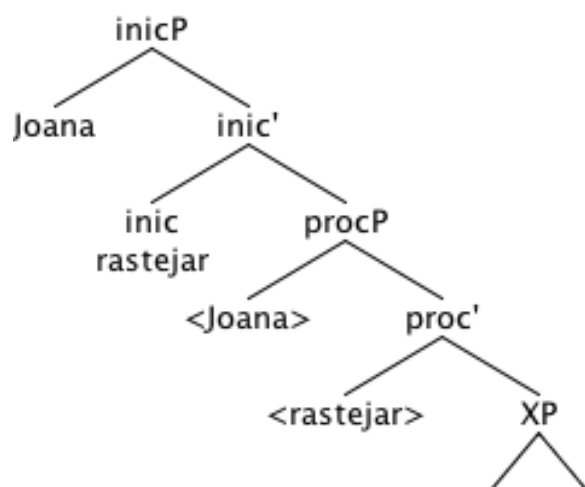
- (82) a. Joana correu (na beira do mar) (por uma hora).  
 b. Joana ran (on the shore) (for an hour).  
 c. Joana a couru (sur la plage) (pendant une heure).



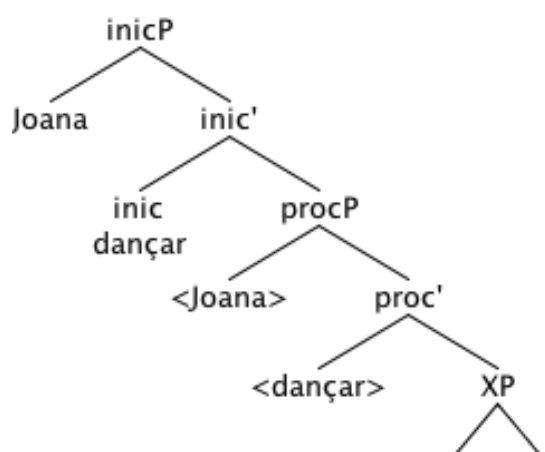
- (83) a. Joana nadou (na caixa d'água da escola) (por uma hora).  
 b. Joana swam (on the school's pool) (for an hour).  
 c. Joana a nagé (dans la piscine) (pendant une heure).



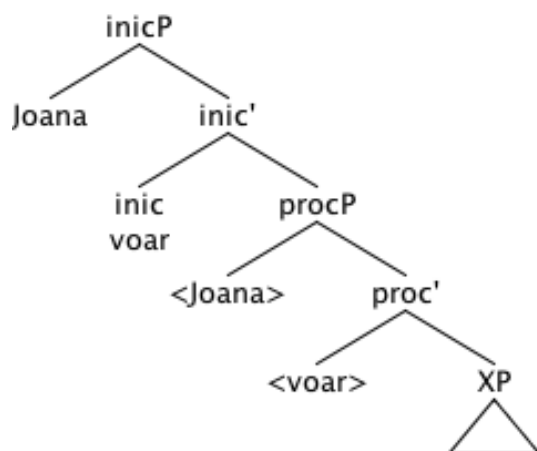
- (84) a. Joana rastejou (no chão para fugir dos bandidos) (por uma hora)  
 b. Joana crawled (on the floor to escape the bad guys)(for an hour).  
 c. Joana a rampé (par terre pour s'enfuir) (pendant une heure).



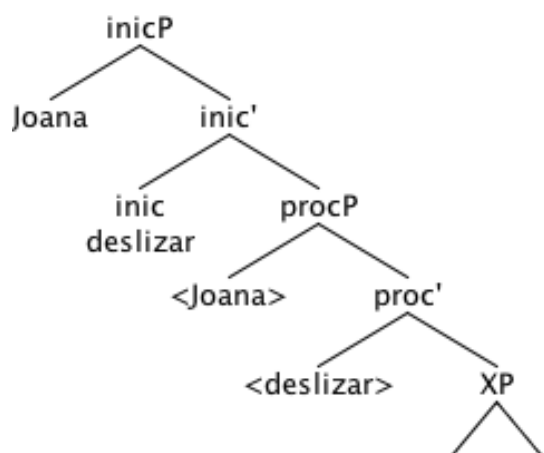
- (85) a. Joana dançou (no Faustão) (por uma hora)  
 b. Joana danced (in a TV show)(for an hour).  
 c. Joana a dansé (dans une émission de télé) (pendant une heure).



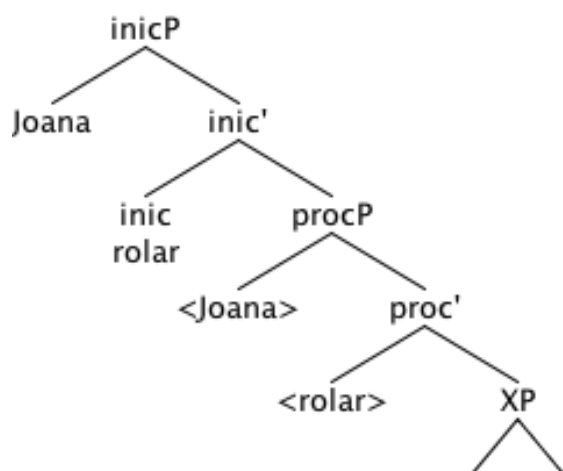
- (86) a. Joana voou (sobre Goiânia com o tempo perfeito e controle colaborou)  
(por uma hora)  
b. Joana flew (\*on/over Goiânia) (for an hour).  
c. Joana a volé (\*sur/au-dessus de Goiânia) (pendant une heure).



- (88) a. O trenó deslizou (no gelo) (por uma hora).  
b. The sled slid (on the ice) (for an hour).  
c. Le traîneau a glissé (sur la glace) (pendant une heure).



- (89) a. Joana rolou (na grama) (por uma hora).  
 b. Joana rolled (on the grass) (for an hour).  
 c. Joana a roulé (sur la pelouse) (pendant une heure).



Em todos os exemplos, ainda é importante notar, o INICIADOR é um ser animado. Para a autora, “o fato de se ter um iniciador animado parece ser uma restrição semântica importante para muitos itens lexicais”, pois intenções e desejos, que estão presentes nos seres animados, são um fator causal proeminente. De fato, para Pinker (1989, 2008) e Talmy (2000), a intenção é um fator determinante na configuração de um agente.

Outra particularidade importante a ser salientada é o fato de o sistema de



Ramchand (2008) prever a possibilidade de variação entre uma estrutura que tenha seus *specs* co-indexados e outra onde tais extremidades não estão co-indexadas. Como a estrutura em si não sofre alterações, o sistema é flexível a ponto de aceitar tais alternâncias e esta é, de fato, umas de suas vantagens. Desta forma, o sujeito de *proc*, sendo distinto daquele em *spec* de *inic*, pode ser inanimado já que não se configura como o agente do evento. Ainda mais importante, esta possibilidade de variação entre ter seus *specs* co-indexados ou não poderia explicar por que os verbos que a permitem aceitam também a alternância anticausativa.

Para legitimar o apagamento do nó *inicP* em algumas alternâncias, poderíamos argumentar, seguindo Ramchand (2008) e também de acordo com Pinker (1989), que a estrutura inacusativa é, de fato, a estrutura mais básica de um evento, sendo facultativa a presença da causa explicitada no discurso. Assim, quando a causa deve ser expressa, no entanto, ela aparece sempre na posição de INICIADOR do processo, pois é sua existência que o implica. No nosso caso, é sua existência que implica no movimento do UNDERGOER, sujeito do processo e do resultado, mas é o movimento em si desta figura, ou o seu deslocamento - sendo ele constituinte de um processo ou de um Path -, que está sob o foco de nossa atenção.

Como poderemos observar no Quadro 13, curiosamente, em uma primeira testagem no PB, os exemplares desta categoria [*init*, *proc*] que também ocorrem em estruturas onde os sujeitos de *inic* e o *proc* não estão co-indexados, i.e., quando o sujeito que inicia a ação é diferente daquele que sofre o processo de movimento, são aqueles que também aceitam a leitura alternativa de trajetória vs. locativa quando na estrutura [*V*<sub>maneira</sub> + *Prep*<sub>loc</sub>]:

Ocorrência com os sujeitos de <i>inic</i> e o <i>proc</i> não co-indexados:	Exemplo do verbo na estrutura [ <i>V</i> <sub>maneira</sub> + <i>Prep</i> <sub>loc</sub> ]:	Locativa	Ambígua
*Joana caminhou a criança.	Joana caminhou no quarto.	<b>SIM</b>	
Joana correu a criança da sala.	Joana correu no quarto.		<b>SIM</b>
*Joana dançou a criança.	Joana dançou no quarto.	<b>SIM</b>	
Joana deslizou o copo.	Joana deslizou na piscina.		<b>SIM</b>

Joana escorregou a criança.	Joana escorregou na piscina.		<b>SIM</b>
*Joana nadou a criança.	Joana nadou na piscina.	<b>SIM</b>	
*Joana rastejou a criança.	Joana rastejou no quarto.	<b>SIM</b>	
Joana rolou a bola/a boneca.	A bola rolou no quarto.		<b>SIM</b>
Joana voou a pipa.	A pipa voou no telhado.	<b>NÃO</b>	<b>PURAMENTE TRAJ-ALVO</b>

Quadro 13: Comparação: verbos que aceitam alternância anti-causativa vs. verbos que permitem a leitura de movimento direcionado quando em construções com preposições locativas no PB.

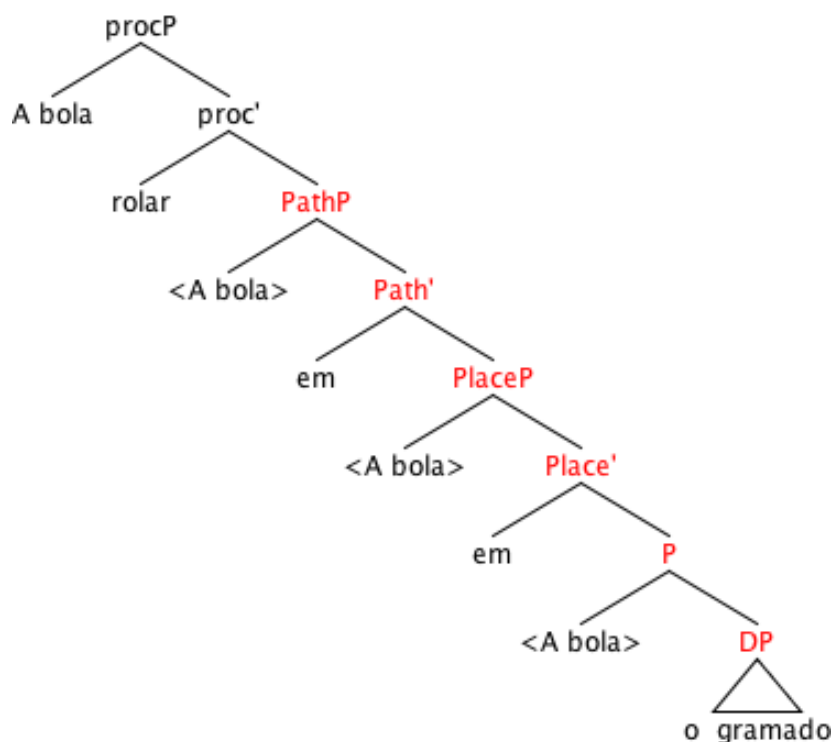
Para tentar explicar tal fenômeno, no próximo capítulo, seguiremos Fábregas (2007) ao assumirmos que, dentro da Nano-sintaxe, os verbos de maneira de movimento projetam um núcleo *pathP* que, também sendo uma propriedade de processos, se encaixa diretamente no *procP*. O núcleo *pathP*, por sua vez, se decompõe em outros nós, dentre os quais encontramos o nó *placeP*, que aparece na posição mais inferior da hierarquia de traços que compõem a estrutura de uma trajetória. A essa ideia soma-se o fato de que, quando falamos de um movimento, seja ele direcionado ou não, com exceção dos verbos que carregam o traço de movimento corporal interno, cognitivamente sempre concebemos uma figura saindo do seu lugar inicial.

Fábregas propõe que uma evidência para isto é que tais verbos se combinam tranquilamente com complementos que denotam uma distância percorrida, enquanto que outros verbos de movimento, não:

(90) Joana rolou/correu/nadou/caminhou dois metros.

(91) ?Joana tremeu/flutuou dois metros.

Desta maneira, a estruturado verbo *rolar* seria como segue:

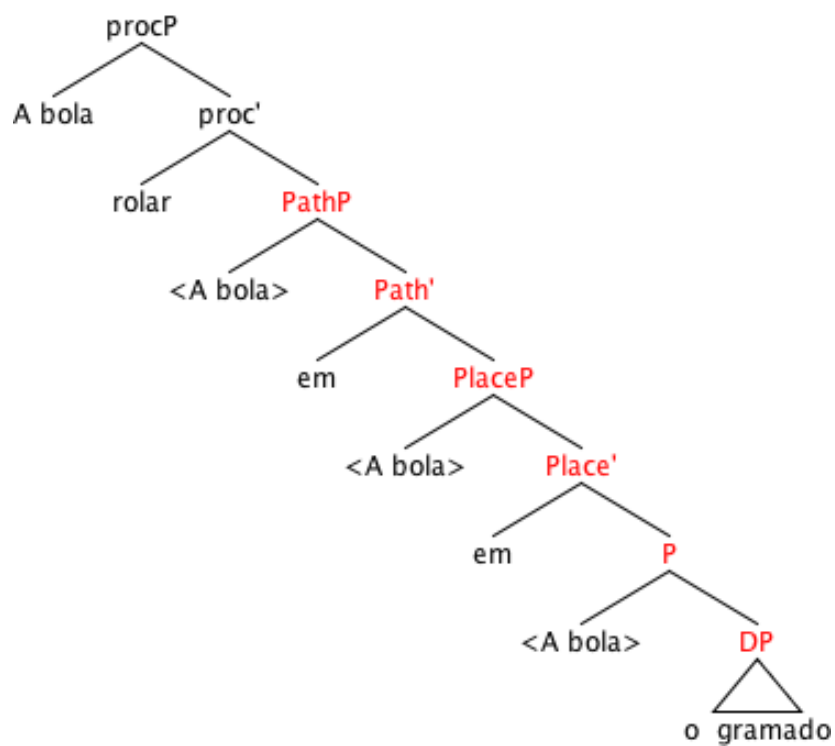


A interpretação do complemento da PP como sendo ora o lugar do deslocamento, ora o alvo do movimento ficaria a cargo da preposição que se encaixaria sob o nó *PathP*. Se tivermos uma preposição puramente locativa, ela se encaixará sob o nó *PathP* e seus traços locativos forçarão a leitura locativa (acreditamos que, das línguas estudadas, somente o inglês possui uma preposição deste tipo: *in*).

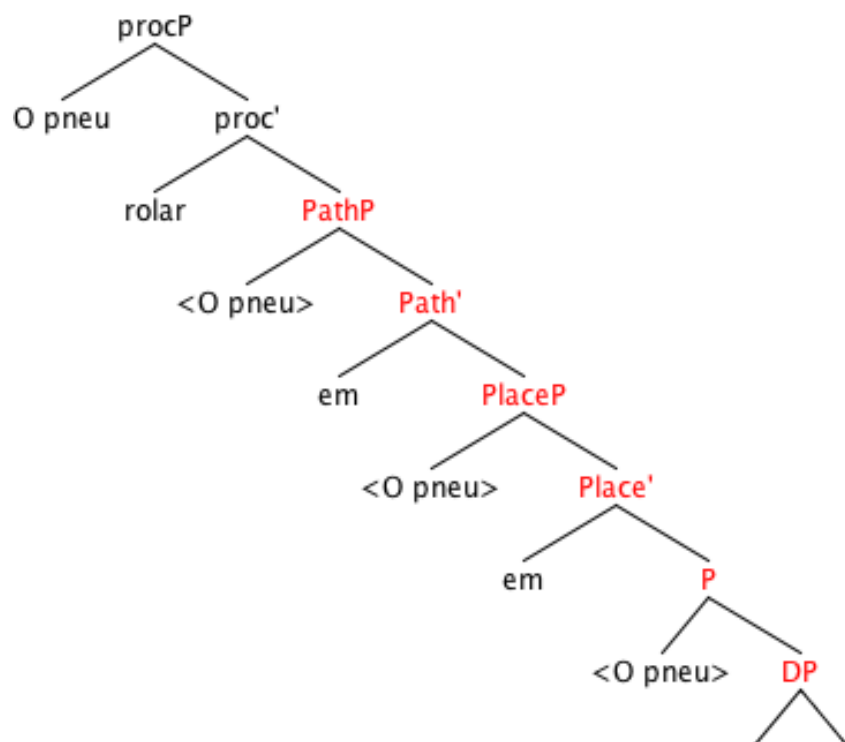
No caso de uma preposição *PathP-PlaceP*, seu nó *Path* teria a possibilidade de mergir com o nó *Path* da estrutura verbal, movimento este previsto pelo princípio de Subassociação (*Underassociation*) defendido por Ramchand (2008): o nó mais baixo da uma determinada estrutura sintática pode ficar subassociado, isto é, encolhido, se a estrutura de outro item com o qual ele entra em contato para projetar um evento ainda mais complexo também já carregar aquele nó.

Esta regra nos permite explicar, deste modo, a interpretação de sentenças como em (92) e (93) como ambíguas, pois a preposição contém tanto traços locativos quanto de trajetória. Observemos as estruturas abaixo. Em vermelho, a estrutura da preposição:

(92) A bola (que o gandula segurava) rolou no gramado.

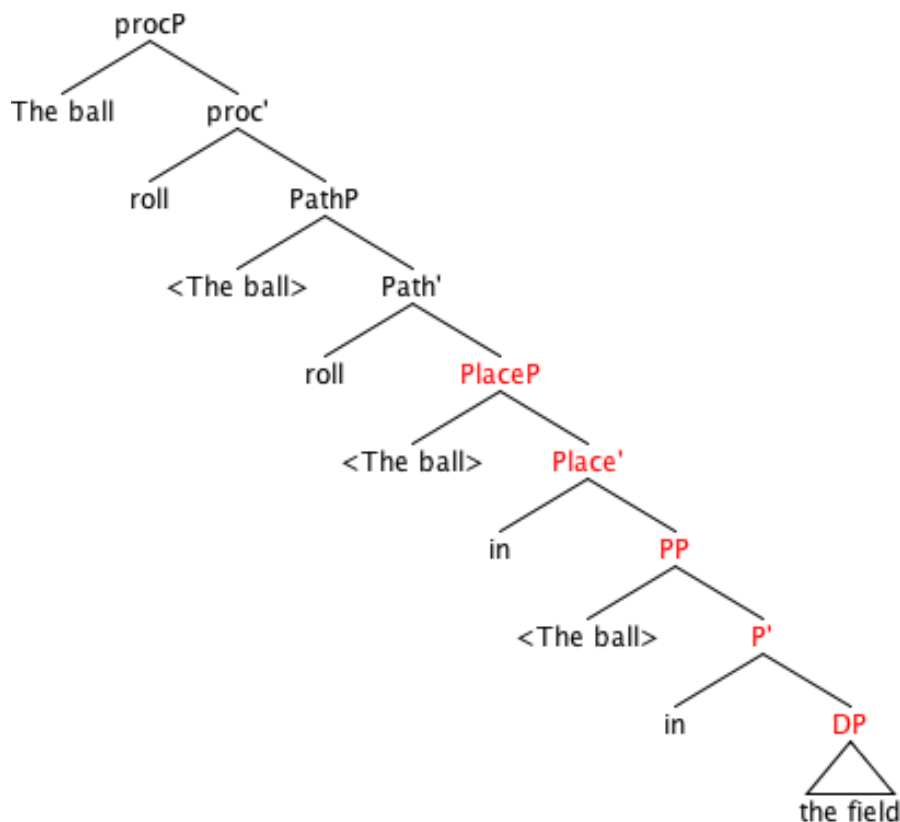


(93) O pneu rolou na pista e atingiu um veículo.



Ao mesmo tempo, também, podemos visualizar por que no inglês tal ambiguidade não é admissível. Nesta língua a preposição usada, *in*, é puramente locativa, como é possível notar em (94) abaixo:

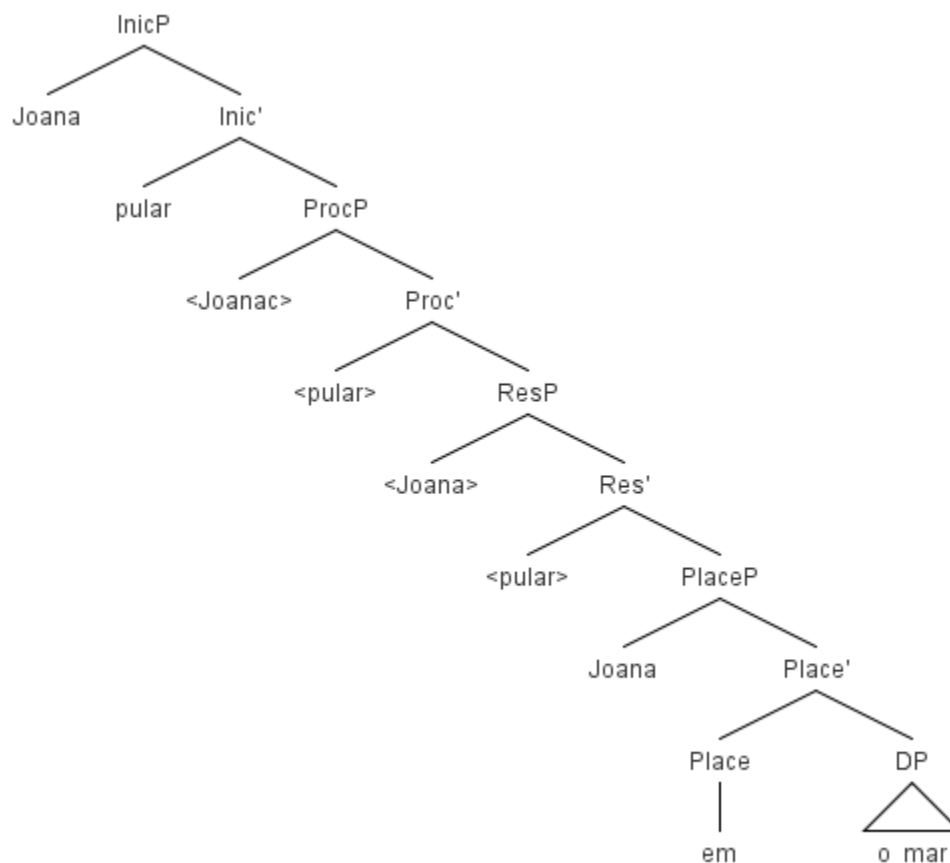
(94) The ball rolled in the field.



Voltaremos a tratar destas evidências e a analisar essas árvores mais cuidadosamente no Capítulo 3, dedicado à análise das preposições.

Por fim, consideremos o verbo *pular* que, diferentemente destes últimos casos, apresenta um comportamento bem particular: ele possui uma estrutura que projeta, diferentemente dos outros verbos de modo de movimento aqui analisados, um **resP** cujo sujeito está co-indexado com os sujeitos de **inicP** e **procP**. Desta forma, como prevê o sistema de Ramchand (2008), temos a verificação de que o tempo dos três subeventos se sobrepõe, fazendo assim com que este verbo seja comumente usado para denotar um evento pontual:

(95) Joana pulou no mar.



É fato que a leitura da construção “pular em” poderia ser interpretada como uma atividade se o evento pontual se repetisse no tempo: *Joana pulou no mar por duas horas*/Joana jumped in the sea for two hours. Contudo, algumas observações extras precisam ser listadas: primeiramente, caso uma expressão modificadora<sup>47</sup> não seja introduzida na oração, somente a leitura pontual se torna possível. Isto se dá, provavelmente, porque a propriedade de um resP, como já mencionamos, é RHEME, e RHEME sempre é um estado. Sendo assim, mesmo que as preposições do português não sejam puramente estativas e possuam a configuração PathP-PlaceP, na inserção o nó Path ficará dissociado devido a sua incompatibilidade com a propriedade RHEME do nó resP.

<sup>47</sup> Chamamos de expressão modificadora toda expressão que transforme o evento pontual pular em uma atividade, como em João pulou a tarde toda.

Como consequência, temos uma leitura onde o DP encaixado no nó PlaceP será o lugar resultante do movimento e não onde o movimento se desenrolou. Interpretamos desta forma porque, cognitivamente, o resultado de um movimento é sempre o local onde a figura se encontra (está) como consequência deste. Voltaremos a discutir as implicações destas afirmações no próximo capítulo.

Portanto, como esta relação indissociável entre a preposição que complementa o sentido do movimento do verbo e sua estrutura [Path,Place] ou somente [Place] se mostra de central importância para uma análise satisfatória dos nossos dados, decidimos então olhar mais atentamente para a análise das preposições dentro do sistema proposto por Ramchand (2008) e dentro da Nano-sintaxe como se encontra em Fábregas (2007) e Pantcheva (2008).

### 3. AS PREPOSIÇÕES LOCATIVAS DENTRO DE ALGUMAS TEORIAS SEMÂNTICAS E DA NANO-SINTAXE: CONSEQUÊNCIAS PARA A INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>]

Como este estudo se propõe a analisar as versões de preposições locativas em línguas distintas, será necessário abrir o debate com a discussão sobre a dificuldade de se encontrar correspondências entre as preposições do inglês, do francês e do português. Estudos sobre as preposições do inglês são extensos<sup>48</sup>, dentro das mais variadas correntes, enquanto que o português ainda não possui tão vasta literatura<sup>49</sup>.

Uma hipótese para tal disparidade seria, talvez, o fato de que o inglês é uma língua que se mostrou, na nossa longa leitura, detentora de um sistema preposicional consideravelmente mais extenso do que as línguas latinas aqui examinadas. Isto é, o inglês é uma língua onde conceitos espaciais aparecem muito comumente codificados no que Talmy (2000) chamou de “palavras gramaticais”, ou seja, palavras de classe fechada, como verbos, preposições, advérbios, satélites etc. O português, por sua vez, tende a codificar sentidos espaciais em expressões mais complexas, e o francês, até onde nos demonstrou nossa análise, se encontra em alguma posição entre o português e o inglês, tendo um sistema preposicional mais vasto que o do português, mas menos vasto que o do inglês.

Enquanto que em inglês precisamos de uma preposição simples como *across* e que em francês temos a locução prepositiva *à travers* para expressar a idéia de “de um lado até/para o outro considerando todo o espaço entre um ponto e outro”, em português, para expressar a mesma ideia, temos necessariamente que empregar as expressões nominais complexas “ao longo de todo(a)” ou “de um lado ao outro de”:

<sup>48</sup> Somente para citar dois trabalhos que estão sendo debatidos nesta dissertação: Talmy (2000) e Jackendoff (1983)

<sup>49</sup> Castilho (2004), Berg (2005).



- (96) a. There are now *Occupy Wall Street* camps in hundreds of cities **across** the United States.  
 b. Agora há acampamentos *Occupy Wall Street* em centenas de cidades **de um lado ao outro** dos Estados Unidos.  
 c. Il y a maintenant des camps *Occupy Wall Street* dans des centaines de villes **à travers** les Etats-Unis.

### 3.1. Decompondo PPs à luz da teoria de Jackendoff (1989)

É de conhecimento geral que as preposições raramente têm equivalentes exatos de uma língua à outra e é, de fato, esta falta de correspondência o argumento usado por teóricos que defendem o esvaziamento de sentido das preposições. Não podemos deixar de notar, no entanto, que, por mais variadas que sejam as versões para se falar de um determinado arranjo espacial em línguas diversas, há traços que necessariamente precisam estar presentes em todas essas distintas maneiras de se falar do espaço. Nos exemplos acima, para garantirmos uma boa versão em português e em francês da frase original do inglês, precisamos necessariamente encontrar vocabulário que acione no nosso sistema cognitivo a ideia de trajetória e de distribuição espacial, essencial para a plena compreensão do sentido da frase, esteja este traço dentro de uma preposição, dentro de uma locução prepositiva ou em uma complexa expressão nominal.

Levando em consideração este último argumento, acreditamos que não somente as preposições carregam sim um sentido próprio que independe muitas vezes do sentido do verbo que a acompanha, mas que, além disso, é este traço profundo o primitivo que garante, no que diz respeito às representações espaciais, o acionamento de uma boa interpretação e reprodução do espaço através do nosso sistema cognitivo.

Desta forma, partimos de Jackendoff (1983) para decompor as preposições do

PB, do inglês e do francês na busca dos traços primitivos que estão se arranjando dentro de verbos e de preposições para a expressão do sentido espacial.

Para o autor, as preposições não são um lugar em si, mas sim **funções-de-lugar**<sup>50</sup>, i.e., o lugar a ser referido é a relação entre uma determinada preposição e seu objeto de referência. Nas notações de Jackendoff (1983), temos a seguinte regra formal para expressar o conceito de lugar:

$$(97) [\text{Place } x] \rightarrow [\text{Place PLACE-FUNCTION } (\text{Thing } y)]$$

Além disso, é necessário considerar que cada função-de-lugar “impõe restrições conceituais quanto à natureza do objeto de referência”. Interessantemente, são estas restrições que garantem a variação de uso das preposições em uma língua e em outra. Isto é, a função-de-lugar *sobre* em português requer que seu objeto de referência tenha uma superfície voltada para cima, mas não especifica nada sobre contato direto com o objeto:

(98) Joana voou sobre Goiânia.

(99) Joana deslizou o bilhete sobre a mesa.

Diferentemente, a função-de-lugar *on* do inglês (ou *sur*, do francês) exige um objeto que tenha uma superfície exterior (visível), esteja ela na vertical ou na horizontal, além de exigir contato entre os dois objetos relacionados. É por causa desta última característica, *contato*, que acreditamos que as preposições *on* e *sur* causam estranhamento nas sentenças em (100):

(100) a. \*Joana flew on Goiânia.

b. \*Jeanne a volé sur Paris.

c. Joana voou sobre Goiânia.

(101) a. Joana slid the note on the table.

b. Jeanne a glissé la note sur la table.

---

<sup>50</sup> Do inglês “PLACE-FUNCTION”, Jackendoff (1983).

c. Joana deslizou o bilhete sobre a mesa.

O mais importante, contudo, é exatamente a distinção entre os sentidos de Lugar e Trajetória<sup>51</sup> que podem ser denotados pelos SPs aqui sob análise. Para Jackendoff (1983), Lugar é o sentido mais simples. De fato, o sentido de Lugar, normalmente, projeta para um ponto simples e imóvel:

(102) O livro está sobre a mesa.

(103) Joana estuda na cozinha.

(104) O gato ficou em baixo da cama.

O sentido de Trajetória, por sua vez, tende a ser mais complexo e apresentar uma estrutura mais variada que o sentido de Lugar. Analogamente à estrutura de Lugar, a estrutura interna de uma Trajetória usualmente consiste de uma função-de-trajetória e um objeto de referência. A complexidade, no entanto, surge quando o argumento da função-de-trajetória é um lugar. Jackendoff (1983) nota que, em inglês, muitas preposições são ambíguas entre serem uma função-de-lugar pura e uma função-de-trajetória TO + função-de-lugar (entre elas as preposições *em* (in), *sobre* (on/over) e *sob* ou *embaixo de* (under)):

(105) a. The mouse is under de table. / O rato está sob a mesa.

[Place UNDER ([Thing TABLE])]

b. The mouse ran under the table. / O rato correu sob/embaixo da mesa.

[Path TO ([Place UNDER ([Thing TABLE])])]

Para fortalecer a necessidade de distinção, Jackendoff (1983) ainda cita que certas línguas como o alemão apresentam marcação gramatical distinta no complemento da preposição quando esta é usada como uma função-de-lugar ou como uma função-de-trajetória - preposições usadas como função-de-lugar requerem o caso dativo, enquanto que preposições usadas como função-de-trajetória requerem o caso

---

<sup>51</sup> Usaremos letras maiúsculas para nos referirmos ao conceito de Lugar ou de Trajetória e não a um lugar ou trajetória específicos.

acusativo. Nos exemplos ambíguos do português (106a), do inglês (106b) e do francês (106c) com o verbo *pular*, não podemos saber se a água é o lugar do movimento ou se é o alvo do deslocamento da Figura. Em alemão, por outro lado, a preposição precisa receber marcação diferenciada: (106d) com o dativo (in + dem = im) marca o lugar do movimento, e (106e) com o acusativo (in + das = ins) marca o alvo do movimento/deslocamento:

- (106) a. Joana pulou na água (ambíguo entre alvo/lugar do movimento)  
 b. Joana jumped in the water (ambíguo entre alvo/lugar do movimento)  
 c. Joana a sauté dans l'eau (ambíguo entre alvo/lugar do movimento)  
 d. Joana hat im wasser sprung (lugar do movimento)  
 e. Joana ist ins wasser sprung (alvo do movimento/deslocamento)

Não podemos deixar de notar, também, que o fato de (106e) denotar um deslocamento obriga a mudança do auxiliar do passado: em vez do verbo *ter* (haben) ser usado, precisamos empregar o verbo *ser* (sein), distinção que o francês faz entre as classes de verbos de movimento:

- (107) a. Joana a sauté dans la piscine. (saltar: maneira de movimento - alvo do deslocamento não está implicado no movimento)  
 b. Joana est entrée dans la piscine. (entrar: movimento direcionado - alvo do deslocamento está implicado no movimento)

com a diferença de que em alemão, a distinção não é definida simplesmente pelo verbo que pertence a uma classe ou à outra, mas entre os sentidos mais finos de movimento e deslocamento que são, na verdade, ditados pela preposição.

Ousaríamos dizer que é o traço Place vs. Trajetória que está envolvido na escolha de um auxiliar ou de outro. Evidentemente, testar essa suposição foge ao escopo desta trabalho mas não poderíamos deixar de considerar uma analogia com as funções BE / HAVE propostas no sistema de Pinker (1989). Como já vimos, BE é a função de movimentos dinâmicos sem controle enquanto que HAVE é a função de eventos estáticos. Ora, o auxiliar SER é usado, exatamente, para referir eventos mais

dinâmicos que envolvem necessariamente uma trajetória com alvo, enquanto que o auxiliar TER é usado com verbos que não implicam mudança de lugar como resultado do movimento. Talvez fosse interessante tratar naquele sistema a boa relação dos traços Path e Place com ambas as funções evento. Nossa hipótese seria a de que Path e HAVE não seriam compatíveis.

Ainda, voltando a Jackendoff (1983), Trajetórias, devido à sua aparente complexidade, podem ser divididas em três categorias segundo o tipo de relação que possuem com seu objeto de referência. A primeira categoria é chamada pelo autor de *bounded paths*, ou trajetórias delimitadas (com limites), i.e., seu objeto de referência é o alvo ou ponto final do movimento e/ou a fonte ou ponto inicial do movimento:

(108) Joana correu *da casa até/para* a escola.

Estas duas preposições, DE e PARA, são as funções básicas das *trajetórias delimitadas* e também podem estar codificadas dentro de outros itens lexicais de uma língua, como a preposição *até* do PB. A segunda categoria inclui direções, onde o objeto de referência não se encontra dentro da trajetória, mas é um ponto de referência um pouco distante de seu ponto de início ou fim, como uma distância estendida não específica:

- (109) a. Joana ran toward/away from the house.  
b. Joana correu em direção à/para longe da casa.

Neste último exemplo, não conseguimos encontrar em PB uma preposição simples ou composta que pudesse guardar e garantir o mesmo sentido que as preposições *toward* e *away-from* do inglês. As preposições “de” e “para” poderiam ser usadas para traduzir tais termos, mas não seriam tão específicas quanto seus pares em inglês. Mais uma vez, essas duas locuções, EM DIREÇÃO A e PARA LONGE DE, são as funções mais básicas desta segunda categoria, funções estas que podem, por sua vez, aparecer codificadas dentro de outros itens lexicais. O inglês, ao contrário do PB e do francês, tem uma lista relativamente ampla de possibilidades de lexicalização desta função/categoria: *up(ward)*, *down(ward)*, *backward*, *forward*, *homeward*, *noth(ward)*, etc.

Além disso, na terceira categoria das Trajetórias estão as *rotas* (do inglês, *routes*), onde o objeto de referência parece ser um ponto no interior da Trajetória. Jackendoff (1983) propõe um teste com o verbo *passar* (*pass*, do inglês) que só funciona com PPs que expressam uma rota:

- (110) a. The car passed by/along/through the tunnel.  
 b. O carro passou pelo/?ao longo do/através do túnel.  
 c. \*The car passed to the garage/toward the truck (PP is a goal/direction)  
 d. \*O carro passou para a garagem/?em direção ao caminhão (PP é um alvo/direção)

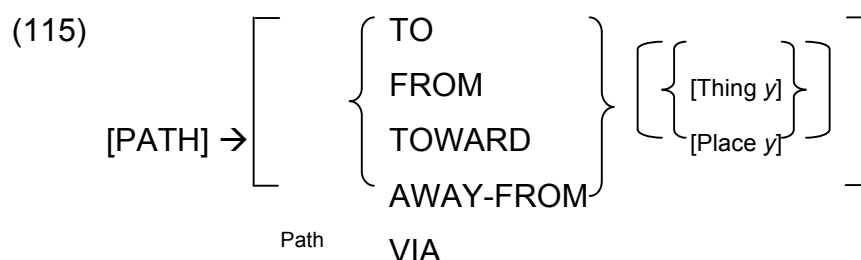
Para Jackendoff (1983), o conceito de VIA expressa a função-de-trajetória para a categoria de rotas. É importante notar que, no que diz respeito ao conceito de rotas, o ponto final ou inicial do movimento nunca é especificado. A única informação que podemos inferir de tais leituras é a de que, em algum momento da trajetória, o objeto em movimento esteve localizado em algum ponto em relação ao objeto de referência. Em inglês, Jackendoff (1983) aponta, muitas preposições de lugar são usadas para expressar o conceito de VIA, e em muitos destes contextos elas são ambíguas entre uma leitura de lugar, de trajetória ou mesmo de rota:

(111) O rato correu *embaixo das* cadeiras como se fosse um túnel. (EM - função-de-lugar)

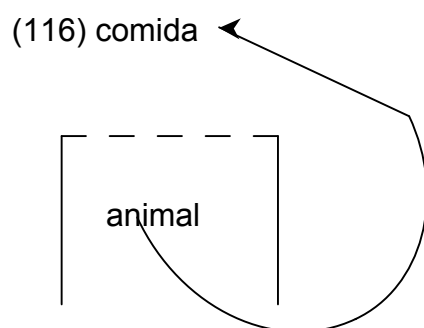
(112) O cachorro correu *embaixo da* cama quando ouviu os fogos. (TO - função-alvo)

(114) Muita água correu *embaixo da* ponte. (VIA - função-trajetória)

Em resumo, paralelamente à lei proposta para expressar o conceito de lugar, Jackendoff (1983) propõe uma lei formal para a expressão do conceito de trajetória:



Para Jackendoff (1983), temos evidência cognitiva para acreditar na “realidade psicológica das trajetórias”. O autor cita o estudo de Köhler (1927) que demonstrou que animais suficientemente inteligentes, como os cachorros, quando confrontados com comida atrás de uma barreira transparente, “correrão em uma leve curva, sem nenhuma interrupção, para fora do beco cego, ao redor do cercado até a nova comida”<sup>52</sup> (Köhler (1927) apud Jackendoff, 1983:169), como a imagem em (116) tentará ilustrar:



Para o autor, “a execução de uma curva tão suave requer que ela tenha sido planejada com antecedência, (...) como uma trajetória completa. Para que este plano seja realizado de uma vez, é necessário que ele seja guardado temporariamente; o animal então o executa sobre o tempo. Portanto, se um animal consegue executar tal ação como Köhler descreve, ele deve ser capaz de formular conceitos de organização espacial que se encaixam no que temos chamado aqui de categorias ontológicas maiores das trajetórias. Em outras palavras, não só a língua, mas também a teoria da ação requer uma noção de trajetória (...)”<sup>53</sup> (Jackendoff, 1983:170).

<sup>52</sup> “run in a smooth curve, without any interruption, out of the blind alley, round the fence to the new food”.

<sup>53</sup> “The execution of such a smooth curve requires its being planned in advance, (...) as an ewntire path. For this plan to be present all at once, it must be stored nontemporarily; the animal than plays out the plan

A partir desta reflexão, Jackendoff (1983) passa à análise de frases que descrevam localização ou movimentação espacial, i.e., sentenças do tipo SN V SP. Para o autor, dentro da classe de verbos de movimento, “a correspondência entre a sintaxe e a semântica é transparente: o SP faz referência a um lugar ou trajetória, o sujeito do SN faz referência a uma coisa (do inglês, *thing*), e a sentença inteira faz referência a uma situação ou evento no qual a coisa está localizada ou se movendo de alguma forma em relação ao lugar ou à trajetória”.

Ainda, é importante notar que, em muitos casos, aquilo que está se movendo ou está sendo localizado não se encontra necessariamente na posição de sujeito da sentença. Jackendoff (1983) então propõe que o SN que carrega a função semântica de objeto em movimento ou objeto localizado seja chamado de *tema*. Finalmente, uma divisão importante dentro da classe de sentenças com sentido ou referência espacial é a distinção entre *estados* e *eventos*. Esta distinção foi essencial, por exemplo, na decomposição dos verbos de maneira dentro da teoria de Pinker (1989), onde todos os verbos de maneira de movimento expressam *eventos*, já que são todos dinâmicos, isto é, compostos pelas funções ACT ou GO, e nunca BE ou HAVE:

(117) *rolar*: EVENT  $\rightarrow$  [<sub>event</sub> GO (THING, PATH)]

*correr*: EVENT  $\rightarrow$  [<sub>event</sub> ACT (THING)] *effect* [<sub>event</sub> GO (THING, PATH)]

*ficar*: STATE  $\rightarrow$  [<sub>state</sub> BE (THING, PLACE)]

*saber*: STATE  $\rightarrow$  [<sub>state</sub> HAVE (THING, THING)]

*colocar*: EVENT  $\rightarrow$  [<sub>event</sub> ACT (THING)] *effect* [<sub>state</sub> BE (THING, PLACE)]

Além disso, como veremos na análise dos verbos de movimento com as preposições locativas dentro da teoria de Ramchand (2008), existe uma clara distinção entre sentenças espaciais que são um *evento* puro, e sentenças espaciais que se

---

over time. Thus, if an animal can perform such an action as Köhler describes, it must be able to formulate concepts of spatial organization that fall under what we have called here the major ontological category of paths. In other words, not only language but the theory of action requires a notion of path (...)."



referem a *estados*, estas últimas podendo aparecer subordinadas a um *evento*, como o seu resultado. Ramchand (2008), como já vimos, ainda sugere que *estados* possam se encontrar na cabeça de um *evento*, como sua causa. Evidências como estas nos confirmam a necessidade de tal distinção. Não obstante, podemos aplicar o teste proposto por Jackendoff (1983) para verificar se os verbos sob tratamento aqui realmente se encontram em uma ou outra classe. Para o autor, *eventos* podem ocorrer após a sentença “O que ocorreu/aconteceu foi que...”, mas *estados* não:

(118) a. *eventos*

O que ocorreu/aconteceu foi que Pedro **caminhou sobre** as águas.

eu **corri** na areia da praia.

Sabrina Sato **dançou** no Faustão.

eu **deslizei sobre** o balcão um bilhete.

eu **escorreguei** na lama.

eu **nadei** na piscina do CEFETRJ.

**pulei** na piscina.

**rastejei** na lama.

a **bola rolou no gol** do Fla.

eu **voei** sobre o Atlântico sob a lua cheia.

b. *estados*

?O que ocorreu/aconteceu foi que Joana **teve** uma casa.

Joana **esteve** na África.

Joana **soube** matemática.

Jackendoff (1983) sugere, desta forma, as seguintes estruturas conceituais para distinguir *eventos* de *estados*:

(119) a. [Event GO ([Thing x]. [Path y])]

b. [State BE ([Thing x]. [Place y])]

As variáveis *x* e *y* representam respectivamente as informações a serem

preenchidas pelo sujeito da frase e pelo SN.

O que causa incômodo mais uma vez, é que neste tratamento também se perpetra a relação direta entre um *evento* GO e um argumento TRAJETORIA (PATH) de um lado, e de outro lado, de um *estado* BE e de um argumento LUGAR (PLACE). Como já pudemos perceber analisando nossos exemplares, é que encontramos casos onde um *evento* GO pode estar associado a um argumento de LUGAR, o que é o caso geral dos verbos de maneira de movimento:

(120) Joana correu na praia.

[Event GO ([Thing Joana]. [Place NA PRAIA]]]

Ainda mais curioso é perceber que, além disso, um *evento* GO pode estar associado a um argumento de Trajetória com um resultado de Lugar:

(121) Joana pulou na piscina.

[Event GO ([Thing Joana]. [Path-Place NA PISCINA]]]

Para melhor entender essa variação, devemos analisar, novamente, um outro argumento que tem se mostrado de singular importância, e que também aparece dentro desta teoria: a a causação. Para Jackendoff (1983), muitos verbos de movimento descrevem um agente desempenhando o evento/movimento expresso pelo verbo<sup>54</sup>. Segundo o autor, estes eventos podem ser representados como tendo um agente cujo papel é representado pela função binária de CAUSA, enquanto que o evento não-causativo aparece encaixado:

(122) a. [Event CAUSE ([Thing x], [Event y]]]

Portanto, a sentença abaixo é interpretada como tendo a estrutura que a segue:

---

<sup>54</sup> É importante ressaltar que, como já foi observado, as estruturas dos verbos aqui apresentados podem variar entre SN<sub>1</sub> V SP e SN<sub>2</sub> V SN<sub>1</sub> PP, com o agente ou autor do evento, quanto este for expresso, em posição de sujeito e o tema do movimento em posição de objeto direto. Para Jackendoff (1983), como para os outros autores aqui discutidos, a alternância entre as formas não-causativa/causativa é uma relação lexical licenciada por um traço ou traços primitivos que cada verbo individualmente carrega, e não é uma relação simplesmente sintática.

(123) a. Eu **deslizei** um bilhete para Joana.

[Event CAUSE ([Thing EU], [Event GO ([Thing BILHETE], [Path PARA JOANA])])]

Jackendoff (1983:177) argumenta, no entanto, que o segundo argumento de uma função binária CAUSA é sempre um *evento*<sup>55</sup>. Desta forma, quando analisamos uma sentença como em (124):

(124) Joana colocou as flores no vaso.

podemos conceber duas interpretações. Uma delas seria de que o segundo argumento da função CAUSA, isto é, seu resultado, é um *evento*: “Amy fez com que as flores fossem para dentro do vaso”. Ao lado desta, teríamos uma interpretação alternativa e estranha (julgamento de Jackendoff para o inglês) onde o segundo argumento da função CAUSA é um *estado*: algo como “Amy fez com que no fim das contas as flores estivessem dentro do vaso” (exemplos de Jackendoff, 1983). Apesar das duas possibilidades de interpretação, para o autor, esta segunda interpretação, de que o segundo argumento de uma função CAUSA é um *estado*, sempre soa estranha em inglês.

Se aceitarmos tal suposição, no entanto, inevitavelmente falharemos em explicar por que em PB temos casos onde podemos sim interpretar um segundo argumento de CAUSA como um *estado*. Se esta distinção não existisse, não poderíamos explicar leituras alternativas como em (125) e (126):

(125) A bola rolou no gol do FLA.

(126) A bola rolou no gramado.

Em (125), o resultado do movimento de *rolar* é um *estado*: o que aconteceu foi que a bola acabou se encontrando dentro do gol do Flamengo, enquanto que em (126), poderíamos dizer que o que aconteceu foi que a bola rolou, se movimentou no gramado, sem atingir uma localização/um estado final. Portanto, alternativamente aos

---

<sup>55</sup> Ver também Dowty (1979), Capítulo 5.

argumentos de Jackendoff (1983), assumiremos aqui que, dada a relação de dois argumentos através de uma função CAUSA, o segundo argumento poderá sim ser um *estado*. Neste sentido, estamos de acordo com a argumentação de Ramchand (2008) aqui já exposta, cuja teoria postula que o resultado de um processo pode ser um *estado*.

### **3.2. Contribuições da Nano-sintaxe para a análise dos PPs em construções que denotam movimento**

O interessante para a discussão atual é o fato de Ramchand (2008) estender sua teoria de uma nova classificação verbal para o exame das resultativas do inglês e do russo, iluminando, nesta análise, a estrutura interna dos SPs. Baseada em exaustiva testagem de dados empíricos do inglês e do russo, a autora decompõe e avalia os traços de categorias PATH e RHEMA que podem estar encaixados em *resP*. Como a autora parte de exemplos envolvendo verbos de maneira de movimento em suas interações com preposições locativas e de trajetória, nós estenderemos sua análise para a investigação do complemento de lugar na expressão do deslocamento espacial.

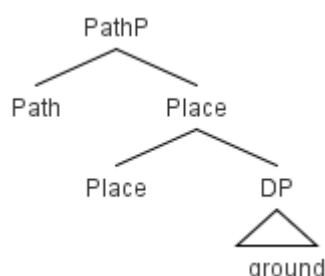
Como viemos debatendo, nossa hipótese se desenha cada vez mais clara: os conceitos de Trajetória e de Lugar-alvo do movimento são essenciais para a interpretação de qualquer evento de movimento, posto que quando arquitetamos cognitivamente o conceito de movimento, sempre concebemos um objeto envolvido que se desloca desenvolvendo um trajeto ou rota, seja ele de um lugar (A) para um lugar (B) ou dentro do mesmo espaço (A).

O lugar-alvo de um movimento faz, assim, parte da estrutura argumental/conceitual do verbo de movimento mesmo não aparecendo sintaticamente como um objeto direto. Neste sentido, o lugar onde o movimento se desenrola pode não fazer parte de sua estrutura interna, mas o alvo do movimento, por sua vez, como

resultado do movimento, está na sua estrutura profunda. Tentaremos comprová-la demonstrando como a existência ou não de um objeto-lugar com o traço de Alvo do movimento na estrutura conceitual de um verbo de movimento é importante para definir as possíveis estruturas sintáticas em que ele pode aparecer, e conseqüentemente, é imperativa para determinar a maneira como podemos prever seu comportamento.

Como Jackendoff (1983), Ramchand (2008) admite aque no domínio conceitual, faz-se necessária a distinção entre preposições de Lugar e de Trajetória. Ainda, a autora sugere que o nó P deve ser decomposto em Trajetória (Path) e Lugar (Place), com o nó de Lugar encaixado sob o nó de Trajetória<sup>56</sup>:

(127)



Um argumento para tal afirmação seria de que, em línguas onde morfologia diferente<sup>57</sup> é encontrada, o morfema de lugar está sempre mais próximo da raiz<sup>58</sup>:

(128) a. Joana ran into the room.

b. Joana correu para dentro do quarto.

Pantcheva (2007), igualmente, porém dentro da Nano-Syntax, assume que o nó Path posicionado acima de Place possa ser decomposto em outros três nós distintos,

<sup>56</sup> Ramchand (2008) faz referência aos trabalhos de van Riemsdijk and Huybregts (2002), Koopman (2000), van Riemsdijk (1990), Svenonius (2004b) e Kracht (2002). Fábregas (2007) e Pantcheva (2007) mencionam os mesmos autores.

<sup>57</sup> Patcheva (2007), Ramchand (2008).

<sup>58</sup> Sugerimos fortemente a leitura de Patcheva (2007) para uma análise mais completa das preposições. Esta autora propõe que o nó *Path* possa ser decomposto em dois outros traços além do traço de Lugar e Trajetória: dentro das configurações espaciais expressas pelas preposições encontramos também o traço de Alvo (Goal), Fonte (Source) e Rota (Route), e todos entariam encaixados na seguinte ordem: <Route, Source, Goal, Place>, Route sendo o núcleo mais alto e Place o mais baixo.

listados aqui do mais profundo para o mais alto na hierarquia: Trajetória-Alvo (Path-Goal), Trajetória-Fonte (Source), e Trajetória-Rota (Route). Apesar de podermos encontrar aqui um paralelo claro entre estes traços e os traços que Jackendoff considerava importantes (Goal = TO, Source = DE, Route = VIA), esta nova proposta se mostra mais elegante por criar uma ordem para a hierarquia e disposição de tais traços que regula sua distribuição dentro dos itens lexicais e das estruturas que referenciam movimento se mostrando muito produtiva e possível de ser verificada empiricamente.

A autora decompõe estruturas de preposições locativas que denotam movimento em línguas como o finlandês para chegar a sua propsta de organização. Segundo ela, há evidência morfológica e sintática para a postulação destes três tipos de Path se montando acima de Place. O “finlandês, por exemplo, emprega o caso prolativo(?), que é um caso designado para a expressão de Rotas. Tabasaran faz uso do processo ablativo, que tipicamente expressa Fontes. Kayardild marca um DP de Lugar pelo caso alativo - um caso que de outra forma denota Metas. Finalmente, em Czech temos a combinação de uma preposição e um DP de Lugar marcado pelo caso Instrumental. A mesma expressão também é usada para marcar Localização”<sup>59</sup>.

Contudo, a principal evidência vem da língua Djingulu (Blake 1977, Pensalfini 2004 apud Pantcheva 2007). “Djingulu tem um sistema de caso espacial com um caso Locativo, expressando local estático, um caso alativo, expressando caminhos orientados a um alvo, e um caso ablativo, expressando caminhos orientados a partir de uma fonte. O fato intrigante é que o marcador alativo em Djingulu é -nqa, enquanto que o marcador ablativo é nkami (Blake 1977). Isto é, aparentemente o marcador ablativo contém o marcador alativo”<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> “Finnish employs the Prolative case, which is a case designated to the expression of Routes. Tabasaran makes use of the Ablative case, which typically expresses Sources. Kayardild marks the Ground DP by the Allative case - a case that otherwise denotes Goals. Finally, in Czech we have a combination of a preposition and a Ground DP marked by Instrumental. The same expression is also used to mark Location”.

<sup>60</sup> “Djingulu has a spatial case system with a Locative case, expressing static location, an Allative case, expressing Goal-oriented paths, and an Ablative case, expressing Source-oriented paths. The intriguing fact is that the Allative marker in Djingulu is -Nka, while the Ablative marker is -Nkami (Blake 1977). On the face of it, it seems that the Ablative marker contains the Allative marker. Djingulu is not alone in having the Source marker contain the Goal marker. The same pattern is observed for a number of other

Abaixo, reproduzimo o Quadro 2 de Pantcheva (2008:12) das “línguas onde o marcador Ablativo morfologicamente contém o marcador Alativo”:

	<i>Quechua</i> Arawakan (Adelaar 2004)	<i>Ingush</i> Nakh (Nichols 1994)	<i>Uchumataqu</i> Uru-Chipaya (Vellard 1967)	<i>Mansi</i> Ugric (Keresztes 1998)
LOC	<i>-pi</i>	<i>-ǵ</i>	<i>-tá</i>	<i>-t</i>
ALL	<i>-man</i>	<i>-ga</i>	<i>-ki</i>	<i>-n</i>
ABL	<i>-man-ta</i>	<i>-ga-ra</i>	<i>-ki-stani</i>	<i>-n-əl</i>

Table 2: Languages where the Ablative marker morphologically contains the Allative marker

Quadro 14: Reprodução do *Quadro 2* de Pantcheva (2007).

Além destas evidências, o idioma Avar, da família das línguas caucásicas nororientais, fornece dados para a crença em um nó Rota que se posiciona acima destes dois últimos. Neste idioma, encontramos cinco afixos de caso “locativo”. “O caso alativo expressa caminhos em direção a um alvo e é construído adicionando-se o sufixo alativo a um substantivo marcado como Locativo. (...) O caso Ablativo expressa caminhos marcando sua origem e é construído adicionando o sufixo ablativo (ou seu alomorfe) a um substantivo marcado como Locativo. Existe a mesma dependência entre o sentido do sufixo Locativo e o significado do complexo Locativo+Ablativo, como existe no caso de Locativo+Alativo. Finalmente, há um caso Perlative, que é usado para codificar caminhos que expressam rota. O facto decisivo é que o Perlative é formado adicionando-se o sufixo Perlative a um substantivo marcado pelo caso Ablativo. A existência de uma base para a forma Ablativa-Perlative é apoiada pelo fato que o alomorfe do caso Ablativo é preservado no caso Perlativo”<sup>61</sup> (Pantcheva, 2007).

unrelated languages”.

<sup>61</sup> “The Allative case expresses Goal paths and is built by adding the Allative suffix -e to a Locative-marked noun. Depending on which Locative marker is on the noun, i.e., ‘in’, ‘on’ or ‘at’, the complex suffix formed by the Locative+Allative endings means ‘into’, ‘onto’ and ‘to’, respectively. The Ablative expresses Source paths and is built by adding the Ablative suffix -a (or its allomorph -ssa ) to a Locative-marked noun. There is the same dependency between the meaning of the Locative suffix and the meaning of the complex Locative+Ablative as there is in the case of Locative+Allative. Finally, there is a Perlative case, which is used to encode Route paths. The crucial fact is that the Perlative is formed by adding the

Como consequência destas observações, iremos sugerir que os verbos de movimento que tomam um PathP como complemento de seu processo, na Sintaxe de primeira fase, podem igualmente ter esse PathP carregando traços distintos. Essa decomposição mais sutil poderia explicar, desta maneira, porque certos verbos carregam somente a ideia de Rota enquanto outros permitem a identificação de um Alvo do movimento mesmo que ambos os grupos se encontram na mesma configuração sintática [ $V_{maneira}$  +  $Prep_{loc}$ ]. Analisaremos esta hipótese mais detalhadamente nas decomposições a seguir.

Dentro do sistema proposto por Ramchand (2008), desta maneira, Paths (Trajetórias) podem ser o complemento de um nó *procP* ocupando o lugar do núcleo *resP* na decomposição verbal. O núcleo *PathP* explicaria por que complementos de verbos de criação e destruição são eventos limitados (bounded) ao mesmo tempo em que referem o processo da criação: o evento que codificam é composto por um processo que se desenvolve ao longo de uma trajetória cujo final é esperado.

Para a autora, “da mesma forma que um DP quantificado denota um evento delimitado (*bounded event*) com verbos de criação, o complemento de uma preposição de Trajetória denotará um evento delimitado quando acompanhando um verbo de movimento dinâmico”<sup>62</sup> (Ramchand, 2008:111). Se tomarmos um verbo como *andar*, teremos uma relação direta entre uma leitura de alvo do deslocamento que surge com uma preposição de Trajetória delimitada, mas que não surge com uma preposição de Trajetória não-delimitada (*unbounded*) (b), ou com uma preposição de Lugar (c):

- (130) a. Joana andou até a casa. (alvo do movimento)  
       b. Joana andou para a casa. (direção do movimento)  
       c. Joana andou em casa. (lugar do movimento)

Ramchand (2008) admite que uma preposição de lugar - PlaceP - somente pode denotar alvo do movimento (Goal of motion) se o verbo em si licenciar

---

Perlative ending -n to a noun marked by Ablative. The existence of an Ablative base for the Perlative form is supported by the fact that the allomorph of the Ablative case is preserved in the Perlative case”.

<sup>62</sup> “just as a quantized DP path object gives rise to a bounded event with consumption/creation verbs, so a bounded PathP complement will give rise to a bounded event with a dynamic motion verb”.



independentemente a projeção de um núcleo *resP*. Desta forma, “para o inglês, verbos sob uma interpretação pontual<sup>63</sup> permitem que uma preposição locativa simples nomeie uma localização final” (Ramchand, 2008:111):

- (131) a. Micheal pushed the car in the ditch.  
 b. Micheal empurrou o carro na/dentro da vala.  
 c. Michel a poussé la voiture dans la fossée.  
 d. \*Michel danced Karena in the room/Michel danced Karena into the room.  
 e. \*Michel dançou Karena dentro da sala.  
 f. \*Michel a dansé Karena dans la salle.

(Exemplos em inglês de Ramchand, 2008:115).

Note-se, no entanto, que no português e no francês a estrutura “Michel dançar Karena” já causa estranhamento, fato que por si só dificulta o julgamento da diferença entre o uso de uma preposição puramente locativa em contraste com uma preposição de trajetória).

Desta forma, também podemos postular que quando temos verbos cuja interpretação é ambígua entre uma leitura pontual e uma leitura de repetição, somente a leitura pontual pode licenciar a interpretação de alvo de movimento. Do mesmo modo que nos exemplos em inglês de Ramchand (2008), o verbo *pular* em PB pode ser interpretado como um movimento pontual ou repetitivo. Assim, nas frases abaixo, quando o verbo *pular* é interpretado como denotando uma repetição, temos a leitura de que o PP refere o lugar do movimento (a), enquanto que em (b), onde o verbo é interpretado como denotando um movimento pontual, obtemos exclusivamente como primeira resposta de falantes nativos a leitura de alvo do movimento:

- (132) a. Joana pulou muitas vezes na água durante uma hora. (lugar do movimento/alvo do movimento)  
 b. Joana pulou na água uma vez. (alvo do movimento)

---

<sup>63</sup> O verbo *voar* não poderia, contudo, ser interpretado como tal, e consequentemente, não teria sua leitura alternativa explicada por esta hipótese da teoria.

Ramchand (2008) acredita que, em inglês, “verbos que são obrigatoriamente télicos (verbos da classe dos *achievements*) ou semelfactivos com leituras pontuais podem permitir que um PP puramente locativo como *in the water* nomeie uma localização final enquanto que verbos de processo ou atividade (que não possuem o nó *resP*) como o verbo *dançar* não” permitem tal estabelecimento.

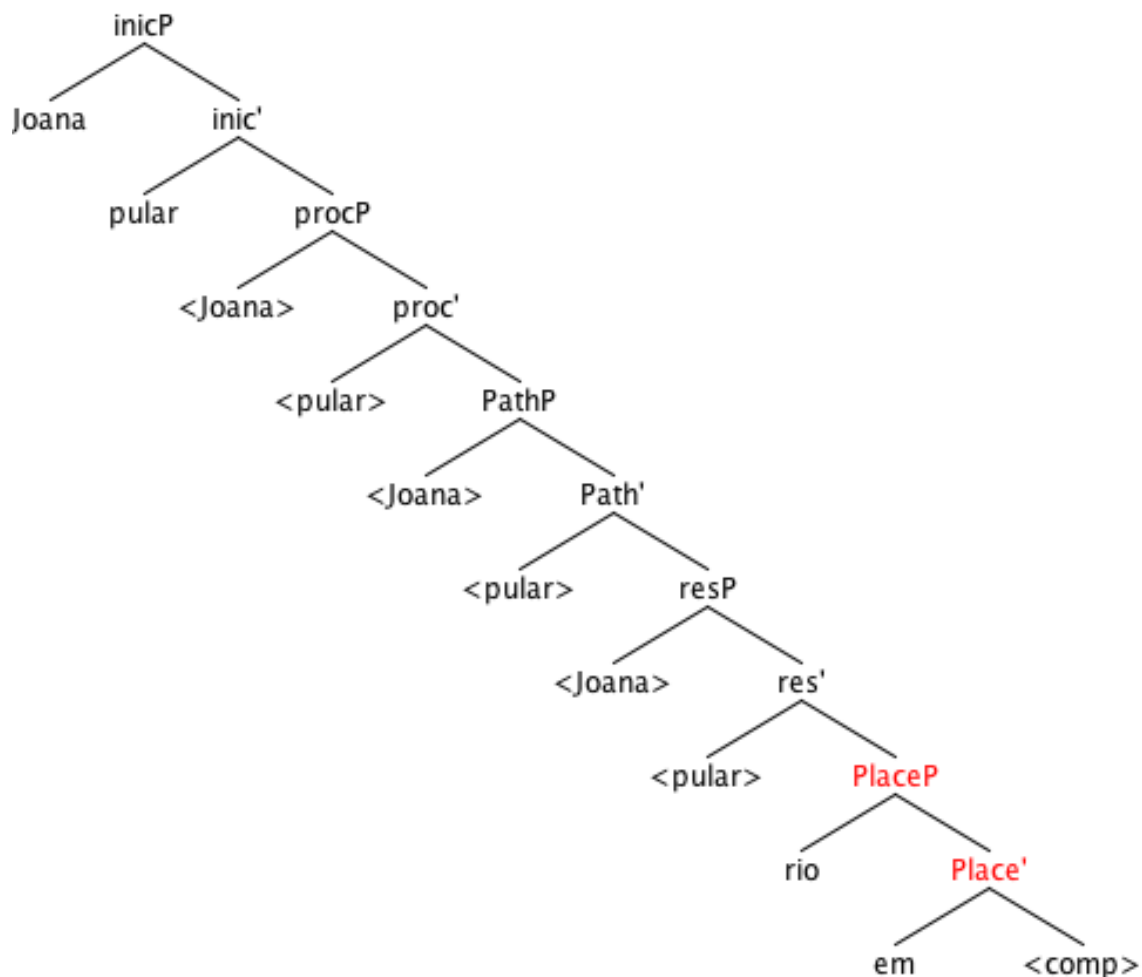
Isso aconteceria porque aqueles verbos possuem em sua estrutura um nó *resP*, que por si só marca o estado resultante de (implicado por) um processo. A presença deste nó sugeriria que a preposição, seja ela locativa ou de trajetória, indicaria o local ou posição final resultante do movimento do objeto, como já foi analisado previamente.

Acreditamos que esta evidência nos permite afirmar que o traço de Alvo da Trajetória (Path-Goal) estaria dentro da estrutura conceitual de alguns verbos de movimento que apresentem *resP*, sejam eles verbos de movimento direcionado ou de maneira de movimento. Como em todo verbo de movimento, o traço Path projetaria um nó na posição encaixada sob *procP*, e o o traço Alvo (Goal) seria uma propriedade de todo nó *resP* de tais verbos. Ficaria, então, a cargo da preposição introduzir o DP que definiria a localização (Place) final da Figura, localização esta resultante do movimento denotado pelo evento todo.

Generalizando, assumimos que para todo verbo de movimento que contiver um *resP* em sua estrutura, denotando um estado (localização nestes casos) resultante do movimento, o local/alvo de tal movimento introduzido pela preposição seria necessariamente um complemento do verbo, e não simplesmente um adjunto.

Desta forma, a estrutura do verbo *pular* seria como segue (em vermelho, os traços da preposição):

(133) Joana pulou no rio.



Retomando, nas nossas suposições, o nó do PP se encaixaria, então, sob o nó *resP* e não sob o nó *PathP* encaixado sob *procP*. A conclusão mais importante resultante desta distinção é de que a propriedade de um *resP* é sempre RHEME, como já mencionamos, e RHEMES são estados. Reforçando, isto significa dizer que a propriedade deste complemento será estativa, e no caso de um deslocamento, o estado é a posição final da Figura.

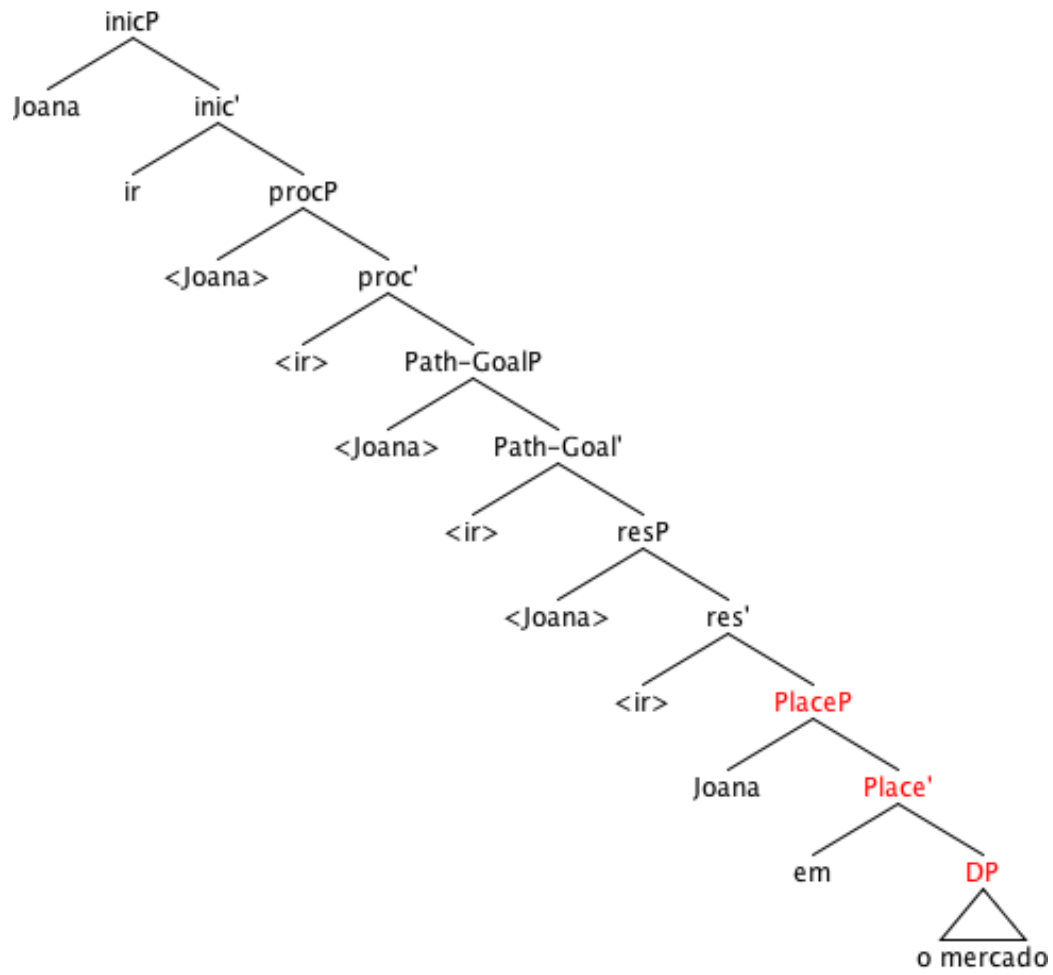
Desta forma, quando interpretamos um verbo de movimento contendo um *resP* em sua estrutura, precisamos considerar que teremos um *PlaceP* encaixado neste *resP*. Consequentemente, precisaremos dizer que o DP encaixado sob este nó será o lugar em que a Figura em movimento acabou ocupando como resultado deste. Isto também significa dizer, acima de tudo, que o conceito de Trajetória e Alvo encontram-se dentro do verbo de movimento pontual (no caso, o verbo *pular*) e não na preposição.

Esta última especificaria somente a Localização final da Figura.

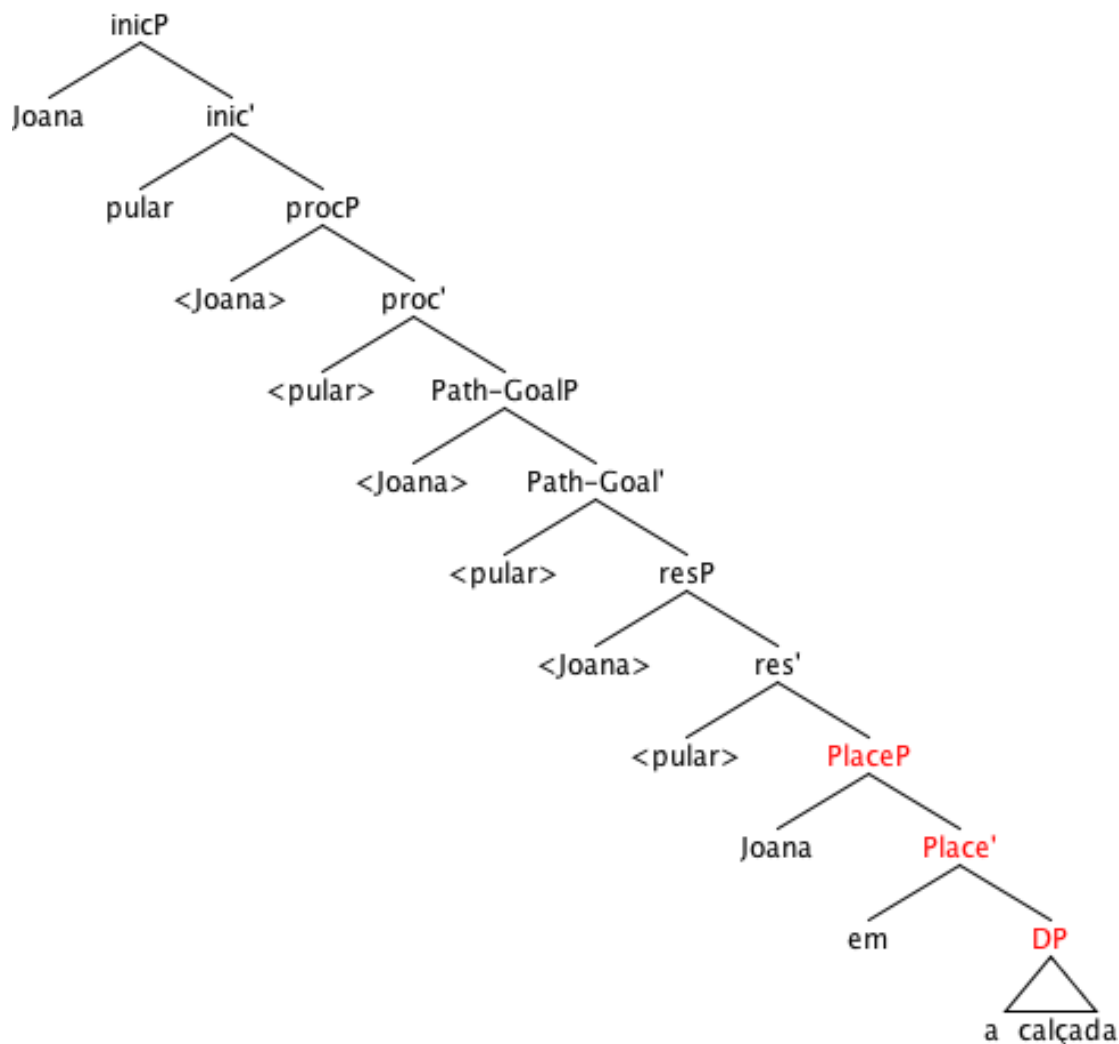
Seguindo este mesmo raciocínio, podemos ir mais além com nossa hipótese e postular que a propriedade ou conceito de Trajetória estaria necessariamente dentro de qualquer verbo de movimento, como um Path encaixado sob *procP*, enquanto que o conceito de Lugar-Alvo resultante do movimento só se encontraria dentro dos verbos cuja estrutura contivesse um *resP*. Como já vimos, na teoria de Ramchand (2008), a principal propriedade do *procP* é a de PATH. Verbos de maneira de movimento são considerados processos, e carregam, desta forma, a propriedade de Trajetória (PATH).

Acreditamos que esta hipótese pode igualmente explicar por que, em exemplos recorrentes do PB, verbos de movimento inerentemente direcionado aceitam preposições puramente locativas na expressão do deslocamento: sugerimos que eles possuem a mesma estrutura do verbo *pular*, já analisado:

(134) a. Joana foi no mercado.



(135) a. Joana pulou na calçada.



Em francês nenhum informante confirmou o uso do verbo *aller* com a preposição *dans*, julgando estranha a sentença \**Joana est allée dans le supermarché* como uma possível a versão para a sentença em (134). Ao mesmo tempo, é verdade que nesta língua a preposição *à* e suas variantes (*à la, au, aux, à l'*) são usadas tanto para indicar o alvo do movimento quanto sua localização. O que não é verdade para línguas, como o PB e o inglês respectivamente, onde a distinção entre os pares de preposições que denotam cada um desses conceitos é mais forte: *in/into, para/em*. Nestas línguas, as preposições que carregam somente o traço Path ou Path-Goal e que não possuem o traço Place causam estranhamento ao serem usadas com verbos puramente estativos:

- (136) a. Jean est allé à la bibliothèque/Jean est à la bibliothèque.  
 b. João foi para a biblioteca/\*João está para a biblioteca.

c. John went to the library/\*John is to the library.

A restrição que encontramos aqui, ilumina uma questão central para nossa argumentação: diferentemente do que Ramchand (2008) e Jackendoff (1983) assumem, as preposições *em* do PB e *in* do inglês parecem, sim, ser puramente locativas, i.e., carregam somente o traço *Place* em suas estruturas. Há outras ainda que carregam tanto os traços *Path-Goal* quanto *Place*, enquanto que outras apresentam somente o traço *Path-Goal*. Voltaremos a este debate mais adiante.

Retomando o caso das estruturas verbais analisadas dentro deste trabalho, em resumo, pensamos poder assumir a seguinte generalização para o PB: se um verbo contiver um núcleo *resP* na sua entrada, o seu argumento preposicionado será parte de sua estrutura conceitual profunda e o DP introduzido pela preposição será considerado um complemento deste verbo. Seria o caso, ao qual já nos referimos anteriormente, dos verbos de movimento inerentemente direcionado e dos verbos de maneira de movimento pontuais:

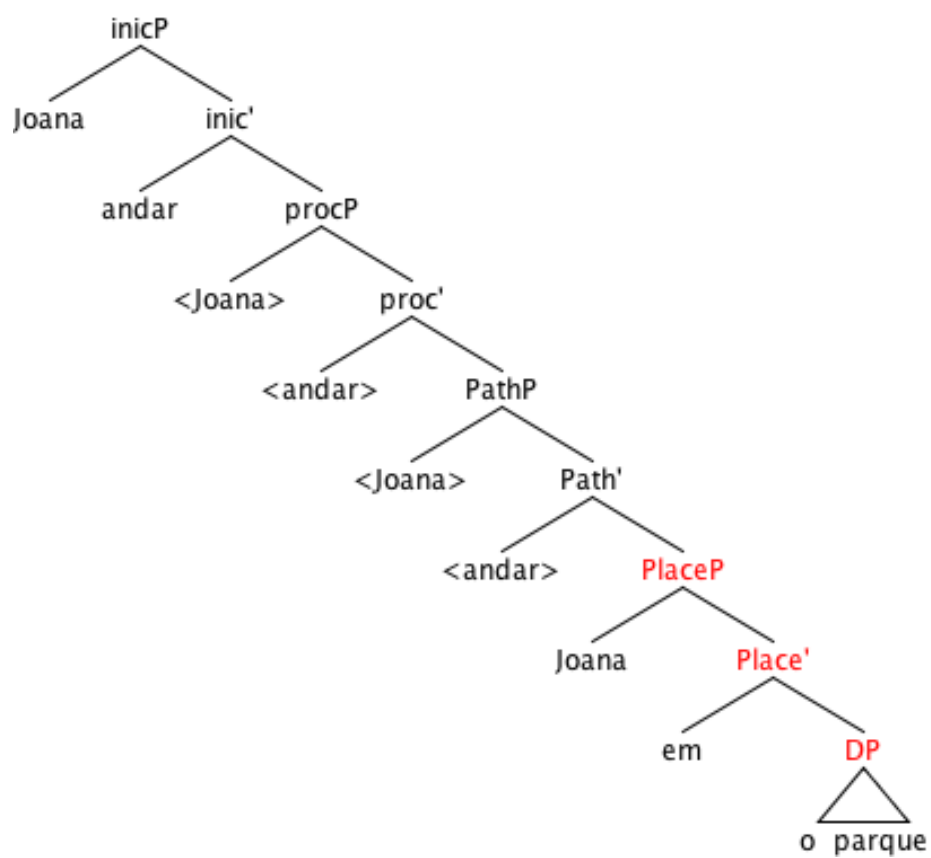
(137) Joana foi ao mercado/no mercado.

(138) Joana pulou para a/na piscina.

Além disso, seguindo o mesmo raciocínio, podemos afirmar que verbos de maneira de movimento que não contêm em sua estrutura o núcleo *resP* e que, portanto, não são pontuais, não carregam em sua estrutura profunda o conceito de resultado e, como consequência, a natureza do PP que se encaixa sob o núcleo *procP* faz toda a diferença para a interpretação do DP encaixado por sua vez na PP.

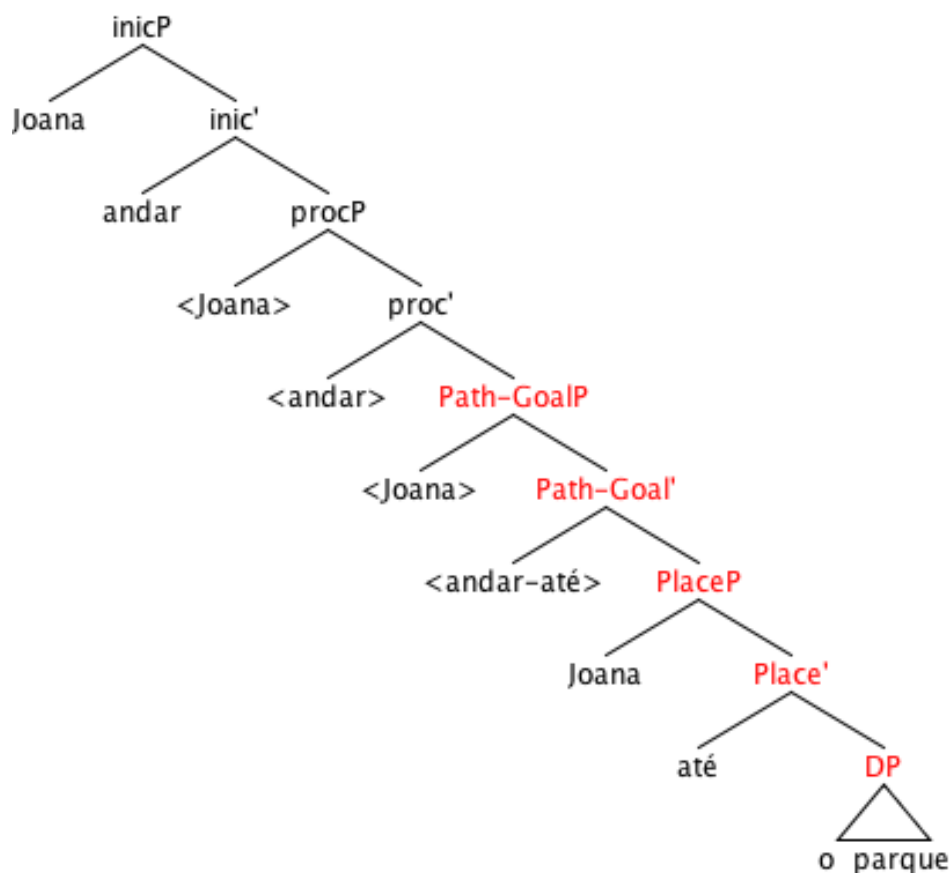
Quando se tratar de uma PP do tipo *PlaceP*, o lugar escolhido pelo DP será o local do movimento, e quando se tratar de uma *Path-GoalP*, o local referenciado pelo DP será o alvo do deslocamento que é denotado pelo verbo:

(139) Joana andou no parque.



(140) Joana andou até o parque.





Podemos esperar, portanto, que os verbos *correr*, *rolar*, *voar*, *nadar*, *rastejar*, *caminhar*, *deslizar*, *escorregar* e *dançar* apresentam a mesma estrutura, dada a interpretação que intuímos para os pares abaixo:

- (141) Joana correu na beira-mar.
- (142) Joana correu até a beira-mar.
- (143) Joana rolou na grama.
- (144) Joana rolou até a calçada.
- (145) Joana voou sobre Goiânia.
- (146) Joana voou até Goiânia.
- (147) Joana nadou na piscina.
- (148) Joana nadou até a borda.
- (149) Joana rastejou na lama.
- (150) Joana rastejou até a saída.
- (151) Joana caminhou na praia.

(152) Joana caminhou até as pedras.

(153) O trenó deslizou no gelo.

(154) O trenó deslizou até a árvore.

(155) Joana dançou no salão.

(156) Joana dançou até o canto da sala.

Ainda, como admitimos que verbos de movimento pontual têm, necessariamente, um nó PlaceP, condizente com as preposições locativas aqui usadas, encaixado sob o nó *resP*, a interpretação do DP encaixado no PP poderia ser de alvo do movimento mesmo quando a preposição fosse puramente locativa ou pelo menos ambígua entre locativa e de alvo do movimento, como já foi citado repetidamente. Dos verbos aqui analisados, somente o verbo *pular* se encaixa nesta categoria:

(157) a. Joana pulou no rio.

b. Joana jumped in the river

c. Joana a sauté dans la rivière.

Veja que, de qualquer forma, se realmente quisermos interpretar o SN introduzido pelo PP como o alvo e lugar onde a figura se encontra como resultado do movimento é preciso que uma preposição com o traço Locativa (Place) se encontre na sentença. Se, por acaso, ela não estiver realizada na frase, não poderemos afirmar que o alvo do movimento foi, de fato, alcançado. Além disso, sentenças deste tipo causam muito estranhamento:

(158) Joana pulou para o rio.

(talvez seja aceita na interpretação de que Joana foi pulando em direção do rio, mas não necessariamente chegando até ele)

Paralelamente, no caso de verbos que não possuem *resP*, não poderíamos dizer que uma preposição denotando simplesmente trajetória poderia indicar também o alvo do movimento como o lugar onde a figura realmente alcançou como resultado deste deslocamento:

(159) Joana caminhou para o mercado.

Podemos usar o teste de paradoxo do perfectivo<sup>64</sup> para testar estas sentenças completando-as com a frase “mas não chegou lá”. Frases como em (159) que, de fato, não denotam o alvo do movimento continuam gramaticais, enquanto que frases como em (160) ficam sem sentido:

- (160) a. Joana correu/caminhou para o mercado, mas não chegou lá.  
 b. ?Joana foi para o mercado, mas não chegou lá.  
 c. Joana nadou para a beira do rio, mas não chegou lá.  
 d. ?Joana foi para a beira do rio, mas não chegou lá.

Mais interessante, este fato esclareceria por que os verbos como andar/walk, nadar/swim, etc, quando acompanhados das preposições em e in apresentariam somente a leitura locativa. Assim, entendemos que verbos de maneira de movimento que apresentam a estrutura [inicP, procP] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub> não especificam nada sobre o alvo do seu movimento, ficando a cargo dos traços contidos nas preposições o trabalho de distinguir entre a leitura de puro deslocamento no espaço e de movimento direcionado.

Ao mesmo tempo, quando combinarmos aos verbos de estrutura [inicP, procP] que já projetam PathP preposições que carreguem ambos os traços Path e Place, ainda teremos sentenças gramaticais e a interpretação de que o DP introduzido pela preposição é o alvo do movimento, pois o nó Path-Goal da preposição se mergerá com o nó PathP da estrutura verbal, e sua projeção PlaceP continuará na posição mais baixo de tal estrutura:

- (161) a. Joana nadou até a Ilha do Mel.  
 b. Joana caminhou até o parque.  
 c. Joana rastejou até a saída.

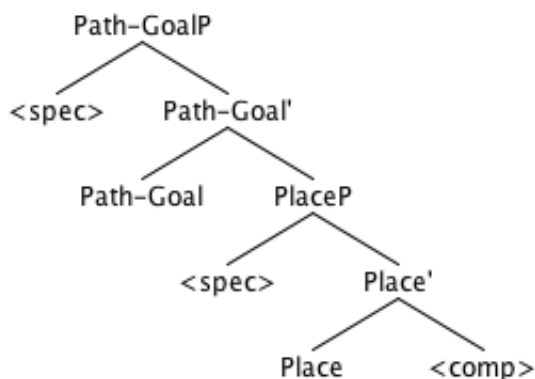
Como acabamos de ver acima, o português e o inglês possuem ambas uma

---

<sup>64</sup> Singh (1998).

preposição curiosa: *até/until*. Acreditamos poder sugerir que esta preposição apresente uma estrutura complexa pois a teoria de Pantcheva (2008) sugere que todo PP é passível de ser decomposto em outros núcleos de traços mais finos da representação espacial, neste caso, os traços Path-Goal e Place, respectivamente:

(162) *até, until*



Esta seria a única explicação até aqui encontrada para explicar a gramaticalidade de sentenças como:

- (163) a. Joana caminhou até a porta.  
 b. Joana walked until the gate.  
 b. Joana nadou até a beira do rio.  
 d. Joana swam until the shore.  
 e. Joana rastejou até a saída.  
 f. Joana crawled until the exit door.

Comparemos estas sentenças com aquelas em (164) abaixo para perceber como quando o traço de Lugar não está na preposição, não podemos assumir que a Figura chegou ao local introduzido pelo PP:

- (164) a. Joana caminhou para a porta (mas desmaiou antes de chegar lá).  
 b. Joana walked to the gate (but fainted before she got there).  
 b. Joana nadou para a beira do rio (mas desmaiou antes de chegar lá).  
 d. Joana swam to the shore (but fainted before she got there).

- e. Joana rastejou para a saída (mas desmaiou antes de chegar lá).
- f. Joana crawled to the exit door (but fainted before she got there).

Acreditamos que um estudo mais aprofundado da preposição até/until seria de grande iluminação, mas, infelizmente, tal análise fugiria do escopo deste trabalho. Este estudo poderia, aliás, levar em conta o fato de que, no francês, não exista uma preposição simples reunindo ambos os traços de Localização, Trajetória e Alvo. Estes dois sentidos só podem ser expressos pela preposição composta “jusqu’à”:

- (165) a. Joana caminhou até a porta.  
 b. Joana walked until the gate.  
 c. Joana a marché jusqu’à la porte.

O verbo *voar*, que nos intrigou nos primeiros capítulos deste trabalho, deveria apresentar a mesma estrutura que os verbos *caminhar*, *rastejar*, *nadar* acima discutidos. De fato, na maior parte de suas ocorrências, ele se comporta como os verbos citados:

- (166) a. Eu voei no Embraer EMB-135BJ Legacy.  
 b. O governador Sérgio Cabral voou no helicóptero Esquilo(...)  
 c. O Airbus A310 da Yemenia que caiu perto das ilhas Comores e teve apenas uma sobrevivente de 14 anos já voou no Brasil com as cores (...)  
 d. A garça voou no céu ..

Curiosamente, nas poucas ocorrências em que o SN introduzido pela preposição pode ser interpretado como o alvo do movimento, poderíamos igualmente interpretar o movimento ali mencionado como não sendo, de fato, *voar*, mas sim *saltar/pular*.

- (167) a. O dado voou no Antônio Peixoto!/O dado pulou no Antônio.  
 b. Uma brasa voou no meu olho./ Uma brasa saltou no meu olho.

Levando em conta a análise que já realizamos sobre o verbo *pular*, seria fácil entender por que tal leitura alternativa é licenciada. Assumimos que, em certos

contextos, o verbo *voar* está sendo usado no sentido de *saltar* em PB e deixaremos este estudo como uma sugestão para futuras investigações.

Ainda, a falta de correspondência do PB para o inglês e/ou francês de algumas sentenças seria explicada pela diferença na estrutura das preposições destas línguas, como já foi demonstrado na análise das preposições *em/in/dans* destas línguas respectivamente. Observe-se, novamente, o caso das preposições *sobre/sur/on* nos exemplos com o verbo *voar*:

- (168) a. Joana voou sobre Goiânia.  
 b. \*Jeanne a volé sur Goiânia.  
 c. \*Jeanne flew on Goiânia.

Ao testarmos a gramaticalidade destas sentenças com falantes nativos, observamos que a única leitura possível nestas situações seria caso Goiânia fosse o alvo do movimento, o que reforçaria nossa hipótese da importância dos traços que a preposição carrega. No inglês e no francês as preposições *on* e *sur*, respectivamente, carregariam além do traço de Lugar, como sugere Pantcheva (2007), pelo menos, o traço cognitivo de Contato. Como não temos conhecimento de teorias dentro da Nano-Sintaxe que levem em conta tal primitivo, decidimos deixar essa análise para uma investigação futura.

Infelizmente, precisamos admitir que os exames com as preposições *sobre/on/sur* e *embaixo de/under/sous* demonstraram levantar muito mais perguntas do que respostas. Assim, embora acreditemos que as perguntas levantadas por um trabalho sejam tão ou mais importantes do que as respostas que esse trabalho supõe encontrar, percebemos que a investigação dos traços que as distinguem e das restrições que as definem, para ser considerado relevante, demandaria um estudo muito mais extenso e detalhado do que o que poderia ser feito durante o tempo de uma investigação de mestrado, e portanto, resolvemos que seria mais produtivo deixá-las para uma análise futura.

Consideramos satisfatório, neste momento, observar estas diferenças

translinguísticas como mais uma prova da existência de traços primitivos, inclusive dentro das preposições, e sua consequência para as estruturas de superfície em que verbos de movimento e preposições locativas podem aparecer.

Tais distinções, mais do que tudo, corroboram uma teoria que propõe que a universalidade se encontra nos arranjos de traços que se combinam para expressar os eventos dos quais queremos falar, e não nos traços que se encontram dentro de um único item lexical. Assim, os itens lexicais de superfície dos quais uma língua lança mão para expressar eventos de movimento podem ser os mais variados, contanto que carreguem os mesmos traços do evento referido e respeitem a hierarquia, as regras e condições do sistema aqui debatido.

Finalmente, voltando a observar os dados dos Quadros 1-10 do Anexo 1, podemos visualizar que os verbos *correr*, *escorregar*, *voar*, *rastejar* e *rolar* apresentam um comportamento distinto dos demais e similar entre si, onde a preposição locativa poderia também introduzir um Fundo que seria o lugar-alvo do movimento, permitindo a leitura alternativa de deslocamento para as construções [ $V_{maneira}$  + Prep<sub>LOC</sub>]. Isso enquanto que os verbos *andar*, *nadar*, *rastejar*, *caminhar* e *deslizar*, se comportariam, como foi previsto, da mesma forma que o verbo *dançar*.

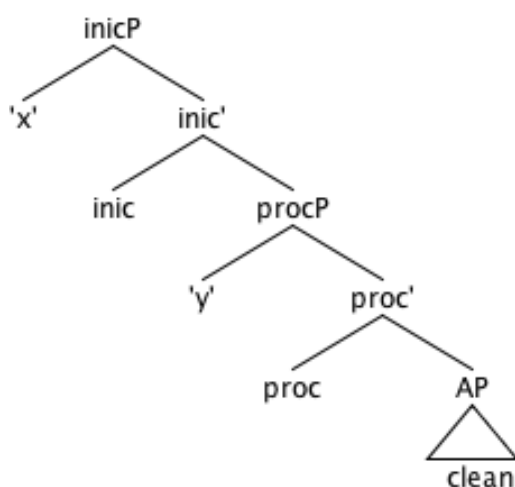
Isto poderia ser explicado se assumíssemos, ainda que às custas da elegância desta discussão, que os verbos *correr*, *escorregar*, *voar*, *rastejar* e *rolar* carregam duas estruturas em PB e em francês: a primeira seria a estrutura já longamente analisada neste capítulo: [inicP, procP] INITIATOR, UNDERGOER; a segunda seria um tipo de verbo de confluência.

Para iluminar nossa proposição, retomaremos Ramchand (2008) que segue, por sua vez, Hale and Keyser (1993 apud Ramchand, 2008:91-92) ao assumir que alguns verbos incorporam o sujeito ou as propriedades do sujeito de seu complemento em seu núcleo de VP, através de um movimento sintático que se sintetizaria em um processo de confluência como definido em (169) baixo:

## (169) Conflação

Conflação consiste no processo de copiar a assinatura-p (o conteúdo fonológico) do complemento para dentro da assinatura-p do núcleo<sup>65</sup>.

Dentro da Sintaxe de Primeira Fase, o complemento de um núcleo verbal é um RHEME, seja ele um RHEME de processo ou de resultado. Assim, neste sistema, tal pressuposto daria conta de explicar os verbos denominais e deadjetivais. Como veremos na projeção abaixo, no caso do verbo *limpar*, temos a incorporação do complemento remático da AP encaixada sob o núcleo resP:

(170) *limpar/clean*

(reprodução do exemplo (60) de Ramchand, 2008:93)

Ramchand (2008) argumenta que seu sistema é diferente daquele proposto por Hale and Keyser (1993) somente porque apresenta uma decomposição mais articulada e porque faz “distinção entre RHEMES de processo (que descrevem o processo expressando maneira ou trajetória) e RHEMES de resultado (que descrevem o estado final ou localização). Assim, a distinção crucial não está entre os deadjetivais ou denominais, nem entre verbos de localização e verbos de maneira, mas entre a

<sup>65</sup> Adaptado de Ramchand, 2008:94.



conflação para dentro do núcleo de *res* vs. conflação para dentro do núcleo de *proc*.<sup>66</sup>” (Ramchand, 2008:93-94).

Seguindo esta conjectura, assumiremos aqui que os verbos *correr*, *escorregar*, *voar* e *rolar*, assim como seus pares em francês, são verbos de conflação de uma propriedade remática de Maneira do complemento de *proc* para dentro do núcleo do verbo leve *ir*.

Assumimos tal posição por acreditar que quando dizemos *Joana correu no quarto* em PB ou *Jeanne a couru dans la chambre* em francês, temos em mente algo como o evento “Joana foi no quarto correndo” ou “Jeanne est allée à la chambre en courant”, como podemos verificar no quadro abaixo:

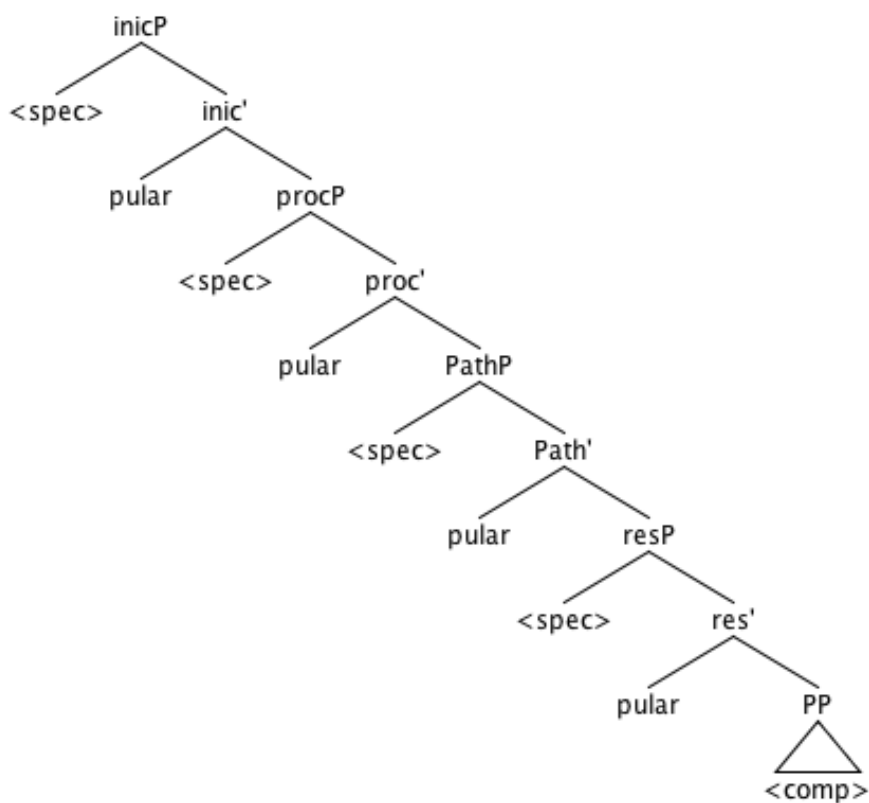
Joana correu no quarto	=	Joana <b>foi</b> no quarto correndo
Jeanne a couru dans la chambre	=	Jeanne <b>est allée</b> à la chambre en courant
Joana escorregou na piscina	=	Joana <b>foi</b> para dentro da piscina escorregando
Jeanne a glissé dans la piscine	=	Jeanne <b>est allée</b> dans la piscine en glissant
A bola rolou no gol	=	A bola <b>foi</b> para dentro do gol rolando
Le ballon a roulé dans le but	=	Le ballon <b>est allé</b> dans le but en roulant
Um pássaro voou na minha janela	=	Um pássaro <b>veio</b> na minha janela voando
Un oiseau a volé sur ma fenêtre	=	Un oiseau <b>est venu</b> poser sur ma fenêtre en volant

Quadro 15: Exemplos das construções *correr* vs. *ir correndo*, *escorregar* vs. *ir escorregando*, *rolar* vs. *ir rolando* e *voar* vs. *ir voando* no PB.

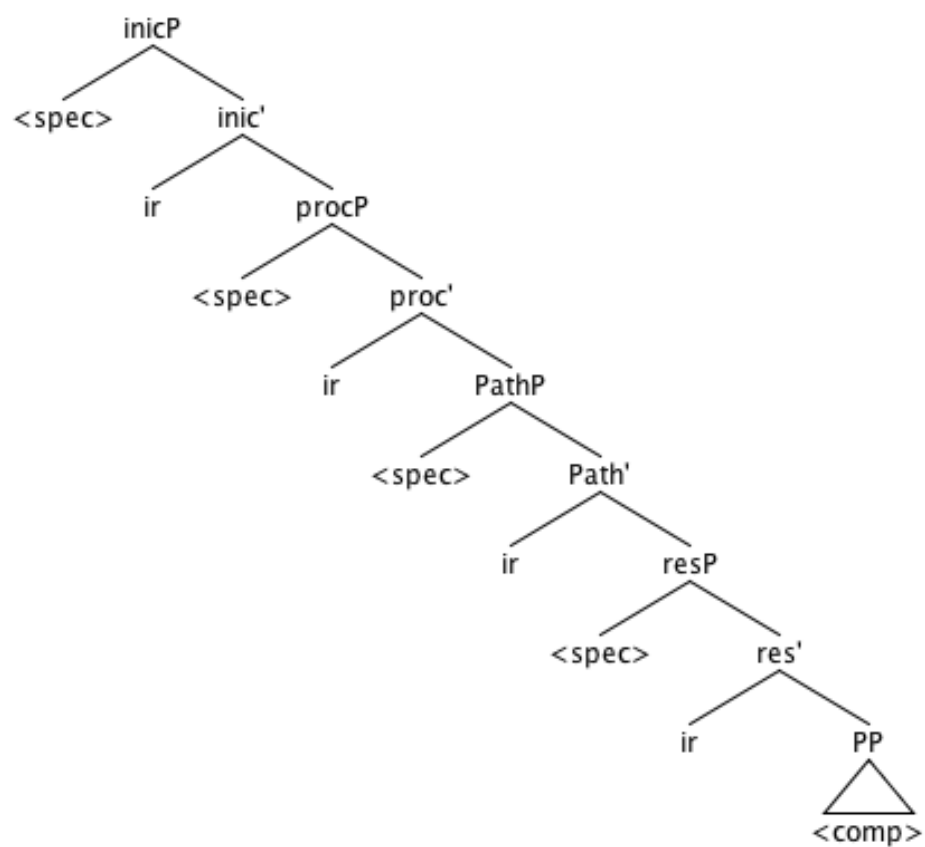
<sup>66</sup> “distinction between RHEMES of process (which further describe the process expressing manner or path) and RHEMES of result (that further describe the final state or location). Thus, the crucial distinction is not between deadjectivals or denominals or between location verbs and manner verbs, but between the conflation into the *res* head vs. conflation into the *proc* head.”

Um fato muito importante a ser sublinhado tendo em vista estas últimas observações é que, sendo verbos de conflação de uma propriedade remática de Maneira do complemento Path de *proc* para dentro do núcleo do verbo leve *ir* estes verbos do tipo-conflação carregam, desta forma, a estrutura completa dos verbos de movimento inerentemente direcionados e, portanto, possuem um nó resP encaixado sob o nó PathP complemento de procP, como é o caso do verbos *ir*, *entrar*, *sair* e do verbo de maneira *pular*, já longamente analisado. Podemos visualizar essas estruturas nos exemplos (171), (172) e (173) abaixo:

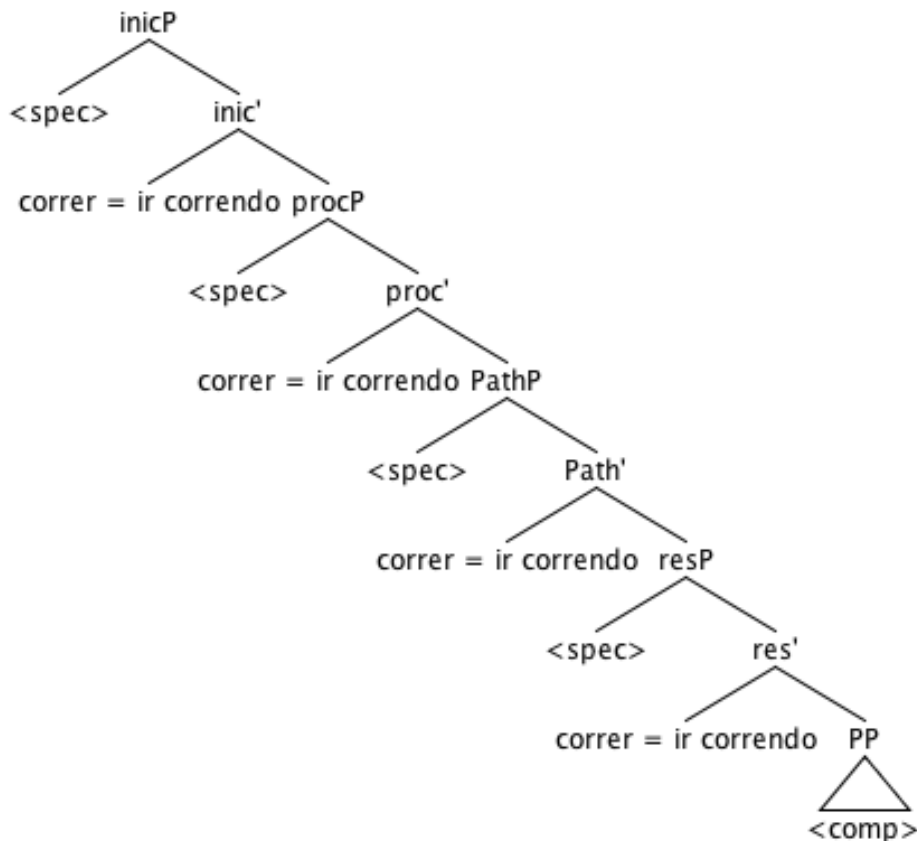
(171) *pular*



(172) *ir*



(173) verbo do tipo-conflação *correr*



Poderíamos, então, sugerir que a ambiguidade não se encontra na preposição nem na estrutura dos verbos de movimento, mas no fato de determinadas línguas, no nosso caso o PB e o francês, possuírem dois itens lexicais homônimos que carregam estruturas profundas distintas. Isto não aconteceria no inglês, onde igualmente não podemos verificar a ambiguidade das construções [ $V_{maneira}$  +  $Prep_{loc}$ ].

Arriscaríamos insinuar como uma possível explicação para tal variação a tendência do inglês, já observada no começo deste trabalho, de codificar dentro de seus núcleos verbais igualmente o conceito de Maneira em contraste com a línguas romanas que tendem a codificar somente a Trajetória. Tomando-se tal confluência como uma regra geral de organização da língua, poderíamos prever que tais movimentos tardios como este que sugerimos em PB sejam bloqueados.

Uma investigação desta natureza iria, todavia, extrapolar os limites de tempo e de inquisição esperados para um trabalho de mestrado. Concluimos nosso trabalho, desta forma, com muitas questões que merecem ser examinadas com a devida

dedicação e que ficam abertas para investigadores que desejam se aventurar pelos caminhos da semântica e da Nano-Sintaxe, tanto em PB quanto em inglês e em francês.

Enfim, cogitamos poder considerar todas as discussões e análises desenvolvidas ao longo deste trabalho como evidências da existência de traços primitivos profundos, que se arranjam entre si de maneira coerente e previsível, inclusive dentro das preposições. Como consequência desta premissa, acreditamos ter ilustrado convincentemente que a universalidade está nas possibilidades de arranjo de tais traços, arranjos estes que projetam certas estruturas de superfície que se distribuem dentro de verbos de movimento e de preposições locativas podendo variar, de uma língua para outra, no tipo de item que os carregam.

## CONCLUSÃO

Este estudo se dispôs a explorar a estrutura de eventos que denotam o deslocamento de uma figura no espaço. Esses eventos carregariam, além disso, informações sobre a maneira com que o movimento é realizado e se a figura se desloca em relação a um fundo estático ou a um alvo.

A estrutura deste tipo de evento seria, comumente, projetada na língua portuguesa brasileira por meio de verbos de maneira de movimento em composição com preposições locativas, caso a figura estivesse se deslocando em relação a um fundo estável:

(173) Joana nada na piscina do clube.

ou pela composição *verbo de maneira de movimento + preposição de trajetória*, caso o evento em si englobasse o alvo do deslocamento:

(174) Joana corre para casa.

O problema no PB e no francês surge quando preposições comumente rotuladas como locativas em composição com verbos desta categoria permitem leituras diferentes:

- (175) a. Joana correu no quarto. (quarto = alvo do deslocamento)  
 b. Uma brasa voou no meu olho. (olho = alvo do deslocamento)  
 c. Eu pulei sobre o sofá. (sofá = alvo do deslocamento)  
 d. O cachorro corre embaixo da cama. (cama = alvo do deslocamento)  
 e. A bola rolou embaixo da mesa. (mesa = alvo do deslocamento)

Para tentar explicar tais dados, propusemos uma análise de fundamentação teórica semântico-conceitual, pois acreditamos que a suposta ambigüidade de tais

construções se deve a um arranjo profundo de traços conceituais que garantem, ao mesmo tempo, a gramaticalidade das sentenças acima.

Neste sentido, discutimos as teorias semântico-cognitivas de Pinker (1989, 2005) e Jackendoff (1983), no intuito de decompor verbos e preposições a procura de traços primitivos que governassem as estruturas de tais eventos. Concluímos, com estes debates, que alguns verbos de maneira de movimento, além de carregarem o traço primitivo de maneira de movimento, carregam também o traço de Trajetória.

Presumimos que os verbos *voar*, *escorregar* e *rolar* se comportariam como o verbo *correr*, o que explicaria, nos dados do Capítulo 2 e do Anexo 1, a produtividade da leitura alternativa de deslocamento, onde a preposição introduz o lugar-alvo do movimento, para as construções [ $V_{maneira} + Prep_{LOC}$ ] com tais verbos.

Os verbos *andar*, *nadar*, *rastejar*, *caminhar* e *deslizar* no PB se comportariam, por sua vez, como o verbo *dançar*. Esta proposição iluminaria por que, nos mesmos dados, não encontramos para estes verbos sentenças que apresentem a leitura alternativa quando combinados com a preposição *em*.

Apontamos, além disso, que a falta de correspondência do PB para o inglês e/ou francês de algumas sentenças seria explicada pela diferença na estrutura de traços que as preposições destas línguas carregam. Propusemos que, no inglês e no francês, as preposições *on* e *sur*, respectivamente, carregariam, para além dos traços de Localização, Trajetória e Alvo, como sugerido em Pantcheva (2007), o traço conceitual primitivo de contato. Contudo, como a investigação deste traço demandaria um estudo muito mais extenso e detalhado destas ocorrências junto a falantes nativos, resolvemos que seria mais produtivo deixá-la para uma análise futura. Acreditamos ser suficiente, para o intuito deste estudo, assinalar estas diferenças translinguísticas.

Avançando em nossas inquisições, percebemos que teorias puramente semântico-cognitivas não nos forneceria um sistema elegante para explicar a organização e funcionamento dos traços primitivos que conseguimos iluminar ao longo de nossos debates. Desta forma, decidimos seguir uma teoria sintático-semântica que

tem o formalismo da teoria X-barra mas que considera, ao mesmo tempo, o valor do papel dos traços conceituais primitivos para a organização de seu sistema.

A elegância deste novo sistema reside na não necessidade de se postularem regras de ligação entre dois módulos independentes da língua, posto que se acredita que todo item lexical carregue em si um arranjo desses traços primitivos já organizados hierarquicamente de maneira a garantir a combinação dos lexemas em uma ordem sintática coerente com as sentenças que pronunciamos. Checagem de flexão, número, etc, acontece em movimentos posteriores a esta fase.

Assim, acreditamos que os verbos se organizem e se dividam em grupos que carreguem arranjos distintos, isto é, no Léxico, verbos de diferentes classes são etiquetados (recebem etiquetas) com traços diferentes, arranjados de maneira organizada e respeitando uma determinada hierarquia. Isso significa dizer que esta combinação deve observar as leis do sistema: Lixo Minimizado, Subassociação e Merge.

Este fato nos permite fazer previsões sobre o comportamento de verbos de uma mesma classe de arranjos, i.e., que possuam as mesmas etiquetas. Acreditamos que essas classes de arranjos são universais, enquanto que os itens que servem para *spell-out* tais traços nas línguas naturais variam de um idioma a outro. Isto é, universalmente, quando falamos de movimentos e deslocamentos espaciais, somos sensíveis a um número limitado de conceitos que se encontram dentro deste sistema. Seguimos aqui, desta forma, inicialmente, o sistema Sintaxe de primeira fase de Ramchand (2008) que postula que tais eventos são compostos pelos traços INICIADOR, UNDERGOER, PATH E RESULTEE, e vamos mais além ao admitirmos que, no caso da expressão de movimento/deslocamento espacial, para que certas estruturas sejam bem formadas, ela também precisam ter os traços de PATH-GOAL e PLACE.

No caso das línguas aqui sob análise, verbos de movimento se combinarão com preposições de trajetória e locativas para formar as estruturas sintáticas que expressam movimento e deslocamento. Para garantir uma sentença bem formada, todos os traços da estrutura precisarão se encontrar *spelled-out* em um ou outro item lexical: lei do



Superconjunto (Fábregas (2007).

De tal modo, esperamos poder prever três tipos de arranjo para expressar movimento ou deslocamento, como observamos no Quadro 12:

II [init, proc] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub>	IX [init, proc-Maneira] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub>	V [init, proc, res] INITIATOR <sub>i</sub> , UNDERGOER <sub>i</sub> , RESULTEE <sub>i</sub>
caminhar correr dançar deslizar escorregar nadar rastejar rolar voar	correr (=ir correndo) escorregar (=ir escorregando) rolar (=ir rolando) voar (=ir voando)	pular voar (=pular)

Quadro 12: Proposta de classificação dos verbos de Maneira da Movimento segundo seus arranjos de traços primitivos.

Os verbos de maneira de movimento das três línguas aqui analisadas carregariam um ou outro destes arranjos:

*Grupo 1* - Em um grupo, teríamos os verbos de movimento que carregam em si a ideia de trajetória – a figura desenvolveria uma trajetória/caminho enquanto se movimenta mas que não carregam na sua estrutura o traço que determinaria a localização final da figura. Esta classe de verbos está marcada com <Proc, Path>, i.e., verbos desta classe lexicalizam tanto a estrutura verbal Proc quanto a projeção Path.

No entanto, somente esta diferença não daria conta de explicar porque em PB alguns verbos deste grupo projetariam uma trajetória limitada (bounded) – *ir no mercado, rolar no gol* – enquanto que outros verbos de mesma estrutura combinados com a mesma preposição não acarretariam tal leitura. Assim, abrindo mão da elegância da proposta até então ilustrada, propusemos um segundo grupo:

*Grupo 2* - cujos verbos *correr, escorregar, voar, rastejar e rolar* carregariam duas estruturas em PB e em francês: a primeira seria a estrutura longamente analisada neste

trabalho: [inicP, procP] INITIATOR, UNDERGOER; e a segunda seria um tipo de verbo de confluência.

Definimos como de verbos confluência aqueles que incorporam o sujeito ou as propriedades do sujeito de seu complemento em seu núcleo de VP, através de um movimento sintático que consistiria no processo de copiar a assinatura-p (o conteúdo fonológico) do complemento para dentro da assinatura-p do núcleo.

Dentro da Sintaxe de Primeira Fase, o complemento de um núcleo verbal é um RHEME, seja ele um RHEME de processo ou de resultado. Entre os RHEMES de processo temos aqueles que descrevem o processo expressando uma maneira de movimento. Assim, os verbos *correr*, *escorregar*, *voar*, *rastejar* e *rolar* seriam resultado de um processo de confluência de um RHEME de Maneira para dentro do núcleo de *proc* do verbo leve *ir*.

Tendo estabelecido tal conjuntura, recomendamos que a ambiguidade não se encontra na preposição nem na estrutura dos verbos de maneira de movimento, mas no fato de determinadas línguas, no nosso caso o PB e o francês, possuírem dois itens lexicais homônimos que carregam estruturas profundas distintas. Isto não aconteceria no inglês, onde igualmente não podemos verificar a ambiguidade das construções [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>].

Ficou inexplicada a coincidência entre a aceitabilidade da alternância antiacusativa por parte de determinados verbos da classe de maneira de movimento e o fato destes mesmos elementos terem homônimos em PB com estruturas profundas diferentes. Deixamos aqui a sugestão de uma futura investigação.

*Grupo 3* - Finalmente, teríamos um terceiro grupo de verbos de maneira de movimento que se comportaria como os verbos de movimento inerentemente direcionados: [inic, proc, res] INITIATOR<sub>i</sub>, UNDERGOER<sub>i</sub>, RESULTEE<sub>i</sub>. Sob esse ponto de vista, quando interpretamos um verbo de movimento contendo um *resP* em sua estrutura, precisamos considerar que a propriedade deste núcleo *res* é sempre um RHEME estativo. No caso dos verbos de movimento, teremos um nó Place encaixado

aí.

Consequentemente, precisaremos dizer que o DP encaixado sob este nó será o local onde a Figura em movimento termina se por estar (se localizar) como resultado deste. Isto também significa dizer, acima de tudo, que o conceito de Trajetória e Alvo encontram-se dentro do verbo de movimento pontual (no caso, o verbo *pular*) e não na preposição, ficando para esta última o papel de projetar somente a Localização final da Figura.

Não analisamos outros exemplares dos verbos de maneira de movimento que poderiam pertencer a este grupo porque, no início deste trabalho, nos propusemos a analisar apenas dez exemplares desta classe. Admitimos aqui que uma investigação de mais dados empíricos de outros constituintes do Grupo 3 proposto acima teria muito a acrescentar ao estudo da expressão do movimento nas línguas naturais.

Apesar de sentirmos que este trabalho deixou mais questões em aberto do que propôs respostas interessantes para os problemas aqui debatidos, devemos admitir que a jornada trouxe também o seu tanto de bons frutos: fomos capazes de demonstrar, baseados em dados empíricos, que em mais de uma teoria de linhas diferentes (seja ela semântico-cognitiva ou sintático-semântica) há base teórica e empírica para se defender a existência de traços primitivos que governam e restringem as estruturas de superfície das línguas naturais.

Particularmente, no decorrer desta dissertação, constatamos a necessidade de investigar, mais profundamente, as preposições *sobre* e *embaixo de*, assim como seus pares em francês e em inglês, para descobrir claramente quais são seus traços, visto que nesta primeira investigação, elas demonstraram ter uma estrutura mais complexa do que a esperada.

Enfim, mesmo que seja na forma de muitas indagações e algumas poucas sugestões de resposta, esperamos que este trabalho possa ser útil para os colegas que se interessam tanto pela investigação semântica quanto sintática das estruturas e variações das línguas naturais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERG, M. 2005. **O Comportamento semântico lexical das preposições no português brasileiro**. 128f. Tese de Doutorado, UFMG.

BONAMI, O. 1999. **Les constructions du verbe : le cas des groupes propositionnels argumentaux**. Ph.D. Thesis, Université Paris 7.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. 2006. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, v. 14, p. 1-25.

CASTILHO, A. 2004. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In Negri, L., Foltran, M. J., Oliveira, R. P. (orgs): **Sentido e Significação (Em torno da obra de Rodolfo Ilari)**. São Paulo: Ed. Contexto, 11-47.

DOWTY, D. R. 1979. **Word meaning and Montague Grammar: The semantics of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. Dordrecht et al.: D. Reidel Publishing Company.

FÁBREGAS, A. 2007. Tromsø Working Papers on Language & Linguistics: Nordlyd 34.2, special issue on Space, Motion, and Result, ed. by Monika Basic, Marina Pantcheva, Minjeong Son, and Peter Svenonius. **An Exhaustive Lexicalisation Account of Directional Complements**, pp. 165–199. CASTL, Tromsø. Acessível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>

HAY, J. KENNEDY, C. LEVIN, B. 1999. **Scalar Structure Underlies Telicity in “Degree Achievements”**. In Mathews, T. and D. Strolovitch (eds.): **SALT IX**, CLC Publications, Ithaca, 127–144.

JACKENDOFF, Ray (1983). **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press.

KOPECKA, A. 2009. **L'expression du déplacement en français : l'interaction des facteurs sémantiques, aspectuels et pragmatiques dans la construction du sens spatial**. *Langages* 173, pp. 54-75.

KRIFKA, M. 1998. The origins of telicity. In: S. Rothstein (ed.) **Events and Grammar**. Dordrecht: Kluwer.

NONATO, R. B. 2008. **Ainore Boe egore: um estudo descritivo da língua bororo e consequências para a teoria de caso e concordância**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP/SP.

PATCHEVA, M. 2007. Nordlyd 36.1, special issue on Nanosyntax, ed. Peter Svenonius, Gillian Ramchand, Michal Starke, and Knut Tarald Taraldsen. **Directional expressions cross-linguistically: Nanosyntax and lexicalization**, pp. 7–39. CASTL, Tromsø. Acessível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>

PINKER, S. 1989. **Learnability and cognition: The acquisition of argument structure**. Cambridge, MA, US: The MIT Press.

\_\_\_\_\_. 2008. **Do que é feito o pensamento: A língua como janela para a natureza humana**. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras.

RAMCHAND, G. C. 2008. **Verb meaning and the Lexicon: a first phase syntax**. New York: Cambridge University Press.

ROTHSTEIN, S. 2004. **Structuring Events: A Study in the Semantics of Lexical Aspect**. Oxford: Blackwell Publishing.

TALMY, L. 2000. **Toward a Cognitive Semantics**, vol.1 e 2. Cambridge MA: MIT Press.

TENNY, C.L. 1994. **Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface**. Kluwer: Dordrecht.

Universidade Federal do Paraná. 2007. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos**, 3. *CITAÇÕES E NOTAS DE RODAPÉ*. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR.

Universidade Federal do Paraná. 2007. Sistema de Bibliotecas. **Normas para apresentação de documentos científicos**, 4. *REFERÊNCIAS*. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR.

VENDLER, Z. 1967. “Verbs and Times”, **Philosophical Review** 56, 143-160.

## ANEXO 1

QUADROS DE EXEMPLOS EM PB DA CONSTRUÇÃO [V<sub>maneira</sub> + Prep<sub>loc</sub>]

Nos dados abaixo, se encontram dez quadros com exemplos do PB divididos em duas colunas, para contrastar as leituras de mudança de posição, i.e., movimento não direcionado (Leitura 1) vs. de deslocamento, i.e., movimento direcionado (Leitura 2). Ainda, como os verbos *caminhar*, *correr*, *pular* e *voar* apresentaram dados muito interessantes nas suas diferentes leituras ao se encontrarem nas construções aqui trabalhadas, acrescentamos quadros com exemplos autênticos destas línguas para uma possível comparação translinguística.

Quadro 1a. CAMINHAR + em: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
Leitura 1: mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	Leitura 2: movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Roberto Carlos visitou e <b>caminhou</b> no Jardim das Oliveiras.	
Homem é atacado por baleia enquanto <b>caminhava na</b> praia.	
<b>Caminhei na</b> praia aquela tarde, a chuva fina caía congelando minhas bochechas.	
CAMINHAR + sobre: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Pedro <b>caminhou sobre</b> as águas.	
Senti que <b>caminhava sobre</b> gelo fino.	
O homem <b>caminhava sobre</b> as pedras e caiu lá de cima.	
CAMINHAR + embaixo de: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
Ele <b>caminhou em baixo de</b> ervas que penduraram lá para secar, amaldiçoando	

em silêncio quando ele desviou de outra mesa.	
Às vezes passeava pela varanda, outras vezes <b>caminhava em baixo</b> das árvores no quintal.	

Quadro 1b. MARCHER + dans: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
Leitura 1: mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	Leitura 2: movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
<b>Il a marché dans</b> la rue, il l'a caressé et ils se sont promenés..	<b>Il a marché dans</b> la rue, il l'a caressé et ils se sont promenés..
	Il a <b>marché dans</b> la colle que tu as mis par terre...
Jusqu'au matin il a <b>marché dans</b> la maison, pleurant, soupirant...	
MARCHER + sur: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Neil Armstrong, il a <b>marché sur</b> la Lune..	
Il a <b>marché sur</b> l'eau..	
	<b>Il a marché sur</b> la queue du dragon..
CAMINHAR + embaixo de: [V <sub>caminhar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
<b>il a marché sous</b> la pluie tout simplement...	
Il a <b>marché sous</b> l'OVNI avec son père..	Il a <b>marché sous</b> l'OVNI avec son père..

Quadro 2a. CORRER + em: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento –

movimento em A, fim do movimento em A	início do movimento em A, fim do movimento em B
Eu <b>corria no</b> supermercado e sempre fazia besteira.	E ela <b>corre</b> na janela pra me ver, partindo.
Ela cuida do corpo, ela <b>corre</b> na praia.	<b>Corri</b> no meu quarto e peguei o Oleo Sagrado de São Rafael..
Hoje <b>corri</b> na areia da praia em Balneário Camboriu, forcei e senti a panturrilha.	Depois de ler sobre a nova versão, <b>corri</b> no Youtube ver umas cenas do antigo Mágico de Oz.
CORRER + sobre: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Marina, enquanto <b>corria</b> sobre a esteira, fazia uma análise da adversária.	
CORRER + embaixo de: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
O rio <b>corria em baixo da</b> ponte (...)	Ao ouvir o estourar de uma bombinha na rua, o cachorro corria <b>em baixo da</b> cama todo mijado.
Muita água <b>correu</b> embaixo dessa ponte.	Aí a gente <b>correu</b> embaixo de árvores molhadas que molharam a gente.
	...tava dormindo dentro do estacionamento e eu acho que quando fui entrar com o carro ele de susto <b>correu</b> embaixo da roda.
	... e outro dia ouviu muitos fogos de artifício (ano novo ou sei lá), ela <b>correu</b> embaixo da cama.
	Ao chegar na cachoeira todo mundo <b>correu</b> embaixo deixando a toalha a beira do rio.

Quadro 2b. COURIR + dans: [V<sub>correr</sub> + Prep<sub>em</sub>]



<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
	L'enfant se frotta les yeux, enfila ses bottes, son manteau et <b>couru dans</b> le jardin...
	Nous avons couru dans le jardin pour voir comment elle allait...
Ma chienne a couru dans le jardin toute la matinnée..	
COURIR + sur: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Il a <b>couru sur</b> le fabuleux parcours de Hyde Park...	
COURIR + sous: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	Je l' ai grondée, elle a <b>couru sous</b> le lit à cracher et à refuser qu'on...
Bien de l'eau a <b>couru sous</b> ce pont..	
	J'ai soudain pensé avoir été touché par une pierre alors j'ai <b>couru sous</b> le pont...

Quadro 2c. RUN + in: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
He <b>ran in</b> the park one Saturday afternoon..	
	He just went and got his leather shoes, and I thought he wanted to put them on, but he <b>ran in</b> the garden..
The puppy ran in the garden all morning..	
RUN + on: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
A fan <b>ran on</b> the field during the Miami vs. Florida State game...	A fan <b>ran on</b> the field during the Miami vs. Florida State game...

RUN + under: [V <sub>correr</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	... Felix, this morning before he ran under the bed again!
	(My dog) <b>ran under</b> a table, was shaky...
The swift river <b>ran under</b> the bridge in the park...	

Quadro 3. DANÇAR + em: [V <sub>dançar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Sabrina Sato <b>dançou</b> no Faustão	
Rita Cadillac <b>dançava</b> no programa de qual famoso apresentador de TV?	
Outra garota <b>dançava</b> no fosso de segurança em frente ao palco.	
DANÇAR + sobre: [V <sub>dançar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Luiz Baldijão <b>dançou</b> sobre a mesa do chefe na vinheta de abertura da série.	
Nunca seríamos como aquele cara (Elvis) que <b>dançava sobre</b> o palco.	
Ela riu e <b>dançou</b> sobre o campo de túmulos.	
Ela <b>dançava sobre</b> as mesas.	
DANÇAR + embaixo de: [V <sub>dançar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
Eu cantava com uma voz de taquara rachada e <b>dançava em baixo</b> do chuveiro.	

Quadro 4. DESLIZAR + em: [V <sub>deslizar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
<b>Deslizei na</b> cama, fui até minha bolsa e peguei o telefone.	
Senti sua mão <b>deslizando</b> no meu cabelo.	
<b>Deslizei na</b> parede, caí no jardim ao lado.	
O jipe <b>deslizava na</b> lama e a meninada agarrada como podia lá trás.	
Valentino foi um dos que atingiu Simoncelli quando ele <b>deslizava na</b> pista após cair de sua moto.	
DESLIZAR + sobre: [V <sub>deslizar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
<b>Deslizei sobre</b> o balcão um papelzinho com a palavra: HEEMSTEDE-AERDENHOUT.	
O branco apoderou-se e invadiu todo o piso, simplesmente sorri, corri e <b>deslizei sobre</b> o gelo.	
Sem rodas, o barco <b>deslizava sobre</b> as águas.	?Com a ajuda de cabos, deslizamos o barco sobre a água.
O pincel <b>deslizava sobre</b> a madeira ou tela cuidadosamente com finas camadas de tinta colorida.	
O trenó acelerava conforme <b>deslizava sobre</b> a rampa de gelo.	
DESLIZAR + embaixo de: [V <sub>deslizar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	O veículo <b>deslizou em baixo</b> do caminhão.

Quadro 5. ESCORREGAR + em: [V <sub>escorregar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
A pessoa <b>escorregava</b> na neve, se machucava.	
Eu fui correndo pra pegar o melhor balanço, e aí eu <b>escorreguei</b> na lama.	
Já <b>escorregou</b> no corrimão da escada?	
Steven Tyler <b>escorregou</b> no banheiro e perdeu dois dentes.	
Mariah Carey <b>escorregou</b> no palco e caiu.	
ESCORREGAR + sobre: [V <sub>escorregar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Precipitei-me, <b>escorreguei</b> sobre aquele maldito assoalho e pouco faltou para que me arrebetasse o nariz.	
E o sapato velho <b>escorregava</b> sobre o úmido asfalto, onde a chuva recém cessara.	
Enquanto ela corria e <b>escorregava</b> sobre as poças congeladas em direção ao local.	
ESCORREGAR + embaixo de: [V <sub>escorregar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	?Primeiro você <b>escorregou em baixo</b> da mesa e em seguida puxou três agulhas de 4 centímetros cada (...)

Quadro 6. NADAR + em: [V <sub>nadar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Eu <b>nadei</b> na piscina do CEFETRJ.	
Ele <b>nada</b> na lagoa que tem sapo e jacaré.	
A boneca Peixinho <b>nada</b> na piscina ou na banheira.	
Ele <b>nadava</b> na raia 3.	
NADAR + sobre: [V <sub>nadar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Ele <b>nadava sobre</b> a arraia e o espinho dela entrou no seu peito.	
NADAR + embaixo de: [V <sub>nadar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
Certa vez dei um tiro em um pampo de 3 kilos que <b>nadava em baixo</b> das asas de uma arraia xita.	

Quadro 7a. PULAR + em: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
<b>Pulei na</b> avenida / Quatro dias sem parar.	Perdi no truco, <b>pulei na</b> piscina, aposta é aposta.
Agora a pouco, depois do jantar, fui fazer amizade.... ou socializar sei lá... fui me distrair no quintal... <b>pulei na</b> cama elástica e (...)	
	Um peixe <b>pulou no</b> seu barco.
	O local onde a vítima <b>pulou no</b> rio tem pelo menos sete metros de profundidade.

	Durante o trabalho na ferraria uma fagulha em brasa <b>pulou no</b> seu olho.
	O cachorrinho balançava o rabinho, cheirava e <b>pulava no</b> chão e no sofá.
PULAR + sobre: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
	Então eu peguei o balde, <b>pulei sobre</b> o cavalo e fui escolher algumas maçãs.
	Quando criado, o Superman não voava, apenas <b>pulava sobre</b> os prédios.
Ao lado do palco, à frente do mar, uma turma caminhava e <b>pulava sobre</b> uma corda bamba amarrada entre dois coqueiros.	
PULAR + embaixo de: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	Como eu tava perto eu <b>pulei embaixo</b> da tv antes dela cair em cima dele.
	<b>Pulei embaixo</b> de uma poltrona e me encolhi mais o que pude, a porta se abriu.
	A fonte não desligou e o PC continuou funcionando, eu <b>pulei embaixo</b> da mesa e desliguei o estabilizador.
	Eu <b>pulei embaixo</b> de um ônibus para salvar um bem-te-ví.

Quadro 7b. SAUTER + dans: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
	Un poulet a <b>sauté dans</b> un puit...
	Il a <b>sauté dans</b> un taxi..
Elle a <b>sauté dans</b> la piscine...	Elle a <b>sauté dans</b> la piscine...
SAUTER + sur: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	

	Une baleine a <b>sauté sur</b> un petit bateau de plaisance lundi au large de Port Elizabeth (Océan Indien) et l'a fait chavirer, faisant trois blessés...
	Mon chien a <b>sauté sur</b> mon ventre...
SAUTER + sous: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	(Il) a <b>sauté sous</b> le train..
	Il s'est suicidé, il a <b>sauté sous</b> les roues de la voiture...

Quadro 7c. JUMP + in: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
	One of the 100 times she <b>jumped in</b> the pool..
	My initial thought when I <b>jumped in</b> the car was...
JUMP + on: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
	The cat <b>jumped on</b> the mouse...
	My dog <b>jumped on the</b> bed while my boyfriend and I were making out..
My boyfriend <b>jumped on</b> the bed and broke it...	
JUMP + under: [V <sub>pular</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
They <b>jumped under</b> the black umbrella..	
... they <b>jumped under</b> the train when it was moving...	... they <b>jumped under</b> the train when it was moving...

Quadro 8. RASTEJAR + em: [V <sub>rastejar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Enquanto eu me <b>rastejava no</b> chão, ele fugiu.	
<b>Rastejei no</b> chão pra passar por baixa da catraca.	
<b>Rastejei na</b> lama. Em meio à solidão. Da ferida que ainda inflama.	
RASTEJAR + sobre: [V <sub>rastejar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Voltei para trás e <b>rastejei sobre</b> urtigas orvalhadas e silvas para a larga vala que se abria à beira da estrada.	
Lúcio deitou-se no chão e <b>rastejou sobre</b> o tapete apalpando cada canto até encontrá-la.	
A serpente <b>rastejava sobre</b> a terra.	
RASTEJAR + embaixo de: [V <sub>rastejar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
Você <b>rastejou embaixo</b> do arame?	
	?O verme começou fora da cadeira e <b>rastejou embaixo</b> .
	?Posso <b>rastejar em baixo</b> da mesa e desmaiar.
Subiam montanhas, <b>rastejavam sob</b> arame farpado, atravessavam rios.	

Quadro 9. ROLAR + em: [V <sub>rolar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B



	E a <b>bola rolou no gol</b> do Fla...ai, ai..
Se você nunca <b>rolou na grama</b> , me desculpe. Você não teve infância.	
A bola <b>rolou no</b> gramado do Clube dos Quarenta...	
	A <b>BOLA ROLOU NA REDE</b> . OBA! RUI FEZ UM GOL!
Rolei no tapete da sala com amigo do esposo.	
Vei deitei e <b>rolei no</b> chão de tanto rir.	
ROLAR + sobre: [V <sub>rolar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Os pesquisadores descobriram um jeito prático de apontar as coisas na tela, com um dispositivo que <b>rolava sobre</b> a superfície da mesa.	
	Mãe <b>rolou sobre</b> bebê e matou acidentalmente enquanto dormia.
"Eu tenho uma grande tela, joguei tintas nela, me despi e <b>rolei sobre</b> ela"	
<b>Rolava sobre</b> as cobertas desfeitas.	
ROLAR + embaixo de: [V <sub>rolar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	Eu até <b>me rolei embaixo</b> de uma árvore de tanto dar risada, ...
	Eu saltei fora do veículo e <b>rolei embaixo</b> da ponte, colocando-me, assim, a salvo, mas a metralhadora continuava furiosa.
	Acreditem ele nunca gostou de outra coisa a não ser essa bolinha, o pior era quando ela <b>rolava em baixo</b> do fogão ou da geladeira.

Quadro 10a. VOAR + em: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Eu <b>voei no</b> Embraer EMB-135BJ Legacy.	
O governador Sérgio Cabral <b>voou no</b> helicóptero Esquilo, prefixo PR-OMO, minutos antes da queda da aeronave.	
	O dado <b>voou no</b> Antônio Peixoto!
O Airbus A310 da Yemenia que caiu perto das ilhas Comores e teve apenas uma sobrevivente de 14 anos já <b>voou no</b> Brasil com as cores da (...)	
A garça <b>voou no</b> céu até que bateu em um motoqueiro.	(...) bateu de frente na moto de Marco Antônio, que <b>voou no</b> parabrisa do carro.
Ataque de águias derruba russo que <b>voava no</b> Himalaia.	
	Um <b>motoqueiro voou no</b> canteiro perto de uma pastelaria (...)
VOAR + sobre: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
Ontem <b>voei sobre</b> o Atlântico sob a lua cheia e amanhã aterrisso no palco do DC Navegantes.	
Hoje <b>voei sobre</b> Goiânia com o tempo perfeito e controle colaborou.	
Uma gaivota <b>voava sobre</b> o Tejo.	
Sonhei que uma bruxa <b>voava sobre</b> mim.	
VOAR + embaixo de: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
	<i>Foi quando Cassini <b>voou embaixo de</b> Encélado. Foi um voo bem baixo, somente alguns quilômetros acima da superfície.*</i>
	<i>Foi aí que o bicho audacioso <b>voou</b></i>

	<i><b>embaixo</b> do meu nariz que doeu nos ouvidos.*</i>
--	---

Quadro 10b. VOLER + dans: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
Un second exemplaire de l'Airbus A400M a <b>volé dans</b> le ciel de Séville..	
	Un oiseau a <b>volé dans</b> la maison, et ils tentent de l'atirer vers la sortie...
VOLER + sur: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
	Pendant qu'il parlait de ce fait un oiseau <b>a volé</b> sur sa bonne main, un aigle avec ...
VOLER + sous: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
C'est l'histoire de l'avion qui a <b>volé sous</b> la Tour : un jour un type est passé sous la Tour Eiffel avec un petit avion...	

Quadro 10c. FLY + in: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>em</sub> ]	
<b>Leitura 1:</b> mudança de posição – início do movimento em A, fim do movimento em A	<b>Leitura 2:</b> movimento direcionado, deslocamento – início do movimento em A, fim do movimento em B
He <b>flew in</b> the X-15 to an altitude of 280,600 feet...	
He flew in the Israeli Air Force..	
FLY + on: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>sobre</sub> ]	
He <b>flew on</b> the second NASA space shuttle mission to dock with the Russian space station...	
FLY + under: [V <sub>voar</sub> + Prep <sub>embaixo de</sub> ]	
The Vitagraph Film Company had him shoot the first aerial footage of New York	

City where he <b>flew under</b> the Brooklyn Bridge...	
--	--

\*Nestes últimos exemplos do PB, ficamos em dúvida se o lugar introduzido pela preposição pode ser considerado o alvo do movimento, ou se, nestes casos, não seria nem a fonte nem o alvo daquele, como nas construções [V<sub>pular</sub>+ Prep<sub>sobre</sub>] e [V<sub>voar</sub>+ Prep<sub>sobre</sub>].